Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 1972 - N.º 17739-ANO 52.º-PREÇO 1$50

Apesar do protesto soviético

Nixon prepara viagem a Moscovo

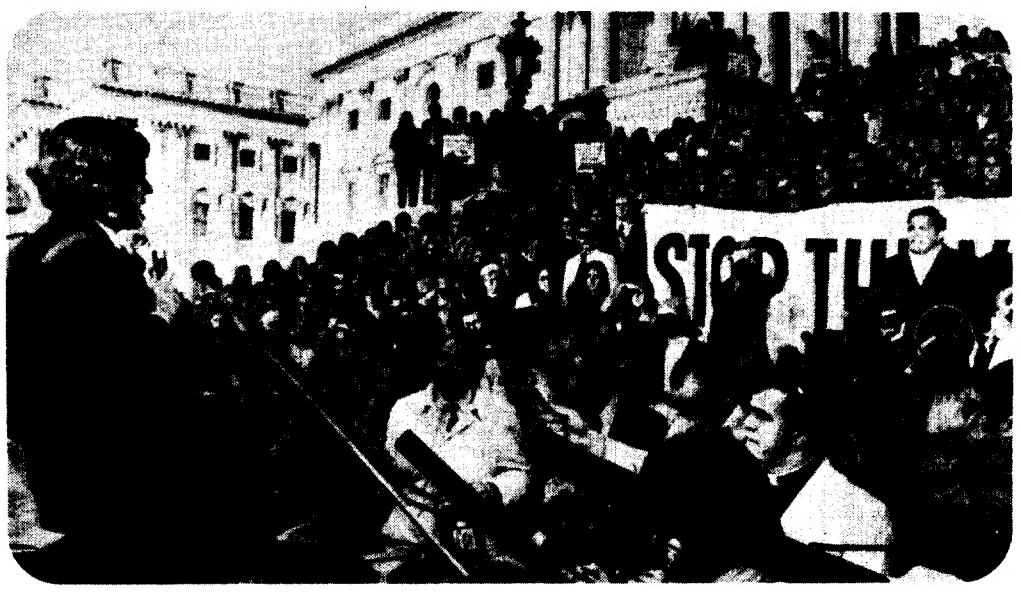
Nixon recebeu Patolichev

Em círculos oficiais norte-americanos aumenta a convicção de que a «cimeira» de Moscovo se realizará, apesar do protesto ontem apresentado pelo Kremlin contra o bloqueio dos portos norte-vietnamitas. Contudo, a incerteza persistia ao mesmo tempo que o presidente Nixon partia de helicóptero para a residência de Camp David, a fim de preparar a visita aos dirigentes soviéticos. Sempre enigmático, o conselheiro Henry Kissinger disse não saber se a «cimeira» se realizaria.

Nikolai Patolichev, ministro soviético do Comércio Exterior, encontrou-se ontem com Nixon numa visita que foi descrita como «cortezia». Patolichev disse aos jornalistas nada saber que o levasse a pensar que a «cimeira» de Moscovo seria cancelada.

Observadores pensam que, no caso de se realizar, a «cimeira» incidirá preponderantemente sobre a questão da Indochina, a qual a coloca em risco, por um lado, e a torna mais necessária que nunca, por outro. Círculos de Washington pensam que a declaração de Moscovo sobre o bloqueio pode ter como fim o ganhar tempo para se estudar uma decisão final.

No teatro da guerra, aviões B-52, com uma intensidade sem precedentes, efectuaram 19 raides violentíssimos para tentarem impedir o colapso da cidade de An Loc. Em resposta, os atacantes fizeram uma, também muito violenta, barragem com artilharia, morteiros e foguetões. No Vietname do Norte, o governo parece ter ordenado a evacuação da capital, ao mesmo tempo que reivindicava o derrube de 22 aviões americanos, desde que os portos foram minados. Por outro lado, fontes de Saigão informaram que o número de raides da aviação contra o Vietname do Norte tinha sido menor que no dia anterior.



Kennedy falando ontem, em Washington, contra as medidas de Nixon

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

TEEN

Rita

Vera Maria

Luisa Rosa

AGERS

Estas três encantadoras jovens já foram princesas das «Teen Agers» Se você, leitora, tem entre 14 e 19 anos, pode ser a próxima. As inscrições terminam no dia 20, inpreterivelmente. As finais mundiais serão em Munique e Berlim. (Págs. int.)

400 assaltos em Lisboa

Desde o fim de Janeiro até hoje registaram-se em Lisboa e arredores cerca de 400 assaltos por arrombamento, escalamento e chave falsa. O alvo principal dos assaltantes tem sido os estabelecimentos de electro domésticos, seguindo-se as lojas de roupas, as tabacarias, as charcutarias e, por fim, as residências particulares.

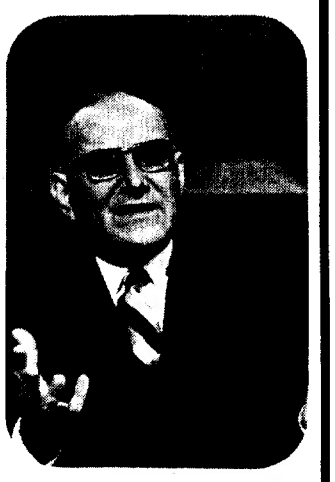
Globalmente, o número é de causar apreensão. Se lhe juntarmos mais umas centenas de roubos de automóveis, a apreensão aumenta, ressaltando a falta de policiamento adequado na cidade, sobretudo à noite, e outras causas que tendem a agravar a onda de delinquência.

A extrema ligeireza do código penal em relação a alguns crimes muito frequentes, como a dos roubos de automóveis, é literalmente um estímulo à reincidência. Além disso, não são poucos os casos em que o delinquente, uma vez identificado e notificado, aguarda em liberdade a data do julgamento.

Também a facilidade com que actuam os «especialistas» em electrodomésticos, fazendo verdadeiras razias e pequenas fortunas com o produto dos seus roubos, e o desplante com que são atacadas pessoas na rua e não raro em pleno dia, espelham bem a extrema fragilidade de uma cobertura policial que deverá ser reforçada urgentemente sob pena de Lisboa se tornar uma cidade cada vez mais perigosa para o cidadão comum.

Marcello: gostaria de ter suprimido a censura quando cheguei ao Governo

Explicar os actos de maior relevo que correspondem ao desenvolvimento da política do Governo e fazer participar os cidadãos das preocupações do Poder — foram os propósitos da «Conversa em Família» ontem à noite proferida pelo Presidente do Conselho, Marcello Caetano, através da Rádio e da TV. O Chefe do Governo, que declarou continuar «atentíssimo» ao problema do custo de vida, referiu-se pormenorizadamente à nova Lei Orgânica do Ultramar, ao Estatuto da Imprensa, à situação da propriedade rural e à viagem do Presidente da República ao Brasil. (Súmula nas págs. int).



Marcello na TV

REBELO DE SOUSA:

-Construir uma sociedade onde as diferenças não sejam chocantes

«Importa construir uma sociedade onde as diferenças não sejam chocantes nem a solidariedade uma palavra vã. Sociedade constituída por um povo mais são, mais rico e mais feliz — declarou Rebelo de Sousa, ministro das Corporações e da Saúde ao ser homenageado na Figueira da Foz pelas autoridades locais, no decurso da sua visita ao distrito de Coimbra.

O ministro, acompanhado do subsecretário do Trabalho, dr. Nogueira de Brito, esteve ontem em Mira, Maiorca, Cantanhede, Montemor-o Velho, Figueira da Foz, Soure e Santa Clara. Hoje visita o Porto.

A dr.ª Maria Teresa Lobo, subsecretária da Saúde e Assistência, visitou ontem por seu turno, a cidade de Leiria, onde presidiu a uma reunião de trabalhos na Câmara Municipal.

Entretanto, foi anunciado que o ministro Rui Sanches, das Obras Públicas e Comunicações, visitará o distrito de Ponta Delgada entre 14 e 18 de Maio.

O CHEFE DO ESTADO RECEBEU MARCELLO CAETANO

O Chefe do Estado, almirante Américo Thomaz, recebeu, ontem, no Palácio de Belém, o prof. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros.

Também ontem, Marcello Caetano recebeu Milles Guerra, deputado liberal pelo círculo do Porto.

ELEIÇÃO DO CHEFE DO ESTADO

Foi apresentada no Governo Civil do Porto uma lista de candidatos a representantes municipais do distrito no colégio eleitoral que em Junho elegerá o Presidente da República. Também no Governo Civil de Beja deu entrada uma lista idêntica. Até agora não foi apresentada, em qualquer distrito, mais do que uma lista.

Entretanto, foi também apresentada em Angola uma lista de candidatos a representantes do Conselho Legislativo local à eleição do Chefe do Estado.

OFICIAL REINTEGRADO

Segundo se lê na «Ordem da Armada» agora distribuida, o Governo mandou promover ao posto de capitão-de-mar-e-guerra o primeiro-tenente Bernardino Nogueira, assim reintegrado na situação de reserva com a pensão correspondente a 40 anos de serviço militar.

Trata-se de um pioneiro da nossa aviação naval, com valiosos serviços prestados ao País. Muito novo, foi encarregado da Base da Aviação Naval de Lisboa. Caloroso defensor da causa dos Aliados durante a guerra, sofreu por isso transtornos e perseguições que afectaram a sua carreira.

PROCISSÃO DA SENHORA DA SAÚDE

Efectua-se no próximo domingo a procissão de Nossa Senhora da Saúde, de largas tradições na vida religiosa de Lisboa.

A cerimónia — que tradicionalmente se efectua na quinta-feira mais próxima do dia 20 de Abril, data em que em 1570 decorreu a primeira procissão — realiza-se este ano em data diferente para permitir a presença do Chefe do Estado, há pouco regressado do Brasil.

VITELA BRANCA

EM LISBOA NO

SUPERMERCADO AGUIAR

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 68 a 72

TEL. 40863 - 532831

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

ANDAR

AVENIDA DA REPÚBLICA

Em prédio de construç. moderna, com magníficos acabamentos, muito bem localizado, composto de 6 magníficas div. soalhadas, 3 c/ banho, cozinha, desp.ª, marq. e hall. PREÇO 1 600 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telefs. 369384 5/6 — 328232/3 — 361756

Ribatejo, Sol e Touros

14 DE MAIO — CALDAS DA RAINHA

ASSISTA A UMA TOURADA À PORTUGUESA, DEPOIS DE UM «PETISCO» EM PLENA LEZÍRIA, DA ESTADA EM SANTARÉM E DE TER PARTICIPADO NUM ALMOÇO REGIONAL, DURANTE O QUAL SERÁ APRESENTADO UM RANCHO FOLCLÓRICO LOCAL

MAIS UMA ORGANIZAÇÃO

WASTEELS EXPRESSO

PEÇA PROGRAMA DETALHADO E INSCREVA-SE NA

AV. ANT. AUG. AGUIAR, 88-C — TEL. 42185/6/7
OU R. CAM. DE FERRO, 82-C — TEL.868588/9
OU, AINDA, NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

— Serviço de Música —

GRANDE AUDITÓRIO

Sábado, 13, às 21.30 horas
Domingo, 14, às 18.30 horas

MURRAY LOUIS DANCE COMPANY

PROXIMITIES
CALLIGRAPH FOR MARTYRES
HOOPLA

Coreografias de MURRAY LOUIS

PREÇOS: Sábado — 80$00, 60$00 e 35$00
Domingo — 60$00, 40$00 e 25$00
50% de desconto a estudantes
GRUPO A — m/ 6 anos

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Aviso aos consumidores

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º — Sector — **Conselho de Lisboa:** Bairro Alto da Ajuda — Ruas 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28 e Rua dos Marcos n.ºs pares. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua do Ouro de 157 a 203. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua dos Correeiros de 145 a 191. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Rua General Leman de 2 a 8 e 5 a 27, Rua Portugal Durão de 2 a 38 e 11 a 27, Rua Filipe da Mata 20. (Das 8 às 12).

10.º — Sector — Est.ª Paço do Lumiar entre a Horta Nova e o Largo da Luz. (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Rua Vale Formoso de Cima entre os n.ºs 100 e 182 e 57 a 165, Av.ª Infante D. Henrique 155, Quinta do Leal, Quintas do Sim Sim e Alfenim. (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Rua Cláudio Nunes de 57 a 113 e 38 a 112-A, Estrada dos Arneiros lotes junto à Rua Cláudio Nunes. (Das 8 às 12).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras: CARNAXIDE:** Portela de Carnaxide e Romeiras e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — Tercena e Santo António de Tercena. (Das 8 às 12 horas).

3.ª — Zona — **Concelho de Cascais: S. JOÃO DO ESTORIL:** Rua João António Gaspar, Av.ª Mem Ramirez, Rua do Monte Leite e Monte Leite, Rua de Santa Rita, Rua da Igreja, Rua Val do Rio, Trav.ª Santa Rita e imediações. (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — Trajouce e Casal Clérigo. (Das 8 às 14 horas).

5.ª — Zona — **ABÓBADA:** Conceição da Abóbada, Outeiro de Polima e Casal do Clérigo. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — Alcabideche, L.º das Fisgas, Largo 5 de Outubro, L.º da Igreja. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — **CASCAIS:** Bairro da Assunção e Bairro da Pampilheira, Av.ª do Ultramar, Rua Julio Dinís, Rua Julio Dantas, Rua Silva Góis, Rua Afonso Lopes Vieira, Rua José Florindo e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **Concelho de Sintra: BANZÃO:** Rua do Pinhal e Rua Aloa e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **Concelho de Mafra:** Venda do Pinheiro (parte) (Das 7 às 15).

10.ª — Zona — **MILHARADO:** Póvoa da Galega e Asseiceira Grande. (Das 7 às 15).

11.ª — Zona — Foz do Lisandro. (Das 7 às 15 horas).

12.ª — Zona — Sobreiro. (Das 7 às 15 horas).

13.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca: VILA FRANCA DE XIRA:** Rua Joaquim Pedro Monteiro, Rua do Curado, Rua Sacadura Cabral, Rua Serpa Pinto, L.º Marquês de Pombal, Rua Palha Blanco (parte), Rua Miguel Bombarda (parte), Cd.ª Fonte Nova, Est.ª Pedra Furada, P.ª Jornal Vida Ribatejana, Rua João José Nascimento Costa, Rua António Lucio Batista e imediações, Povos (parte) e toda a margem esquerda do Tejo (Lezirias). (Das 8 às 14 horas).

14.ª — Zona — Castanheira - Estrada Nacional. (Das 8 às 14 horas).

15.ª — Zona — **Concelho de Alenquer:** Paiol, Arneiro. (Das 8 às 14 horas).

16.ª — Zona — Toda a rede de B. T. Merceana. (Das 8 às 14 horas).

17.ª — Zona — Toda a rede de B. T. de Ota. (Das 8 às 14 horas).

18.ª — Zona — **Concelho de Torres Vedras:** Maxial, Aldeia Grande, Ermigueira, Sarge, Monte Redondo. (Das 7 às 14 horas).

morrison

Aprender a viver...

...uma mensagem de amor e alegria

Patrocinadas pelo «Movimento dos Homens Cristãos de Negócios», realizam-se até 13 de Maio, sessões diárias no Pavilhão dos Desportos, onde falará o notável orador **Dr. John Haggai.** Estas sessões têm lugar às 21 horas nos dias de semana e às 17 horas aos domingos, estando integradas na Campanha de difusão da Mensagem de Cristo.

Nelas poderá encontrar um novo caminho para si, um caminho para uma vida mais feliz, mais cheia de sentido, num convívio de saudável alegria, onde a música e o canto serão um dos motivos predominantes. Venha juntar-se a nós.

Colaboração de eminentes músicos da Inglaterra, U.S.A., corais nacionais e coro Bach.

Os convites são distribuidos gratuitamente nas bilheteiras do Pavilhão dos Desportos, a partir das 18 horas nos dias de semana, e das 14 horas aos Domingos.

Opinião

AS (DEZ)HARMONIAS DA MÚSICA

Não tem o ensino das artes sido pacífico no nosso País, ou, pelo contrário, tem-no sido ao ponto de fàcilmente se confundir com a paz do túmulo ou a inérica dos órgãos esclerosados... Confia-se muito nas virtudes miríficas da intuição, na mil vezes proclamada capacidade lusitana de adaptação, as quais, uma e outra, se fizeram de nós, algumas vezes, excelentes epígonos, só muito raramente nos deram grandes criadores...

Afortunadamente (mais vale tarde do que nunca), começa-se a desconfiar, enfim, daquilo que dá a cepa natural... já as pessoas interessadas se debruçam para os problemas, já dialogam, já forçam a análise e a compreensão dos factos — e nesta prática elas mesmas se surpreendem com certas conclusões a que chegam, com a súbita «descoberta» do que afinal estava à vista, mas não fora formulado antes. Descobrir a evidência é o primeiro, e às vezes o mais difícil passo...

Estas observações vêm a talhe do colóquio organizado pela Secção Artística do Sindicato Nacional dos Professores com o fim de recolher opiniões sobre as experiências pedagógicas que se estão a efectuar no Conservatório Nacional e ainda sobre a Reforma em estudo daquele estabelecimento oficial de ensino artístico.

Segundo uma das conclussões, verifica-se «a impossibilidade de realização em quatro anos do programa estabelecido, a título experimental, para a educação musical básica». E afirma-se que «o problema artístico português implica ainda a reforma da disciplina de Música nas Escolas do Ciclo Preparatório nos Liceus, nas Escolas de Educadoras de Infância e nas do Magistério Primário. Deveria ser integrada no mesmo sistema de obrigatoriedade verificado para as outras disciplinas que fazem parte dos estudos dos respectivos estabelecimentos de ensino e com programação adequada».

Aqui se põe o dedo na ferida, como é uso dizer-se, e doer... De mais sabemos nós quanto é breve a «esperança de vida» das conclusões ou recomendações de colóquios e conferências: em regra, a sua irradiação pouco mais longe vai que o círculo restrito que as elaborou. Mas se se quiser que a arte musical deixe de ser o que é, uma espécie de parente pobre da cultura, donde emergem poucos executantes, raros solistas de valor, raríssimos compositores — não se encontra outra solução que não seja a de «verticalizar» o ensino da música, desde o jardim de infância até ao grau secundário. A partir daqui, continuar os estudos no Conservatório passará a ser como um impulso espontâneo, propiciado numa prática convivente com a arte.

Como professores de música que são, os participantes deste colóquio sabem do que falam. É-lhes devida a atenção que até agora lhes foi recusada ou displicentemente concedida: se as entidades a quem compete decidir não encaram sèriamente a situação, o futuro da música, entre nós, limitar-se-á à passagem meteórica de orquestras e de solistas estrangeiros, enquanto os portugueses se resignarão a sentar-se nas cadeiras das salas de concertos, com as suas vocações frustradas. Irremediàvelmente.

Nada, porém, se faz sem dinheiro. Regatear verbas, será eternizar a mediocridade. Confiar no mecenato, seria fugir a deveres próprios. A situação da música em Portugal tem vindo a degradar-se progressivamente sob uma aparência de vida intensa, que é sobretudo mundana. Ora, se é importante que ouçamos música, mais importante será que a toquemos...

Ensinar a andar

Para lutar contra os acidentes nas estradas francesas, a protecção civil procura, cada vez mais, educar as crianças, o mais cedo possível, ensinando-lhes o código, as grandes leis da circulação, dando-lhes, desde os mais tenros anos, uma «boa moral» de condutores. A partir de 1 de Janeiro, passou a ser obrigatório nas escolas, meia hora por semana, o ensino do Código da Estrada.

No último Salão da Infância, a Gendarmerie Nationale, em colaboração com a Prévention Routiére, apresentava o «auto-código eléctrico» aparelho que permitia aos jovens avaliar a qualidade do seu saber. Testes de travagem foram organizados por meio de duas motocicletas: os jovens condutores, colocados defronte de uma tela na qual se desenrolava um filme, tinham a impressão de conduzirem realmente na estrada, onde surgiam obstáculos imprevistos...

Mas para as crianças muito novas, mesmo que conheçam muito bem o seu código; as viaturas constituem um perigo. Estudos realizados na Suécia revelam que só por alturas dos doze anos é que a criança atinge um grau suficiente de maturidade como peão.

O Código da Estrada na escola e os cursos de socorro rodoviário, ensinando os gestos que se impõem perante um ferido na estrada, poderiam dar nascimento a uma geração de condutores advertidos e prudentes.

A profecia da irmã Lúcia

Em Bilbau, segundo informam as agências noticiosas, reina o pânico (pelo menos entre uma parte da população da cidade...) por causa de boatos postos a correr, segundo os quais morreriam no sábado «todas as crianças e bebés»... De certo modo, iríamos assistir a uma nova «matança dos inocentes», absolutamente desconcertante, esta, pois teria sido anunciada pela Irmã Lúcia, última testemunha da aparição de Fátima: para uma religião que proclama o amor universal, a profecia é bastante incómoda...

Felizmente, a esperança dos homens tem sempre recursos para sobreviver contra os maus agoiros. Os jornais e a rádio lançam apelos à calma, lembrando que já em 1960 circularam boatos que anunciavam três dias de trevas completas, como o que só vieram a ganhar os negociantes de velas... Quanto ao sol, esse, alheio ás loucuras terrestres, não deixou de brilhar pontualmente, ás horas cartas...

No caso que assusta agora Bilbau, conta-se com outra importante ajuda: as mães angustiadas têm ao seu dispor o chamado «telefonema da esperança»: na outra ponta da linha, um padre franciscano, de serviço permanente, acalma as almas inquietas...

Porém, se estivéssemos no seu lugar, não seríamos tão confiantes: tal como vai o mundo (olhe-se com atenção para o que se passa no Vietname) quem garantirá que a «profecia» da Irmã Lúcia não vem a cumprir-se? Mas então não serão apenas as crianças as vítimas escolhidas (para quê? para fazer anjos?): o lote dos sacrificados será muito maior...

Decididamente, a loucura alastra, a superstição agrava-se, os esforços da inteligência são cerceados por uma vaga de obscurantismo que vai enraizar-se, hàbilmente, em ancestrais pavores da humanidade...

EDUARDO GEADA

UM DIÁLOGO PRODUTIVO

Raramente se terá escrito tanto em Portugal sobre cinema e, mais concretamente, sobre o cinema nacional. Razões de vária ordem explicam que tal suceda. Uma delas não deixará de ser o nível de execução técnica e a honestidade das propostas que os filmes dos novos cineastas apresentam. Quer dizer que se outra vantagem não tivessem, os filmes da nova geração vieram provar por A mais B, do «Belarmino» à «Abelha», a incompetência anteriormente predominante.

É evidente que nem toda a gente tem defendido os novos filmes, nem todos os filmes são efectivamente, obras-primas. A este propósito, muitos jornalistas têm-se insurgido, com alguma razão, contra a inflação de adjectivos que por aí proliferam a propósito dos jovens e dos menos jovens realizadores portugueses. «Então se o Manuel de Oliveira é um génio, o que é que vamos chamar amanhã ao Orson Welles, ao Bergman ou ao Renoír?» — já houve quem perguntasse.

Ora o problema não está, parece-me, nem na abundância de adjectivos nem nas leituras banais ou erradas, melhor dizendo pouco legítimas, que por vezes se têm feito dos filmes portugueses. Do entusiasmo desmedido ao derrotismo conformista, os artigos existem para se lerem, isto é, para se porem em causa, tal como os filmes. E julgo ser esta a segunda grande vantagem do novo cinema português: os filmes são vistos e são discutidos. Sem hesitação, quase sempre apaixonadamente. E ainda bem.

É claro que, de vez em quando, lá vêm os catedráticos de serviço perguntar se serão estes os caminhos para o cinema nacional. Se não seria melhor fazer filmes mais acessíveis ao grande público. Se...Pois é! Saber qual é o caminho ideal do cinema português é ter na manga um receituário de normas e de chavões que por enquanto, corajosamente, os novos cineastas têm recusado.

Creio bem que ser cineasta não é saber o que é o cinema mas, justamente, tentar descobrir pela teoria, pela prática, pelo risco e pela experiência, o que pode ser afinal o cinema. Sempre desconfiei daqueles que afirmam tranquilos saber o que é o cinema, porque esses são, normalmente, os funcionários mais medíocres ao serviço dos interesses da indústria estabelecida.

No Brasil, por exemplo, existe um Glauber Rocha, um Carlos Diegues, um Pedro de Andrade. Mas quantos são os que fazem anualmente a centena de filmes de que ninguém fala? Dos «Cahiers» saiu o espírito do novo cinema e a França viu nascer um Godard, um Rivette, um Rouch, um Resnais, um Truffaut, um Garrel. É considerável. Mas quantos morrem diàriamente incógnitos para servir o aparelho burocrático da Gaumont ou favorecer as caretas do Funès?

Quantos cineastas e funcionários de realização existem em Portugal? E contudo temos um Manuel de Oliveira, um Fernando Lopes, um Paulo Rocha, um António Pedro Vasconcelos, um Seixas Santos, entre outros. Não é tão mau como isso. Os críticos de Nice que o digam!

O novo cinema português enferma de alguns equívocos evidentes? Alguns filmes são mais o reflexo de um falhanço, a confissão de um desejo, do que um orgulho e uma segurança disfarçados? É verdade, e convém que se repita para que o mito não corte pela raiz uma realidade que é preciso analisar com muito cuidado. Não é benevolência que os novos cineastas pedem, é rigor e atenção. Os filmes são difíceis? Serão, mas essa é a melhor maneira de dizerem ao público quanto o respeitam e como dele exigem, de uma vez para sempre, a abertura de um diálogo produtivo.

URBANO TAVARES RODRIGUES

A CULTURA RECUPERADA

Com o avanço da automatização, importa hoje mais, do ponto de vista da eficácia, medir o rendimento das máquinas do que o dos homens, de onde a possibilidade de um nivelamento salarial e de uma construção inteiramente nova da vida. A revolução tecnológica põe agudamente o problema da relação do trabalhador com os outros grupos sociais. Simplesmente, o que amiúde se verifica nas sociedades neo-capitalistas, chamadas de consumo (e que nem sempre merecem esta classificação, porque não raro nelas só há consumo parcial) é a integração social e cultural dos produtores, ou operários **lato sensu**, no **statu quo**. A esta alteração de consciência não é alheia a acção da cultura de massas como não o são os programas de especialização levados às últimas consequências. Umberto Eco escreve, no seu prefácio a «A Indústria da Cultura»: A partir do momento em que um dos males da sociedade industrial avançada é exactamente a parcelização das perspectivas, a especialização fanatizada aparece como uma das armas de sobrevivência mediante as quais o sistema, impedindo cada um dos indivíduos de o abordar na totalidade, se salva sobre as suas cabeças de abelhas laboriosas e míopes.

Estão por fazer, praticamente, entre nós (e são ainda raras no mundo contemporâneo) as pesquisas e as análises dos novos meios de comunicação: rádio, TV, disco, anúncio, **comics**, fotonovela, etc. Não há que recuar, presunçosamente, ante tarefas que possam parecer diminutivas, por se considerarem culturalmente inferiores esses «veículos». O conhecimento sociológico, para atingir as sínteses clarificadoras, não dispensa essa só aparentemente modesta tarefa. Aliás, isto se torna entre nós tanto mais importante e urgente quanto, na verdade, a literatura «nobre», de ficção ou de ensaio criador e mesmo de informação ao nível do estudo antropológico, da geografia humana e da alta reportagem se acha encerrada, pelo custo proibitivo dos livros, no círculo de uma burguesia liberal da qual emana e que a consome.

Estive, há pouco mais de uma semana, com o Mário Ventura, numa sociedade recreativa de Sacavém, de feição bem operária, que tinha organizado uma exposição livreira e pràticamente vendia os volumes (caros) que as editoras lhe haviam enviado... a aquisitores da classe média. Os econòmicamente débeis compravam, quando muito, os livros mais baratos. De onde se conclui, por um lado, que o escritor (e éramos dois ali, envergonhadamente, presentes) se vê compelido pela engrenagem, pela própria estrutura do sistema que ilusòriamente julga denunciar ou pôr em causa, a cooperar com a indústria de uma cultura que exclui os seus leitores virtualmente mais desejados.

Quais os remédios?, ocorre perguntar. A criação de uma literatura de **underground, ro**neotipada, difundida por processos elementares? Mas, convenhamos, por muito que nela se empenhassem os escritores empenhados, seriam ainda assim diminutos os efeitos, até pela inviabilidade de criação de um mercado amplo sem máquina de expansão (e as condições da sociedade tecnológica só consentem, quando consentem, em pequenas comunidades, esse género de circulação cultural próxima da manufactura).

ELEIÇÃO DA PRINCESA DAS "TEEN AGERS" PORTUGUESA 1972

Inscrições até ao dia 20

Desde 1968 que a Bayer tem colaborado com o «Diário de Lisboa» na eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, iniciativa que o nosso jornal vai realizar pela quarta vez. Este ano a Bayer está de novo presente no concurso das «Teen-Agers» para cujo êxito tem contribuído largamente.

Como nos anos anteriores a Bayer oferecerá a cada uma das finalistas um vestido em Dralon bem como um corte de tecido também em Dralon, além de 500 escudos em dinheiro importância que se destina à confecção do vestido, segundo um figurino à escolha de cada concorrente.

Mas a colaboração da Bayer não se resume apenas aos cortes de tecido e aos fatos em Dralon. Assim, no dia 2 de Junho a Bayer oferece aos membros do júri e às finalistas um almoço num Hotel de Lisboa. Este almoço é já uma tradição no programa da eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas e proporciona ao júri a primeira oportunidade de convívio com as finalistas escolhidas, seguindo-se depois uma série de entrevistas já para efeitos de classificação. Claro que o termo classificação não pode considerar-se verdadeiramente exacto pois, tal como tem acontecido nos anos anteriores, tudo decorre numa forma de convívio agradável de modo a afastar o mais possível o aspecto de um exame ou de uma selecção. E têm sido as próprias candidatas a estabelecerem quase sempre uma classificação coincidente com a do júri. De resto todas as fases do concurso se caracterizam por ambiente informal que são as próprias candidatas a criar com facilidade.

Este ano, por motivos diversos, o prazo de inscrição para a eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas é um pouco mais reduzido terminando já no próximo dia 20. Lembramos, portanto, que tem já poucos dias para enviar a sua inscrição. Mas se você é uma jovem moderna e tem mais de 14 anos e menos de 19 não hesite. Envie o seu boletim hoje mesmo acompanhado de uma fotografia de busto e outra de corpo inteiro. Quem sabe se não será você mesmo a Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas? O ano passado o título foi para uma jovem portuense — Luísa Rosa Marinho — que de repente viu consideràvelmente alargados os seus horizontes e pôde realizar a sua primeira viagem ao estrangeiro. Este ano a vencedora da eleição nacional — a Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas — irá a Munique e a Berlim participar na eleição mundial. Além dessa viagem, que é já um prémio aliciante e lhe permitirá viver todo o ambiente dos Jogos Olímpicos, a jovem portuguesa que vencer terá ainda muitos outros prémios. E quem não vencer, sendo apenas simples finalista, também não ficará esquecida. A lista de prémios que dentro de dias divulgaremos, é bastante completa, contendo desde magníficos produtos de beleza da Revlon, a muitas outras coisas que todas as jovens desejam possuir mas que nem sempre são fàcilmente acessíveis.

cupão de inscrição N.º

NOME

MORADA TELEF.

LOCALIDADE

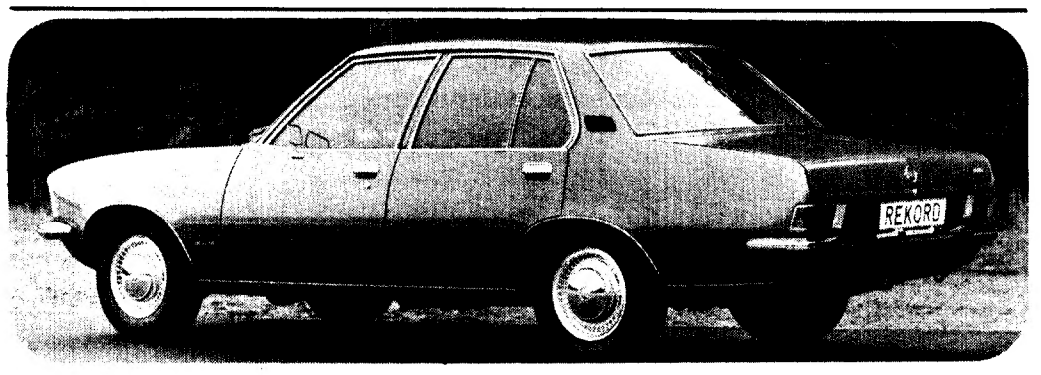
DIA DO NASCIMENTO DE DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE

BAYER

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa 1

DL



Novo "Opel Rekord" apresentado à imprensa

No decorrer de um «show» especial realizado no Casino Estoril, à General Motors apresentou ontem à Imprensa e aos seus Concessionários, os novos modelos Opel Rekord III, viaturas já há tempos ensaiada pela Imprensa internacional em Nice.

O Opel Rekord II é, uma viatura inteiramente nova. O seu motor fornece agora 97 HP DIN. Tem árvore de cames à cabeça, cambota com cinco apoios e «touches» hidráulicas. Para responder às normas actualmente exigidas em diversos países está equipado com um sistema de gases de escape anti-poluição.

Além da sua nova suspensão, com barras estabilizadas atrás e à frente e molas helicoidais de efeitos progressivo, o Opel Rekord II está equipado com um completo dispositivo direccional de segurança. Os travões são de disco à frente e tambor atrás, assistidos por servo-freio.

As principais características são: motor de 4 cilindros com 1897 cc, taxa de compressão de 9, 8: 1; 97 HP DIN; aceleração de 0 a 100 km em 14 segundos; velocidade máxima 165 km/h.

TRISTANA

amor perverso

«São — e o grande cinema é isso — imagens que nunca esquecem e que até se desdobram, dentro de nós, noutras dilacerantes imagens...»

Urbano Tavares Rodrigues (em «O Século»)

«Tristana» é um obrigatório ponto de encontro».

Tito Lívio (em «Diário Popular»)

«Rememoro «Tristana», essa obra-prima (...) do grande mestre espanhol».

José Cardoso Pires (em «Diário de Lisboa»)

«Tristana» é soberbo! É um filme que fascinará mesmo aqueles que entrem no mundo de Buñuel pela primeira vez».

Vincent Canby (in «New York Times»)

«Catherine Deneuve responde maravilhosamente ao seu realizador transformando-se da suave, submissa e virginal criança numa áspera e frágil mulher».

Kathleen Carroll (in «Daily News»)

«Um universo completamente Buñueliano — e que talento! Uma notável variedade de ideias e sensações».

Alex Keneas (in «Newsweek»)

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

5.ª SEMANA

GRUPO D - 18 ANOS

COLORIDO

LONDRES

às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

CONCERTO PARA UMA PISTOLA SOLISTA

WEEKEND MURDERS

Foi aqui que ela encontrou o primeiro corpo...

não acreditará onde foram encontrados os outros!

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta um filme MGM

ANNA MOFFO no filme de MICHELE LUPO com EVELINE STEWART PETER BALDWIN LANCE PERCIVAL GIACOMO ROSSI STUART CHRISTOPHER CHITTEL MARISA FABBRI BERYL CUNNINGHAM ORCHIDEA DE SANTIS e GASTONE MOSCHIN Argum. de FABIO PITTORRU e MASSIMO FELISATTI TECHNICOLOR TECHNISCOPE

GRUPO D - 18 ANOS

HOJE ESTREIA NO EDEN

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Ele hesitou entre duas mulheres... o passado e o futuro... a realidade e a tentação do sonho!

Viagem entre mulheres

LA MODIFICATION

SYLVA KOSCINA MAURICE RONET EMMANUELLE RIVA

Um filme de MICHEL WORMS

COLORIDO

GRUPO D - 18 anos

Do Best-Seller de MICHEL BUTOR traduzido em 22 línguas

HOJE ALVALADE ESTREIA

"DL"/ESPECTÁCULOS TV /CINEMA /MÚSICA

UMA LOUCURA

Vi anteontem à noite um filme luso-espanhol que custou quatro mil contos. A isto se pode chamar uma verdadeira loucura no tempo e no espaço. Por toda a parte, o problema dos produtores é o de embaratecer os custos, reduzir os orçamentos. Hollywood deu o exemplo provando, com filmes como «Easy Rider» (400 mil dólares) que a produção barata é a única rentável. A frequência das salas cinematográficas diminui no mundo inteiro, dando à crise dimensões universais. Em Portugal, mesmo um filme de pouco mais de 500 contos, como «Lotação Esgotada», tem poucas probabilidades de defesa. A recuperação do capital leva de dois a três anos, como prazo médio. Quem parte para aventuras cinematográficas de quatro mil contos tem tanto senso comum como quem arrisca toda a sua fortuna em um só lance na roleta.

ARMINDO BLANCO

DL show

Com a colaboração de um grupo de estudantes do Instituto Britânico de Lisboa, a Casa de Inglaterra leva a efeito amanhã uma sessão de teatro preenchida com «Epitaph for George Dillen» do dramaturgo inglês John Osborne. De assinalar ainda a colaboração especial de Anthony Creighton.

★

A Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense «Os Penicheiros» organiza hoje mais um colóquio integrado nas actividades da sua secção cultural. Este será dedicado aos problemas da «Nova Música Portuguesa» e a orientá-lo estarão João Paulo Guerra e José Jorge Letria.

★

Para encerrar um ciclo de audições comentadas promovido pelo Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra realiza-se hoje pelas 21 e 30 horas mais uma sessão cultural durante a qual será executada a Nona Sinfonia de Beethoven, uma das peças mais controvertidas daquele compositor. A obra será comentada pelo novo orientador do Coral, maestro Maria Mateus.

Integrado na Semana do Novo Cinema Alemão promovida pelo ABC Cine Clube de Lisboa de colaboração com o Instituto Alemão, será exibido amanhã em duas sessões o filme «Os Artistas sob a Cúpula do Circo Perplexos». Datada de 1968 esta obra foi realizada por Alexandre Kluge e é considerada pela crítica uma das peças mais representativas da moderna cinematografia alemã.

★

A semana do Novo Cinema Alemão levada a cabo pelo Instituto Alemão não terminará, como estava previsto, no próximo sábado com a conferência proferida, depois da segunda sessão, por Fernando Duarte, à qual se seguirá debate. Dado o interesse suscitado pela realização da Semana, ela prolongar-se-á por segunda e terça-feira da semana que vem, com a exibição dos filmes «Lenz» (segunda-feira), de George Moorse, e «Também os anões começaram de baixo», de Werner Herzog.

★

Rosita Afonso, cançonetista recente da nossa praça, mostra-se interessada em voltar a gravar, mas lamenta a falta de compositores e letristas. Preferia não voltar a cantar folclore, como aconteceu no seu último disco, mas não sabe se será possível, pelas dificuldades apontadas.

★

Considerado em concurso público promovido pela Rádio Madeira como o melhor intérprete português no ano de 1971, o cançonetista Dario de Barros partiu para o Funchal a fim de receber o prémio correspondente ao título. A proveitando a viagem Dario fará cinco «shows» no Teatro Municipal do Funchal.

__ AUSENTE, AUSENTE, QUEM ESTU, AUSENTE? __ NINGENTE.

São frequentes os casos de indivíduos que se voltam contra a sua própria classe. A História de outros dias e a História dos nossos dias (se descontarmos os **slogans** publicitários que envolvem certos acontecimentos) dizem-nos que a atitude, frente a esses casos, varia segundo os interesses das classes onde eles se verificam. Cada estrato social pende a considerá-los «traição» ou «deserção». Não podemos, no entanto, para correcta avaliação destes termos, esquecer as funções que esses estratos exercem na evolução das sociedades, a sua justificação histórica ou a sua inaptidão histórica. Fàcilmente se imagina como seria inadmissível, hoje, o regresso às leis que regulavam as relações entre os homens no período do esclavagismo. Como seria inadmissível o regresso à servidão da gleba medieval. Tão inadmissível como o regresso aos moinhos no alto dos montes ou como o retorno da charrua de madeira. Do mesmo modo, as condições que regulam a sociedade do nosso tempo serão totalmente inadmissíveis num futuro imprevisível: desta fatalidade (a História pode dar-se ao luxo de falar em fatalidade...) não se pode escapar. Só quem tem razão agrada ao futuro.

Diga-se, pois, que o facto de pertencermos a uma determinada classe nos pode deixar marcas indeléveis, mas não nos cria compromissos indestrutíveis. Os homens podem, por um esforço cultural, por um sentido recuperado de justiça e de responsabilidade, libertar-se desses compromissos quando verificam que o grupo a que pertencem esgotou as suas possibilidades históricas.

Aquilo que faz cada indivíduo após essa descoberta __ eis o que daria outro romance, como se diz no «Crime e Castigo». O senador romano pode ver que Espártaco tem razão mas não pode acompanhar Espártaco e a História ainda não lhes deu outra opção: o suicídio é a saída moral do beco histórico sem saída. Noutras situações, os indivíduos esforçam-se por cavar mais fundo na cova da classe social de onde vieram. Outros, porém, avisados da peste que grassa no seu reino, lavam as mãos, jogam o xadrex (e, às vezes mal, o que é ainda mais grave) e ouvem a **Appassionata** com respeitosa unção. Ou escrevem seus romances ou metrificam seus versos. Ou elaboram suas peças. Ou então __ e aqui Joaquim Paço d'Arcos aponta-nos outro caminho. Não para o **Hammeau**, quer dizer: para o manicómio com flores e campos verdes.

QUE TEMOS NÓS COM ISTO?

Mais que evidente: uma peça deste género não possuiria a mínima possibilidade de encontrar eco num meio onde o teatro cumprisse a sua verdadeira missão de estar vivo, actuante, não já entre espectadores mas entre comparticipántes, atento, aos confrontos dos estratos sociais. Claro está que as raparigas simples do povo, mal esclarecidas e afastadas de todo o convívio de abrir os olhos, continuam de olhos esbugalhados para as peças e para os livros onde se cantam as alegrias e as tristezas das meninas burguesas. As meninas e as senhoras burguesas continuam suspensas dos enredos e medos e segredos das personagens das famílias reais. Isto acontece porque a literatura de grande consumo e o cinema comercial e a televisão de grande público se encarregam de lhes proporcionar alimentos para o sonho. E para as mãos vazias.

O **«Ausente»** é isso mesmo. um ausente. Raul de Meneses, grande industrial e banqueiro, desiste e volta para o seu manicómiozinho de estimação em França. Desiste mas de quê? Da sua própria classe? Isto, a responder-se pela afirmativa, ainda emprestaria alguma grandeza ao seu gesto. Mas não. Raul de Meneses desiste porque já não pode pertencer à sua classe, porque já não pode dominar as pessoas, porque já não pode fazer que a mulher volte a ser um objecto nas suas mãos, porque falhou o contrato segundo o qual tudo ficaria como estava __ apodrecido, embora. No entanto, nós, os milhões de telespectadores que não estamos interessados nessas vidas, que temos nós a ver com tais conflitos caseiros?

Por outro lado, o «Ausente» alardeia toda uma total ausência de inventiva teatral. Tudo está na mesma neste teatro como tudo deve estar na mesma naquela classe dos grandes: importam as aparências, nada mais. A peça de Paço d'Arcos dá uma ilusão de estabilidade de processos teatrais que não é mais do que um certo apodrecimento, uma certa estagnação do teatro. O **ausente** escolhe o **hameau**; o autor da peça escolhe um **três actos** pronto-a-vestir sem qualquer esforço.

OS PRESENTES NO «AUSENTE»

Algumas faces positivas, no entanto, podemos encontrar nesta adaptação à TV. Referiremos o trabalho do realizador Jorge Listopad, sempre que as cenas da própria peça lho permitiram, particularmente no primeiro acto. Digamos que foi realização banal (e isso aconteceu na maior parte dos noventa minutos) com alguns lampejos de grande lucidez. Recordo, por exemplo, aquele mover lento da câmara a criar maior densidade de clima; recordo aquela procura de gestos significativos, enquanto as palavras pairavam em volta, quando desnecessárias; recordo alguns grandes planos que fugiam de armar aos grandes planos, que não se queriam meter pelos olhos dentro: eram apenas funcionais, respeitavam mais ao íntimo da imagem do que ao espavento dela.

Do trabalho dos actores fica-nos a visão de um trabalho equilibrado de Paulo Renato, trabalho de grande sobriedade a provar a inteligência da sua opção: vimo-lo constantemente a fugir ao Alves da Cunha, ao Augusto de Figueiredo; fica-nos igualmente a preocupação e a sabedoria da Glória de Matos em trabalhar no teatro de televisão __ e lamentamos apenas (apenas? Mas uma actriz pode dar-se a este luxo?) de algumas quebras e algumas confusões, de maior ou menor gravidade; fica-nos a visão de uma possibilidade chamada Elisa Lisboa; fica-nos depois uma colecção de fracassos de TV chamados Vítor de Sousa, Mário Pereira, Luís Filipe, Rolando Alves. Seriam óptimas ausências em qualquer peça.

canal de crítica

Por MÁRIO CASTRIM

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL

A METRUL apresenta

TEATRO DO ARCO DA VELHA

O SEGREDO DA ABELHA

de Ricardo Alberty

A BRUXINHA QUE ERA BOA

de Maria Clara Machado

SÁBADO

13 DE MAIO, ÀS 15.30 H.

(MAIORES DE 4 ANOS)

BILHETES DESDE 10$00

CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS 50% DE DESCONTO

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS — TEL. 28 09 19

O Teatro Experimental de Cascais apresenta hoje e todas as noites às 22 horas

IVONE

PRINCESA DE BORGONHA

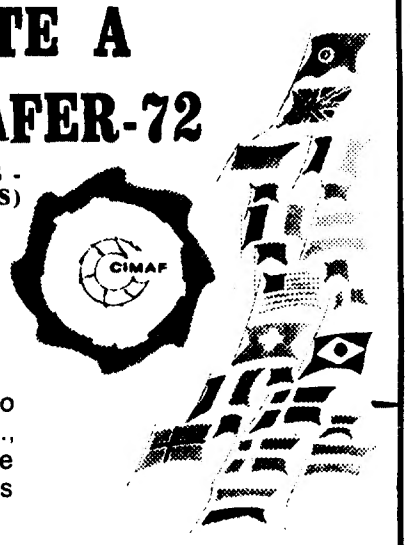
M/18 de GONBROWICZ

VISITE A EXPOMAFER-72

(MÁQUINAS-FERRAMENTAS)

PALÁCIO DE CRISTAL PORTO

De 6 a 14 de Maio das 10,30 às 20 h., Quintas, Sábados e Domingos até às 23 h.



Ribatejo, Sol e Touros

14 DE MAIO — CALDAS DA RAINHA

ESGOTADA

MAIS UMA ORGANIZAÇÃO

WASTEELS EXPRESSO

PEÇA PROGRAMA DETALHADO E INSCREVA-SE NA

AV. ANT. AUG. AGUIAR, 88-C — TEL. 42185/6/7
OU R. CAM. DE FERRO, 82-C — TEL.868588/9
OU, AINDA, NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

UM ÊXITO EDITORIAL

PROF. CHRISTIAAN BARNARD

"COMO DEFENDER O NOSSO CORAÇÃO"

CUPÃO-ENCOMENDA

Preencha em letra de Imprensa e remeta ao Apartado 2224 — LISBOA 2

Desejo que me enviem contra-reembolso para o nome e endereço a seguir referidos o livro do prof. Barnard, «Como defender o nosso coração». Pagarei 60$00 mais as despesas do correio.

Nome .....

Morada .....

Localidade ..... Assinatura ..... dl

"DL"/ESPECTÁCULOS — CINEMA

Mais um cinema em Lisboa

Vai construir-se em Lisboa um novo cinema, para os lados da Praça de Londres. Na base do projecto está um homem que ao cinema tem dedicado toda a sua vida profissional: António Daniel Maduro, novo administrador da Mundial Filmes, empresa que a Angola Filmes absorveu, formando um poderoso «pool» de firmas distribuidoras, que inclui a Filmitalus, a Internacional e outras.

António Maduro estava «oficiando» uma «cerimónia» que muitas vezes se repete. a assinatura de um contrato para distribuição de um filme. Desta vez era o «Sinal Vermelho», uma produção de António Vilar. Pouco depois, estava à nossa disposição. E começou logo por nos dizer.

«Projectamos a construção dum novo cinema em Lisboa, na Avenida Guerra Junqueiro, junto à Praça de Londres, com capacidade para 500 pessoas. Assim concretizamos um velho sonho nosso. Esta casa de espectáculos será decorada com o melhor bom gosto e será construída em sociedade com o sr. António Casquilho».

QUEM É

«Comecei no cinema aos 11 anos, trabalhando durante o dia no sector da distribuição e estudando à noite. Aos 17 anos fui transferido para a sede da Lisboa Filmes, onde tive oportunidade de adquirir conhecimentos técnicos. A fusão com a Tobis não me agradou e então enveredei pelo caminho da distribuição».

Quem nos fala é um homem de meia-idade, evidentemente experimentado no ofício e com opiniões próprias a respeito do seu «métier». Continua ele. **«Há oito anos fui convidado para ir para África, para a Angola Filmes, onde agora sou administrador. Transformámos o nosso mercado em África num mercado bastante válido e depois houve oportunidade de, conjuntamente com os nossos sócios em Lisboa, adquirirmos a Mundial Filmes, transformando-a numa sociedade anónima, com capital de 15 mil contos. Neste momento procuramos ser uma companhia que trabalha em prol do cinema válido».**

Já que, todos o sabem, para a maioria dos realizadores se torna difícil encontrar um distribuidor interessado nas suas fitas, era nosso dever inquirir qual o interesse que o homem-chefe desta casa distribuidora tem pelo cinema nacional. Diz-nos ele que sim, que tem um carinho muito especial por todos os filmes portugueses para a sua distribuição aqui ou em África, preferindo mesmo os estrangeiros em favor dos nossos filmes. Na verdade, segundo nos informa o nosso entrevistado, foram distribuidos pela Mundial Filmes vários filmes portugueses: **«A maluquinha de Arroios»**, **«A traição Inverosímil»**, **«A estrada da vida»**, **«O destino marca a hora»**, **«Os touros de Mary Foster»** e, agora o filme de António Vilar, com quem assinou contrato, para exibição do filme **Sinal Vermelho**.

Quanto ao mercado africano diz-nos António Maduro.

«Tem-se desenvolvido no que respeita ao cinema e isso deve-se a duas entidades: à Angola Filmes e ao sr. Ribeiro Belga, da Sulcine. Foram estas duas entidades que se empenharam no desenvolvimento do mercado africano e esse esforço está bem patente, particularmente o nosso, na construção de casas de espectáculos tanto em Luanda como na província.

A CRISE

Diz-se que o sector do cinema está em crise, o que é corroborado pelo gerente da Mundial Filmes. Afirma-nos que os lucros se tornam cada vez mais difíceis e explica porquê: **«Os preços no estrangeiro são cada vez mais elevados e para evitar que se continuem a pagar verbas enormes pelos direitos de distribuição dum filme no nosso país, seria necessário que se constituísse um grande consórcio estabelecendo contratos com alguns cinemas de estreia, como é o caso do Mundial, Politeama e do Vox. Por outro lado projectamos a construção dum novo cinema em Lisboa, na Avenida Guerra Junqueiro, junto à Praça de Londres, com capacidade para 500 pessoas. Assim concretizamos um velho sonho nosso. Esta casa de espectáculos será decorada com o melhor bom gosto e será construída em sociedade com o sr. António Casquilho».**

Paralelamente à construção da nova casa de espectáculos a Mundial Filmes já fez contratos com alguns cinemas de estreia. Tal é o caso do Mundial, do Politeama e do Vox.

António Vilar assinando contracto com António Maduro para distribuição do filme «Sinal Vermelho»

A crítica de LAURO ANTÓNIO

Homens transitórios

TÍTULO O REGRESSO (The Hired Hand)
REALIZAÇÃO: Peter Fonda, 1971 (EUA)
INTÉRPRETES: Peter Fonda, Verna Bloom, Warren Oates, Ted Marklan, Robert Pratt Severn Darden, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Sonoro Filme
ESTREIA: Cinema Vox (4/5/1972)

Peter Fonda

De colaboração com Dennis Hopper, Peter Fonda fora um dos responsáveis por um dos filmes mais importantes do novo cinema americano. Referimo-nos, òbviamente, a **Easy Ridder**, película que, por corresponder a um certo número de exigências e inquietudes da juventude americana, veio a constituir um dos maiores êxitos dos últimos anos, e a deixar, atrás de si, um número particularmente significativo de continuadores (e de sub-produtos).

Peter Fonda, agora isoladamente (será que estas coisas de colaboração não dão bom resultado?), tenta de novo, o cinema, como actor e realizador de **The Hired Hand.** Tal como **Easy Ridder**, **O Regresso** é um filme que se constroi com base numa viagem, na deambulação de dois homens à procura de uma identificação possível. Ao longo deste diálogo errante, durante o qual dois seres se confrontam, perguntando-se sobre si próprios e sobre o mundo que os rodeia, várias pequenas coisas vão acontecendo, desenhando sentimentos e reacções, impondo dúvidas, esperanças, certezas e opções. Aqui se fala da amizade e do amor, da violência e da morte, do prazer e da beleza, da crueldade e da vingança, da terra e dos homens, da cor e dos sons... Deambulação, exploração do mundo, exploração de si mesmo. **«Nada mais somos do que pessoas transitórias. Estamos demasiado presos ao passado, para podermos ser futuro»**, isto disse Allen Ginberg, um dos **leaders** do movimento **hippy**, um dos homens que deverá certamente ter influenciado Peter Fonda. Este estado de permanente transitoriedade parece ser a constante de cinema de Peter Fonda.

Ambientando o seu filme no Oeste tradicional. Peter Fonda nem por isso deixou de tentar definir um comportamento contemporâneo. A película participa de uma visão do mundo muito próxima daquela que os **hippies** reclamam para si, não só no domínio das relações humanas (onde a amizade prevalece sobre o sentido de posse do amor, onde as relações humanas se querem claras e dignas, isentas de hipocrisia, denotando uma ingenuidade que é ainda pureza e já amor), como até ao nível das motivações estéticas (o filme apresenta-se como um enorme caleidoscópio psicadélico, de cor e sons) e musicais (todo o fundo musical, da autoria de Bruce Langhorne, tem confessadas influências da música indiana e oriental — e diga-se que é modelar).

Grandes espaços, contacto directo com a natureza, uma certa limpidez no olhar, uma inequívoca pureza nas intenções, Peter mantém-se um cineasta a merecer atenção. Para um quase debutante, **O Regresso** ostenta um certo poder envolvente que apraz registar, muito embora se possa assinalar um sem número de pecadilhos, rodriguinhos, efeitos fáceis, hesitações... Peter Fonda não é um grande cineasta, nem sabemos se o virá a ser. O seu filme mostra-se, porém, rico de sugestões que justificam uma visão atenta e não muito exigente ao nível de certas fraquezas formais. Tanto mais que **The Hired Hand** apresenta algum dos mais belos encadeados de imagens que nos foi dado ver nos últimos tempos. A tudo isto acrescente-se um notável trabalho de Verna Bloom (que se estreara no cinema em **América, América... para onde vais?**) de Warren Oates.

Caldas da Raínha

DOMINGO 14 DE MAIO
às 18,15 h. (6 e um quarto)

Colossal Corrida de Toiros à Portuguesa

integrada nas Festas da Cidade

6 Toiros Bravos e gordos da Ganaderia do Eng.º Emílio Infante Pedroso (da Chamusca) para os cavaleiros:

Mestre Ribeiro Telles
Luís M. da Veiga
Fabrico Cunha

2 Grupos de Forcados em competição AMADORES DO APOSENTO DO BARRETE VERDE e AMADORES DE CASCAIS

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
DE TERÇA A SÁBADO às 21 h. e às 23 h.
DOMINGO ÀS 16 H. E ÀS 21.45 HORAS
Segundas-feiras descanso da companhia

O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

no TIVOLI às 18 e 30
GRUPO D — 18 ANOS
grupo 4 APRESENTA
HOJE — às 18 e 30
DOMINGO, 14 — às 11 da manhã
ÚLTIMAS DE UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO
A CURVA e NO ALTO MAR
ENCENAÇÃO DE fernando gusmão

desconto de 50% a estudantes

"DL"/ESPECTÁCULOS — TEATRO/CINEMA

Un sale théatre

UN SALE EGOISTE de Françoise Dorin. Encenação de Michel Roux. Cenário de André Levasseur. Intérpretes: Paul Mercey, Colette Teissedre, Paul Meurisse, Hélène Tossy, Georges Carmier, Albert Rieux, Annie Monange. Galas Karsenty-Herbert. Tivoli (8/5/72).

«Troyes, cidade industrial, operária, de 80 000 habitantes (120 000 com os arredores) fica situada a 150 quilómetros de Paris». Vivemos na província», diz-se por lá. Que teatro vê Troyes, a 150 quilómetros de Paris? «Sobretudo as **tournées** Karsenty-Herbert e as peças de **Boulevard**». Que queres tu? Quando se leva uma peça um bocado difícil as pessoas não vão. Querem divertir-se, e é um pau».

Recolho estes dados de um número recente do suplemento «Spectacles» do «Monde» Trata-se de um artigo assinado pelo crítico de cinema e de TV, Jacques Siclier, intitulado «Troyes, le passé, rien que le passé».

Troyes, a 150 quilómetros de Paris, e Lisboa, a 2 000 quilómetros, capital de um país orgulhoso dos ventos civilizadores que espalha à sua volta, colocam-se, pois, em matéria de teatro, ao mesmo nível de triste, medíocre provincianismo.

Também esta série de diálogos que Mme. François Dorin enfaixou, sob um título bastante enérgico e a que deu o nome pomposo de peça de teatro passou certamente por Troyes como passou por Lisboa, possivelmente, a caminho de Marrocos. Os críticos parisienses gostaram muito; os espectadores de Troyes — que não estão para estopadas — gostaram muito; os espectadores lisboetas — idem, idem — gostaram muito. E assim vamos nós, fingindo que até temos teatro francês como se fosse justo e honesto chamar teatro ao que fizerem Sofocles, Shakespeare, Molière, Gil Vivente, Ibsen, Tchekhov, Brecht, Ionesco, Beckett, Santareno, Albee, Stau Monteiro, Strindberg, O'Neill, por exemplo, e ao que faz, por exemplo, esta senhora Françoise Dorin. Deixemo-nos de subterfúgios: não se trata de ninguém. Não se trata de as pessoas até precisarem de se distrair. Quem pode esportular duzentos escudos por um bilhete para ver isto não precisa de distracções destas. Trata-se apenas de ganhar dinheiro fingindo que se faz teatro; e de o gastar, fingindo que vai ao teatro (francês!).

Não me digam que o Paul Meurisse é bestial e que vão todos muito bem e que a peça tem muito espírito (muito parisiense). O Paul Meurisse é apenas o cúmplice de uma chachada que aqui e na Cochinchina é uma chachada, é uma chachada, é uma chachada.

CRÍTICA DE

CARLOS PORTO

CANNES

O processo informativo de Rosi

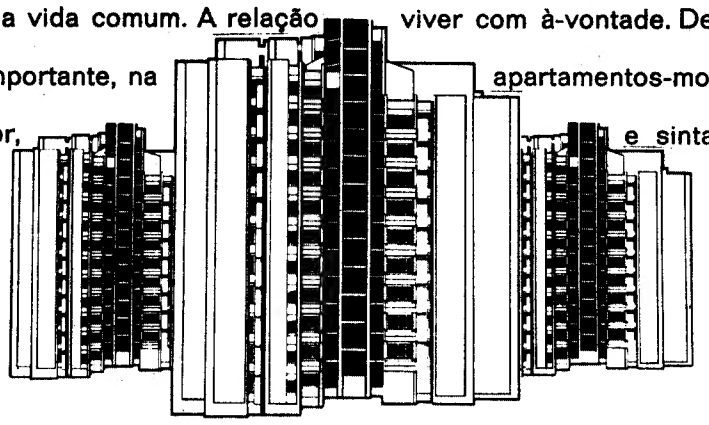
CANNES - **Sou uma testemunha interessada, para mim um filme é um processo informativo,** declarou Francesco Rosi ao apresentar aos críticos de Cannes o seu filme **«O Caso Mattei»**.

Um filme atinge o público maior do que uma reportagem jornalística. Antes de começar a rodar o filme sabia muito poucas coisas da Mattei. Quis que o espectador participasse na minha descoberta, dei-lhe a conhecer todos os elementos que compunham o personagem deste funcionário do estado. Não desprezei a multiplicidade dos contrastes nem o seu autoritarismo que no fim da vida o levou a tomar sózinho importantes decisões. Há cinco anos que pensava neste filme, mas tive de esperar a mudança do clima político italiano para o realizar. Este período de reflexão permitiu-me, creio efectuar o meu exame mais á vontade e com mais espírito crítico.

Recusando-se a tomar partido e a pronunciar-se sobre o eventual assassinato do director da Repartição Nacional Italiana dos Hidrocarbonetos, Francesco Rosi declarou no entanto: **Não quis efectuar uma investigação policial, interroguei as testemunhas e os seus depoimentos completam-se, o avião de Mattei estava mal guardado. A sua morte interessa-me porque se for devida a uma sabotagem fica confirmado, como penso que o assassínio político era o único meio de se desembaraçarem deste personagem fora do normal.**

DESCUBRA UMA CASA ONDE É MAIS FÁCIL VIVER A VIDA EM FAMILIA.

As relações entre os espaços de uma casa influenciam e podem mesmo dificultar a comunicação entre pessoas que diàriamente vivem uma vida comum. A relação interior-exterior também é importante, na medida em que uma, a exterior, destrua a outra, a interior. Difícil, verdadeiramente difícil é encontrar uma casa que esteja defendida do exterior, ou possua um envolvimento agradável, e que tenha um espaço interno livre, onde você e a sua família consigam viver com à-vontade. Descubra essa casa. Visite os apartamentos-modelo da TORRE 2 em Alferragide e sinta-se a viver o magnífico espaço interior e a respirar o ar puro do Parque de Monsanto.



SIURBE

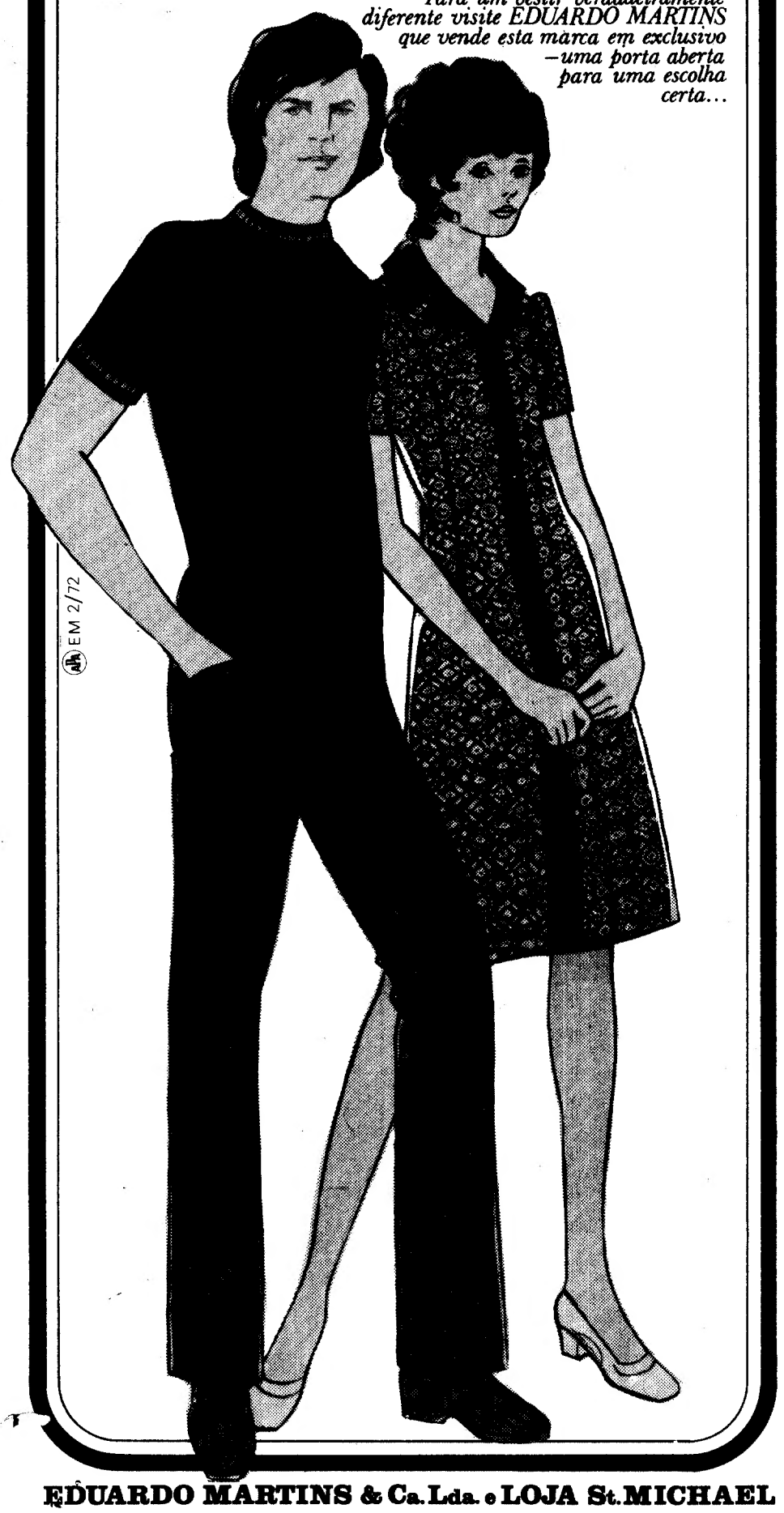
mais que uma casa um modo priveligiado de vida

EDUARDO MARTINS

St. Michael ®

é o modelo que Você merece

Marks & Spencer é a firma que em Inglaterra lançou a marca St. MICHAEL que representa qualidade e prestígio de fama mundial. Para êles as malhas que prolongam a juventude... Para elas, os mais disputados modêlos, desde os práticos aos trajos de passeio e aos fatos de banho... Para os miúdos, também, as roupas que estabelecem a "diferença". Para um vestir verdadeiramente diferente visite EDUARDO MARTINS que vende esta marca em exclusivo —uma porta aberta para uma escolha certa...



EM 2/72

EDUARDO MARTINS & Ca. Lda. e LOJA St. MICHAEL

RUA GARRET / CALÇAD. DO SACRAMENTO (CHIADO) CALÇADA DO SACRAMENTO, 10 (CHIADO)

"DL"/ESPECTÁCULOS DISCOS

ENGELBERT HUMPERDINCK

funcionário da música

CRÍTICA DE JOSE JORGE LETRIA

Que Engelbert Humperdinck é discípulo fiel de Tom Jones, não é já novidade para ninguém; que tem todos os tiques e trejeitos do mestre e que está para a música de qualidade como a fotonovela está para a literatura séria, também ninguém duvida. Todos os países, seja qual for a sua situação geográfica, ou o seu estatuto político, necessitam abertamente destes fabricantes de sucessos.

São eles que, sem grandes problemas nem preocupações formais, enchem em poucos meses os bolsos fundos dos editores. O que varia de lugar para lugar é a função atribuída a este tipo de cantores: se na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos eles são a consequência inevitável de um determinado sistema de consumo, já em Portugal as coisas não se passam exactamente do mesmo modo. Há sempre quem estando em posições estratégicas, saiba muito bem até que ponto produtos desta natureza podem desviar a atenção das pessoas dos verdadeiros problemas. Mas isso é outra questão. A ela voltaremos quando for oportuno.

Ouvindo Engelbert Humperdink, por mera curiosidade, muita gente se interrogará: como é possível que na terra dos «Rolling Stones» dos «Beatles» e mais recentemente dos «Pink Floyd» e dos «Jethro Tull» exista ainda lugar para o cantor? Por muito estranho que pareça a esta pergunta poderia responder-se com outra: como é possível que, não só no mesmo país, mas dentro da mesma etiqueta, coexistam José Afonso e António Mafra, Adriano Correia de Oliveira e Maria Albertina, Carlos Paredes e José Cheta?

A explicação é simples: há consumidores para todos os produtos e mercados para todas as «artes». Grave é quando em países de baixo indice cultural e elevada taxa de analfabetismo a mediocridade, a curto prazo se converte em arma ou anestésico e o público, mal informado e desatento, é explorado, comendo a todo o instante gato por lebre. Isso sim, é extremamente grave e, por muito que nos custe, não pode ser resolvido em pouco tempo.

Temos no fundo a sorte que merecemos. Melhor ainda: temos a música que merecemos, já que por apatia e sistemática deseducação fomos criando condições propícias ao desenvolvimento de certos valores.

Por isso, enquanto em Inglaterra o público certo de Humperdinck conhece os «Pink Floyd» e Dylan quanto mais não seja da rádio e dos jornais, em Portugal não temos sequer a veleidade de pensar que o público de António Mourão ou de Paco Bandeira conhece a obra de José Afonso. Isto, porque, enquanto nos outros países (não todos, claro) se joga equilibradamente nos dois terrenos, entre nós existem numerosos factores que, por razões mais ou menos óbvias, favorecem o «mau» em detrimento do «razoável» e o «insignificante» em detrimento do «importante». Só que, das malhas com que a teia se tece, não nos compete a nós falar. Supomos de resto que também não é problema que se resolva em colóquios.

Em condições normais não chegaríamos sequer a falar do disco de Humperdinck agora lançado em Portugal. Se o fazemos é porque sentimos que ele é apenas um elo da cadeia.

Mais do que realçar a qualidade de certos produtos é necessário alertar as pessoas para a pobreza de outros. Vivemos num país, onde o triunfo de um disco de José Afonso ou de José Mário Branco, não chega a ser representativo dadas as limitações que o cercam. Esta convicção aumenta de resto quando pensamos no número de discos de Paco Bandeira, Fernando Farinha e Rui de Mascarenhas pedidos para o programa «Quando o Telefone Toca». É nesse terreno afinal que as «eficácias» se jogam e definem; é para este circuito que o disco vem devidamente empacotado, com todos os ingredientes calculados e todas as possibilidades medidas.

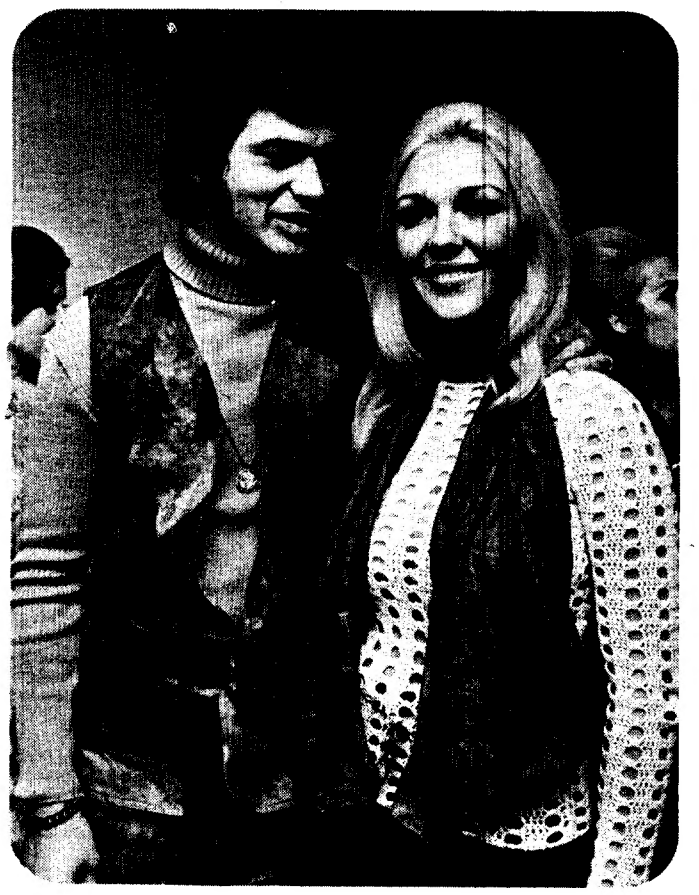
Humperdinck é, como atrás deixámos sugerido, um funcionário da música. Diriamos mesmo mais: um funcionário público, já que é ao público que o seu trabalho (?) se dirige. Transformado em máquina de despejar música o cantor não pensa, funciona ao quilómetro, não interpreta desbobina.

Dizendo isto recordamo-nos de que o ressurgimento de António Calvário é já um facto consumado e por tabela pensamos em tudo o que está por trás. E, por associação concluímos que Humperdinck tem muito a ver com tudo isto.

Entretanto, para quem desta nota quiser extrair apenas o interesse informativo adiantamos que o cantor tem o nome ligado, a sucessos como: «Another Time Another Place» e «Sweetheart». O 45 r.p.m. que agora nos chega às mãos tem três títulos. O primeiro que ocupa todo o lado A chama-se «Too Beautiful To Last» e é o tema do filme «Nicolau e Alexandra». Dos restantes nem vale a pena falar.

As canções de Humperdinck à semelhança do bom cozido à portuguesa vêm sempre muito condimentadas com os tiques e os truques introduzidos a tempo.

Para quem estiver interessado na aquisição do disco sugerimos vivamente que compre também alguns números de «Capricho» e que faça coincidir a audição do primeiro com a leitura dos segundos. São no fundo linguagens que se complementam e justificam entre si.



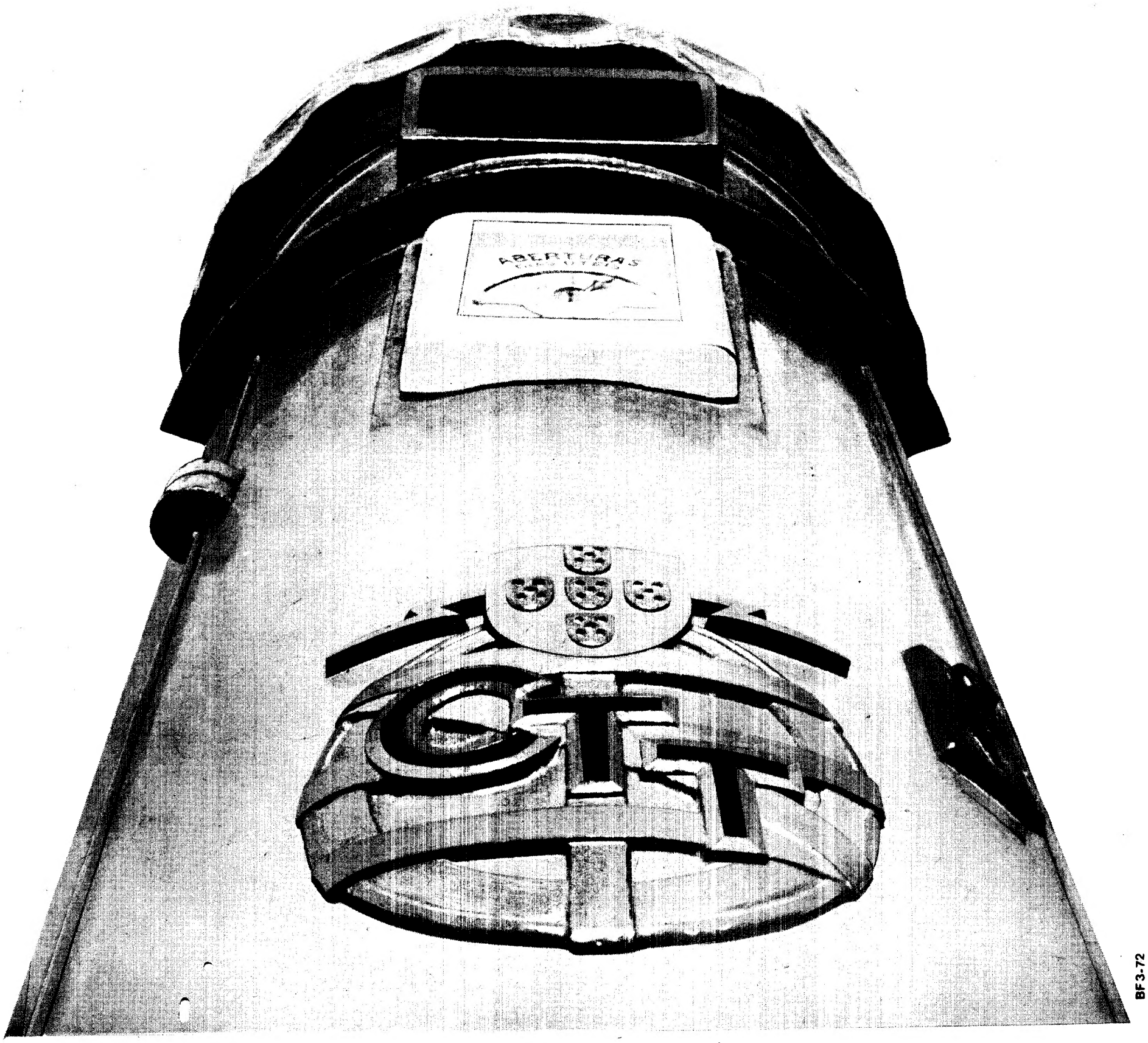
«Ele está para à música de qualidade como a fotonovela está para a literatura séria»

temos milhões de dependências em todo o mundo

Todos os marcos do correio
são dependências do nosso Banco.
Em qualquer ponto do País.
Em qualquer País do Mundo.
Escreva.
É quanto basta para abrir conta.
Claro que teremos o maior prazer
em recebê-lo.
Na sede ou nas nossas delegações.
Mas se não puder visitar-nos,
ESCREVA!
O seu assunto será tratado
com a mesma prontidão.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

**Um juro de 5,75% nos depósitos a prazo de um ano e um dia. Livre de impostos.
Possibilidade de dispor do dinheiro depositado por meio de livranças.**



BF 3-72

LISBOA (SEDE). AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

"DL"/NACIONAL

Americanos interessados em confecções portuguesas

Um grupo de 165 directores de compras americanos, especializados no sector de roupas e confecções para crianças, deverá chegar a Faro no próximo dia 25 para tomar contacto com a Indústria Portuguesa.

O Fundo de Fomento de Exportação está a preparar para o dia 26, uma reunião num hotel algarvio tendo em vista uma ampla apresentação da produção nacional. Os directores americanos estão interessados em confecções para crianças de ambos os sexos para idades compreendidas entre os 6 meses e os 16 anos.

O Fundo de Fomento de Exportação obsequiará os visitantes com um «Porto de honra» no dia 1 de Junho, data em que regressam à América.

Mantêm-se as limitações à importação de automóveis

Em consequência do Decreto-Lei n.º 157/72, dos Ministérios das Finanças e da Economia, agora publicado no «Diário do Governo», mantêm-se, a longo prazo, o regime de limitação de importação de veículos automóveis e a protecção às linhas de montagem instaladas no País. O decreto pretende simplificar o regime instituído no decreto regulador de 1961 e estabelece desde já os benefícios a conceder aos industriais de montagem a partir de 1 de Janeiro de 1974.

Logo no primeiro artigo do Decreto-Lei, estipula-se que só poderão ser importados na metrópole, em cada ano e por cada marca, veículos automóveis ligeiros montados, em número correspondente a 2 por cento dos veículos da mesma marca montados no País e despachados no ano anterior, e 15 unidades por ano e por marca dos veículos cujas marcas não tenham sido montadas em Portugal no ano anterior. Prevê-se a concessão de facilidades de importação especiais para os veículos pesados de tipos não correntes e tractores agrícolas; e facilidades fiscais para a exportação de veículos montados na metrópole.

Estabelece-se também que as linhas de montagem não podem ser instaladas em terrenos sitos nos concelhos de Lisboa, Porto ou limítrofes, considerando-se como limites do de Lisboa os concelhos ribeirinhos do estuário do Tejo. As linhas de montagem terão de ficar junto de uma linha férrea de via larga.

O Decreto-Lei fixa igualmente as percentagens evolutivas de integração de componentes nacionais na montagem dos veículos e o regime burocrático e fiscal a que a indústria deve obedecer.

No que respeita a veículos de passageiros, mistos ou comerciais, até 3500 kg de peso bruto, a integração de componentes nacionais deve ser de 20 por cento em 1973 e 25 por cento nos anos de 1974 a 1979; e nos veículos com mais de 3500 kg de peso bruto: 10 por cento em 1973 e 20 por cento de 1974 a 1979.

Portugal na Feira da Agricultura de Madrid

MADRID, 12 (R.) — Abre hoje a Feira de Agricultura de Madrid que apresenta um número record de 3 500 expositores, vindos de 25 países estrangeiros.

A feira, instalada nos terrenos da Feira de Madrid, a oeste da capital, deverá estar aberta até 5 de Junho.

Cada dia será consagrado a determinado produto ou técnica agrícolas e cada país estrangeiro ou província espanhola servirá pratos e bebidas típicos.

Entre os expositores contam-se Portugal, França, Inglaterra, Estados Unidos, México, Brasil, Chile, Formosa, Israel, Índia, Marrocos, Húngria, Roménia, União Soviética etc.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António dos Santos, «Quiosque Rivoli» — PÓVOA DE SANTA IRIA

Conferência do eng. Aquilino Ribeiro

Na Cooperativa de Estudos e Documentação, na Avenida Duque de Ávila, 139- 2.º dt.º, o eng. Aquilino Ribeiro Machado faz amanhã, às 15 e 30, uma conferência subordinada ao tema, de flagrante actualidade, «Problemas de Urbanismo».

Seguir-se-á um colóquio.

Condecoração para Santos e Castro

A Cruz de Agradecimento de 1.ª Classe (ouro) foi esta tarde entregue ao eng. Santos e Castro pelos dirigentes do Corpo Nacional de Escutas. A cerimónia efectuou-se nos Paços do Concelho e a ela assistiu a vereação.

Engenheiros franceses na Gulbenkian

Um grupo de 36 engenheiros de minas e da «Association des Cadres Rhône-Poulenc-Specia», de França, visitaram ontem demoradamente as instalações da Fundação Gulbenkian, acompanhados do engenheiro português Hugo de Macedo.

A administração daquela instituição ofereceu, depois, aos visitantes um almoço, que decorreu no «snack bar» da Gulbenkian e a que assistiram, em representação da Fundação, o embaixador Marcello Mathias e o eng. Luís de Guimarães Lobato, administradores e ainda directores de serviço e outros funcionários.

Portugal num congresso na Polónia

VARSOVIA, 12 — O sexto congresso do Conselho Internacional das Economias terminou ontem os seus trabalhos, marcando o próximo para Lisboa. O tema neste será a protecção do ambiente dentro do arranjo do território.

No sexto congresso (350 delegados vindos de 18 países entre os quais Portugal) tratou-se do papel das cidades e suas funções no mundo contemporâneo.

O congresso elegeu para presidente Manuel Thomaz Carranza (Espanha) e para vice-presidente Josef Zaremba (Polónia).

MÁRIO CASTRIM NA FRANCISCO ARRUDA

Amanhã, às 15 horas, a sessão cultural integrada nas actividades circum-escolares da Escola de Francisco Arruda, será constituída pela apresentação de grupos corais; narrativa de um conto pelo escritor Mário Castrim, nosso prezado camarada de redacção; comentários semanais do director da escola; série cinematográfica «Ensino Visual das Ciências» e um filme recreativo comentado no intervalo.

O "PRESIDENTE WILSON" PASSOU POR LISBOA

O paquete americano «Presidente Wilson», pertecente à companhia «American President Lines», de que é agente em Portugal E. Pinto Basto, inclui Lisboa na sua escala pela primeira vez, permanecendo ancorado no cais de Alcântara durante dois dias.

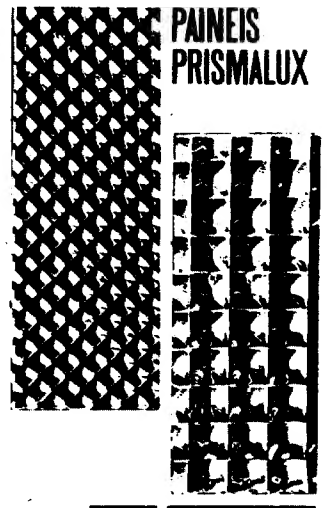
Para assinalar o acontecimento, o comandante do navio, capitão R. T. Kenny, ofereceu uma recepção a bordo, na qual estiveram presentes, como convidados, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o administrador-delegado da Administração Geral do Porto de Lisboa, o Director Geral da Informação e outras individualidades, além de representantes dos órgãos de Informação.

Em nome da American President Lines, o comandante do navio presenteou com uma miniatura do «President Wilson» o eng. Santos e Castro que, em troca, lhe ofereceu um galharde-te com as insígnias da cidade de Lisboa.

O «President Wilson» transportando 325 passageiros, prossegue hoje viagem, dirigindo-se a Miami, canal do Panamá, Mazatlan, S. Los Angeles e S. Francisco, onde chega a 1 de Julho. O cruzeiro tem a duração de 65 dias, custando, por pessoa, um mínimo de 65 contos.

RONNIE ALLEN: chegou novo técnico do Sporting

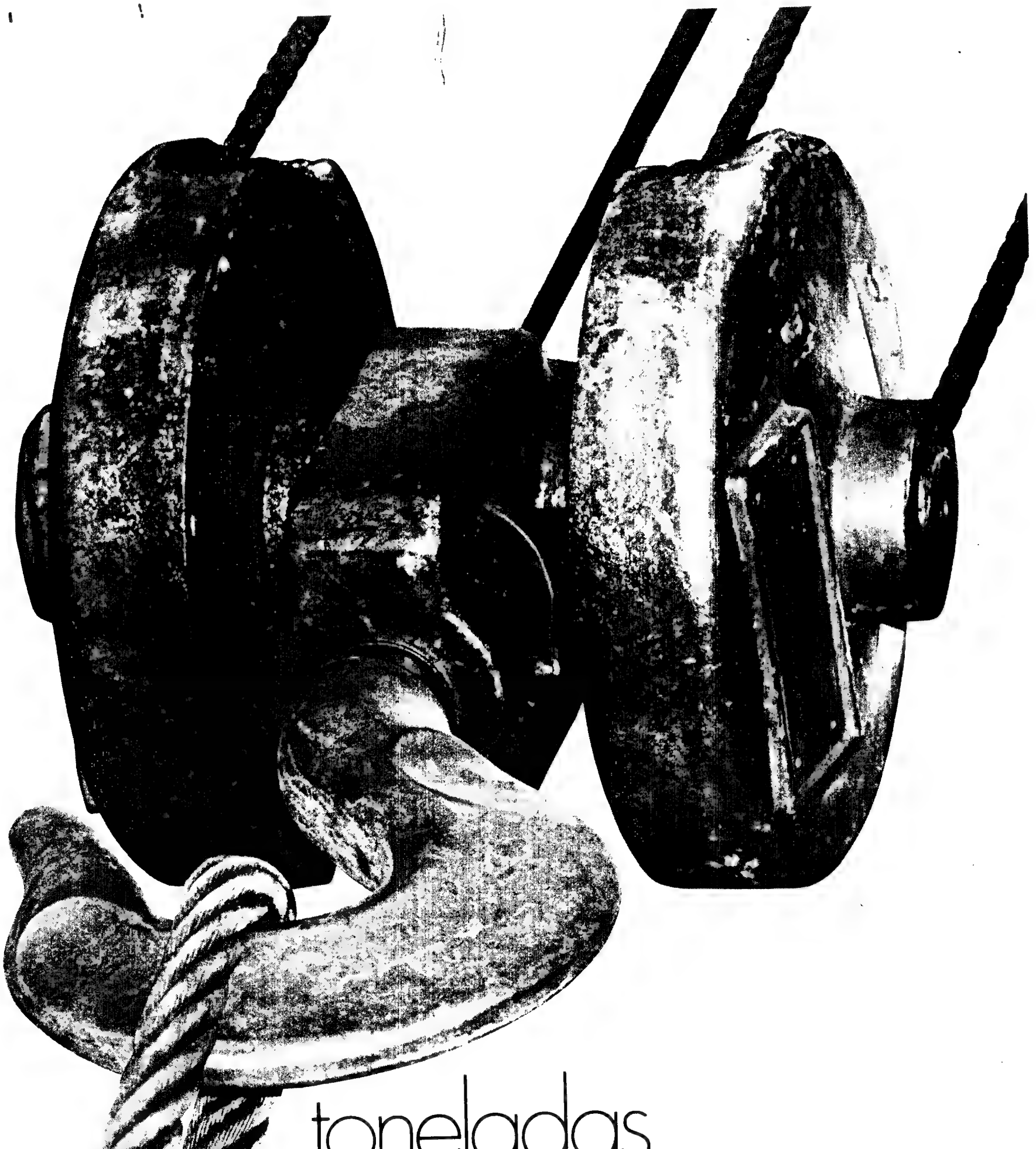
O novo treinador do Sporting — inglês como está na moda — chegou ao principio da tarde de hoje a Lisboa. A recebê-lo no aeroporto esteve Mário Lino (treinador invencível). Ronnie Allen, que esteve até Novembro último ao serviço do Atlético de Bilbau, tem 42 anos e três filhos. Mas, por enquanto, veio sózinho

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE
PAINEIS PRISMALUX

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

AS FÉRIAS Á PORTA

O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcações e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 83 69 69.

HOJE
à
NOITE
até às 23 horas
e durante o dia
Venha à grande EXPOSIÇÃO
MOBILIÁRIO z.markS
NOVOS MODELOS
24 STANDS
MOVILAR PORTUGUESA
Rua Marquês da Fronteira, 4 (loja)
S. Sebastião — LISBOA



toneladas para levantar

Materiais com toneladas de peso que era preciso levantar.
Uma ponte rolante que era preciso construir.
Um fabricante português que era preciso apoiar
porque não podia, sòzinho,
fazer face aos prazos de pagamento
pretendidos pelo cliente.
O Banco de Fomento Nacional
concedeu-lhe o apoio necessário.
Uma das modalidades de crédito que o Banco concede
a fabricantes de equipamento nacional.

Crédito à produção e à venda a prazo de bens de equipamento.
Crédito do Banco de Fomento Nacional
para desenvolvimento da Indústria Portuguesa.
CONSULTE-NOS.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

LISBOA (SEDE). AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

BF 6-72

DL/GERAL

Ora diga-nos...

COSTUMA IR AO TEATRO ?

1 __ **Mário Francisco Grande, 41 anos, motorista.**

__ Vou poucas vezes ao teatro. Gosto mais da revista. O teatro é um bocado caro. Oitenta escudos por bilhete não é para qualquer. À vezes lá arranjo umas senhazitas, para pagar só cinquenta por cento e então lá vou.

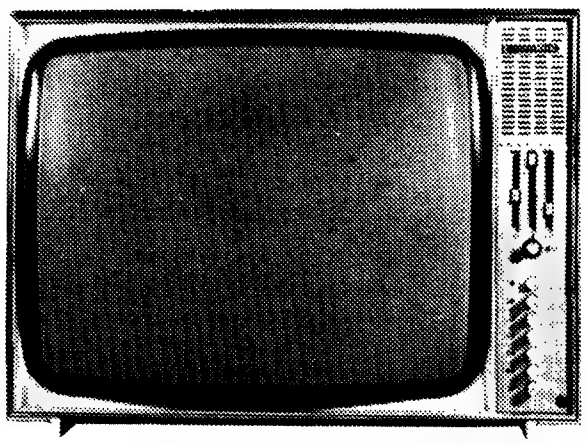
2 __ **Maria Teresa Costa,** 43 anos, empregada de limpeza.

__ É raro. O tempo é pouco e as posses também. Trabalho onze horas por dia no hotel e o que ganho não pode ser para gastar no teatro. Mas também lhe digo que gosto mais de cinema.

3 __ **Maria José Hungria,** 21 anos, estudante.

__ Vou sempre que quero. Claro que por vezes não tenho dinheiro, mas sempre consigo superar essas situações e, como sou estudante, tenho cinquenta por cento de desconto.

GRUNDIG



TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
HI-FI

A.OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A * LISBOA

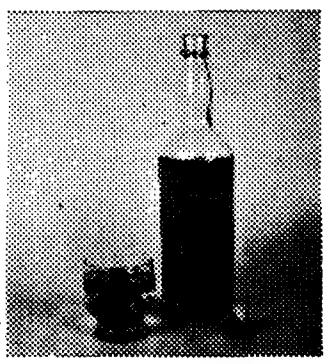
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA
SEM FIADOR

BARBEIROS: CONTRATO DE TRABALHO

Por despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, o contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio dos Industriais Barbeiros e Cabeleireiros do Sul e o Sindicato Nacional dos Empregados Barbeiros e Cabeleireiros e Ofícios Correlativos do Sul, torna-se extensivo a todos os profissionais do distrito de Coimbra.

O ÁLCOOL: INIMIGO A COMBATER



22 dias num centro de recuperação de alcoólicos originaram esta narrativa sincera. O que leva as pessoas a sentirem a necessidade de se libertarem desse vício que as pode levar a uma morte lenta e degradante? Como se processa uma cura de recuperação? Quais os resultados?
Leia tudo sobre este assunto fundamental dos nossos dias no número de Maio de Seleções do Reader's Digest.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TÉCNICA

A ORDEM DOS ENGENHEIROS NÃO REPRESENTA A ENGENHARIA NACIONAL

—afirma-se numa exposição

«A Ordem dos Engenheiros, por representar actualmente apenas uma parte dos profissionais da engenharia portuguesa, não pode ser considerada como representação efectiva e completa da engenharia nacional» __ diz-se numa exposição acerca do I Inquérito Sócio-Económico sobre a Situação dos Diplomados em Engenharia, que está em curso durante este mês, promovido pela Ordem dos Engenheiros e pelo Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Cundutores.

Segundo os promotores do inquerito, a anomalia está na deficiente interpretação da lei portuguesa e não na interpretação do estatuto da F.E.A.N.I. (Federação Europeia de Associações Nacionais de Engenharia). Para este organismo, com sede em Paris, engenheiro é «todo aquele que, além de uma sólida formação técnica, possua a cultura geral e científica que o torna convenientemente apto a aplicar as descobertas da ciência pura ao aperfeiçoamento da técnica». Ora, a lei portuguesa restringe o uso do título de engenheiro aos diplomados por escolas universitárias. O inquérito em curso em Portugal já foi realizado em França (quatro vezes), em Inglaterra (duas) e na Alemanha. A Ordem dos Engenheiros, como membro nacional da F.E.A.N.I., ao decidir a realização do presente inquérito, concluiu não poder o mesmo deixar de abranger, em posição paralela, engenheiros e agentes técnicos de engenharia, visto que se destina a avaliar, efectivamente, o potencial da engenharia no País.

O TÍTULO

A iniciativa, cujo interesse não mereceu quaisquer dúvidas ou hesitações por parte das entidades oficiais, tem o patrocínio dos ministros de Estado adjunto da Presidência do Conselho, das Obras Públicas e Comunicações, da Educação Nacional e do Ultramar e dos secretários de Estado da Indústria, do Comércio, da Agricultura e do Trabalho e Previdência e a colaboração de diversos organismos oficiais, câmaras municipais, associações industriais e comerciais e empresas.

O facto de no inquérito se fazerem algumas perguntas de carácter reservado obrigou à adopção do princípio da total confidencialidade e anonimato absoluto das respostas. Foram convidados a participar engenheiros e agentes técnicos não inscritos quer na Ordem quer no Sindicato.

O título de « agente técnico de engenharia» é incaracterístico __ diz-se na exposição que temos presente. A Ordem e o Sindicato afirmam esperar que dentro em breve «se faça a justiça de lhes conceder (aos diplomados pelos institutos industriais) um título de engenheiro, como é dado a todos os diplomados por escolas estrangeiras análogas».

Ao justificar o inquérito, os promotores sublinham que «mau grado a técnica ocupar na vida dos homens e das nações um papel relevante na luta pelo progresso e pela melhoria do nível de vida, da posição dos técnicos no contexto sócio-económico nacional pouco se sabe».

AS PERGUNTAS

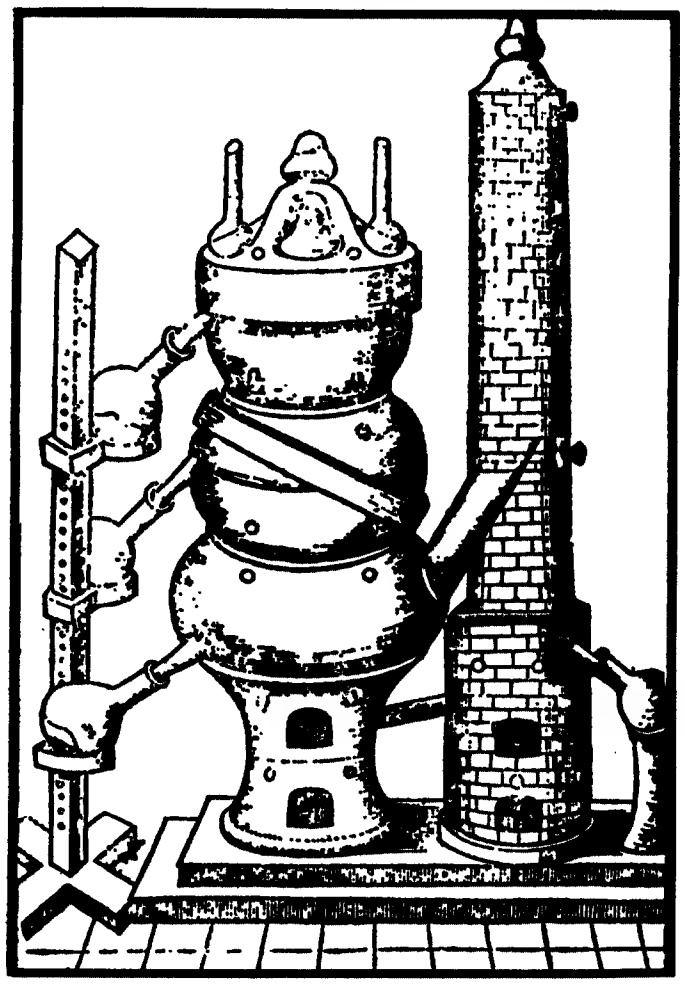
As principais questões abordadas no inquérito referem-se ao número de diplomados em engenharia; sua distribuição etária; número de técnicos que as escolas de engenharia formam; onde trabalham esses técnicos; quem são as entidades empregadoras; a posição dos técnicos na economia nacional; quanto ganham e como estão organizados.

Após este inquérito (que fornecerá a resposta a cerca de 60 questões), a comissão organizadora começará imediatamente a preparar o inquérito de 1974.

NÃO MATEM A PALMEIRA

Na Avenida Gomes Pereira começou o derrube de árvores para ali se fazer uma praceta e edificar um prédio. Até ao momento, no entanto, foi poupada uma palmeira, baixa e redonda, tudo levando a supor que será ornamento da futura praceta. Esse, demais, é o desejo de muitas pessoas que vivem ali perto e que se manifestaram já nesse sentido. Oxalá esteja no pensamento do Município a conservação da árvore. Deixem a palmeira viver.

DL/GERAL — CIÊNCIA



Os motivos mais diversos estiveram no arranque de importantes inserções. Até as ciências ocultas, como se documenta nesta gravura do «forno do alquinista». Hoje a alquimia é outra e nela entram os simbolos da cabola de Manon

MERCADO DE INVENÇÕES

IMAGINAÇÃO À VENDA EM LISBOA

Patentes de grandes e pequenas invenções estão à venda num escritório de Lisboa. Bandeja para copos, fechadura de segurança, processo para a preparação de novas amidas de ácido aromàticamente substituídas no azoto, unidade aritmética e logística são os nomes por que respondem alguns privilégios de invenção, há dias anunciados na Imprensa.

Publicitar os resultados da actividade criadora de cada um não é coisa frequente, pois a imaginação é mercadoria rara, em tempos inflacionários para a criatividade permitida. Daí o interesse com que o repórter do «DL» foi averiguar o que se passa no mercado da invenção.

INVENÇÃO E INVENTOS

Aproveitando as horas vagas para pequenas reparações ou para resolver um ou outro problema imediato e caseiro, o pacato cidadão mais engenhoso atinge, por vezes, um grau invulgar de criatividade que o faz passar de simples «bricoleur» a inventor de dispositivos mais ou menos complicados.

De vez em quando, pela televisão ou nos jornais, surge a notícia de um inventor ignorado que cá ou lá fora ganhou um prémio ou aplicou comercialmente uma das suas descobertas das horas mortas. E as inovações abrangem os mais variados campos: desde complicadas descobertas no ramo da química e da mecânica, até aos aparentemente mais simples brinquedos de criança, tudo é objecto da atenção criadora de uns tantos inventores.

Não se trata, evidentemente, de criação surgidas «do nada». Na maior parte das vezes, consistem em dispositivos de aperfeiçoamento de outros inventos maiores.

Além disso, as invenções verdadeiramente importantes para uso e progresso da comunidade social, raramente se conseguem através de um trabalho de tempos livres, nem sempre dirigido no sentido de uma aplicabilidade das criações. De facto, a experiência o mostra, a invenção técnica que ultrapassa o mecanismo lúcido ou a ideia inédita, para se situar no plano da aquisição potencialmente promotora de um progresso económico, pela sua aplicação a processos de produção, exige um longo trabalho especificamente orientado pela pesquisa. É por isso que, na sua maior parte, as mais importantes invenções estão ligadas, pelo nascimento, a estabelecimentos empresariais que se podem permitir o investimento nesse tipo de actividade de pesquisa que, pelo menos a longo prazo, se tem mostrado rentável. Assim, pouco tem de invenção a' grande parte das «invenções».

O MERCADO DA INVENÇÃO

O que entre nós se verifica é que raras são as empresas nacionais que investem alguns capitais na investigação cientifica com finalidade comerciais.

Contràriamente, muitas empresas estrangeiras depositam no país as suas patentes que consideram de fácil aplicação, dado o restrito mercado nacional das mesmas e a atitude empresarial atrás referida. E o mercado que assim se procura não é apenas o metropolitano, mas, e principalmente, o dos territórios ultramarinos que são fonte potencial de uma enorme procura deste tipo de mercadoria.

A exploração do invento encontra-se regulamentada no sentido de promover a sua utilização até mesmo independentemente da vontade do seu autor, pois que se considera que, pelas suas características, o invento é um factor de progresso social e que, portanto, entram em causa, pelo seu simples nascimento, interesses mais gerais que o particular do inventor. Assim, a legislação portuguesa prevê que se uma patente não for explorada até três anos contados a partir da data de concessão, o seu proprietário passa a ser obrigada a explorá-la ou a transmiti-la a quem a pretenda.

A licença compulsória de exploração, em benefício de um candidato que não tenha chegado a acordo com o autor do invento e que recorra ao aparelho judicial, pretende pois garantir a eficácia social dos privilégios de invenção.

Por esta razão, fazem os inventores publicar anúncios dos seus inventos que dêem a conhecê-los e que lhes garantam, em caso de litígio com um interessado na sua exploração comercial, a possibilidade de demonstrarem a sua boa-fé através do oferecimento público do privilégio. Uma vez em juízo, o inventor poderá alegar que não pretendeu nunca impedir a exploração económica da sua obra.

Ao que parece, o pequeno número de casos em que se tem recorrido a tal expediente não permite ajuizar da sua verdadeira eficácia. E uma das principais justificações para que tal assim seja é a do pouco interesse, por parte dos industriais portugueses, em aplicar em seu proveito as possibilidades lucrativas do invento. Mais do que uma questão de baixo apetrechamento tecnológico, que ainda se sente em muitos sectores industriais portugueses, parece que, em muitos casos, está um problema de mentalidade imbuída de concepções ancestrais e limitativas, visando o lucro a curto prazo e esquecendo as compensações, imediatamente menos palpáveis, da inovação comercial ou industrialmente aplicada.

OS MOTOCICLISTAS E OS CAPACETES

Do Ministério das Comunicações recebemos a seguinte nota:

«Tem-se verificado que muitos condutores e passageiros dos motociclos ou condutores de velocípedes com motor, ao protegerem obrigatòriamente a cabeça com um capacete nos termos do n.º 3 do art.º 31.º e n.º 17 do art.º 38.º do Código da Estrada, não apertam devidamente o francalete, que é o elemento exterior do arnês que passa sob o queixo, destinado precisamente à fixação do capacete à cabeça.

A fiscalização da obrigatoriedade do uso do capacete, que vigora desde 1 de Julho do ano transacto, tem sido feita com bastante tolerância, de modo a conceder-se ao público interessado um período de adaptação, pelo que se vem desenvolvendo uma atitude persuasora de esclarecimento.

Ora, o facto de os condutores ou passageiros circularem com os francaletes desapertados não garante a protecção, em caso de acidente, conforme é função específica do capacete.

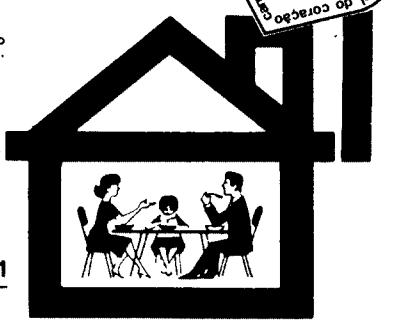
Recomenda-se, por isso, o cuidado de os capacetes serem apertados para que seja evitado o eventual procedimento repressivo de acordo com a Lei. Acima de tudo, porém, o que importa é que as pessoas estejam efectivamente protegidas, o que não acontece quando o francalete não está apertado e o capacete cai em caso de acidente.»

AMIGOS DOS MONTES DA SENHORA

Realiza-se no domingo, num restaurante do Campo Grande, o almoço comemorativo do 6.º aniversário do Grupo dos Amigos dos Montes da Senhora. O banquete reunirá cerca de 200 convivas, presidindo o governador-civil de Castelo Branco. Presentes também diversas individualidades ligadas à vida daquela pitoresca região beiroa.

COLESTEROL ?
ATEROSCLEROSE ?
o seu problema alimentar será fàcilmente resolvido através dos mètodos de ALIMENTAÇÃO RACIONAL diese

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição faculta-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde



contacte o GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
av.república,46 - lisboa1
se mora em Lisboa utilize o telefone 767141

COMOLEX
A COZINHA QUE A SUA CASA MERECE

Móveis Normalizados

- A única fábrica com 4 modelos Standard
  Especial — portas em casquinha
  Palace —
  Luxo —
  Normal —
- totalmente revestidos
- laváveis interior e exteriormente
- adaptáveis ao espaço disponível

Consulte-nos!

A nossa qualidade e os nossos preços permitirão tornar realidade o seu sonho

COMOLEX MÓVEIS, LDA.
Exposição e Venda Av. Berna, 24-A Lisboa
Fábrica Av. N. Sr.ª do Castelo 37 (Telef. 6 21 51) — Coruche
Telef. 77 61 47

PAC 404

DL/ESTRANGEIRO

UPI · R · FP · ANI · TELIMPRENSA

POMPIDOU: A EUROPA SERÁ CONFEDERAÇÃO

Henry Ford II, presidente do conselho de administração da Ford Motor Company, advertiu hoje que a maior parte dos complexos de fabrico de automóveis terá de fechar até 1975, se o Governo federal americano não suspendèr as medidas contra a poluição impostas aos veículos.

A decisão sobre se os padrões promulgados serão suspensos só amanhã é anunciada em Washington, pela agência de protecção do meio ambiente.

As principais companhias fabricantes de automóveis pediram a suspensão desses padrões, por considerarem que são inaceitáveis na presente conjuntura.

Henry Ford II, discursando na reunião anual da companhia, disse que a aragem das operações de manufactura significaria a neutralização de cerca de 5 por cento da capacidade industrial dos Estados Unidos, o que teria um impacto «devastador» sobre os rendimentos e provocaria o aumento do desemprego.

INDEMNIZAÇÃO DE SEIS MILHÕES

HOLLYWOOD, 12 — (R) — A Universal Studios intentou uma acçãocontra o actor-cantor Dean Martin, de 54 anos, reclamando uma indemnização de seis milhões de dólares (cerca de 161700 contos) por alegadamente abandonar na segunda-feira um local no Novo México onde se procedia a filmagens.

A Universal Studios diz ainda queDean Martinfora contratado, nos termos de um acordo verbal, em Novembro, para trabalhar durante 12 semanas no filme «Show Down», com o salário semanal de 25000 dólares (aproximadamente 672 cotos).

FITTIPALDI: MAIS RÁPIDO

MONTE CARLO, 12 — (R) — O volante brasileiro Emerson Fittipaldi bateu hoje o recorde oficial da volta mais rápida no circuito de Monte Carlo no segundo dia de treino no Grando Prémio de Mónaco, que se disputa no domingo.

Fittipaldi, actual comandante conjunto do campeonato mundial de condutores, fez o seu John Player especial, preto e dourado, percorrer a tortuosa pista de Mónaco, numa distância de 3145 metros, em 1 minuto e 21,4 segundos, à velocidade média de 139,90 quilómetros por hora, ou seja oito décimos de segundo menos do que o máximo oficial estabelecido no ano passado pelo escocês Jackie Stewart, o campeão mundial reinante.

O Grande Prémio de Mónaco é a quarta corrida a contar para a série do campeonato mundial de 1972.

Fittipaldi ganhou recentemente o Grande Prémio de Espanha.

Dúvidas quanto à eficácia das minas nos portos do Vietname do Norte

WASHINGTON, 12 — (ANI, FP e R) — Um estudo secreto da Casa Branca, em que o secretário da Defesa, Melvin Laird, e a Agência central de Informações (CIA) punham em dúvida a eficácia da colocação de minas nos portos do Vietname do Norte, foi publicado ontem por um congressista contrário à guerra.

O documento foi incluido na acta do Congresso por Ronald Dellums, congressista democrático pela Califórnia, numa tentativa com êxito por parte de críticos da guerra para evitarem oposição do Senado à impressão do material.

Extractos do documento apareceram nos jornais durante as últimas duas semanas, mas o material incluido na acta do Congresso fornecia muito mais detalhes do memorando de 1969, que é ainda classificado como secreto pelo Governo de Nixon.

Um dos extractos mais importantes do dumário incluido na acta declarava que o gabinete do secretário da defesa e a C. I. A. por um lado, e os chefes do Estado-Maior conjunto e o comando militar no Vietname, por outro, discordavam sobre se o auxílio em armamento soviético e chinês ao Vietname do Norte podia ser reduzido suficientemente para se conseguir uma diferença na guerra.

PERIGOSO

Entretanto, nem os norte-vietnamitas, nem os russos nem os chineses fizeram ainda qualquer tentativa para retirar as minas colocadas pelos americanos — segundo um informador da secretaria da Defesa, Jerry Friedheim, o qual sublinhou que o Vietname do Norte nem sequer possui draga-minas.

Os norte-vietnamitas poderão utilizar navios costeiros, equipados com material de detecção, para tentarem encontrar caminho seguro entre as minas, mas isso será muito perigoso — sublinhou o informador.

DIFICULDADES

Por outro lado, os esforços dos "pombas" do Senado e da Câmara dos Representantes para obrigarem o presidente Nixon a Pôr fim à guerra no Vietname esbarraram ontem com sérias dificuldades que tornam improvável um voto rápido sobre esta questão.

Apesar de toda a agitação provocada pelas recentes decisões do presidente, a maior parte dos republicanos e os democráticos conservadores não estão dispostos a precipitar a votação para a suspensão dos créditos às operações militares na Indochina.

DECLARAÇÃO

PARIS, 12 (R.) — Oito pilotos americanos ao cativeiro assinaram uma declaração a dizer que os bombardeamentos dos Estados Unidos contra o Vietname do Norte são «fúteis» — anunciou a noite passada a declaração norte-vietnamita às conversações de paz de Paris.

Os delegados do Vietname do Norte distribuiram uma declaração assinada pelos pilotos e contida numa notícia recebida em Paris procedente da Câmara noticiosa do Vietname do Norte.

A declaração dizia que os bombardeamentos apenas conduzirão à «morte e captura de muitos mais americanos, além de por em perigo as vidas dos pilotos americanos já cativos», e pedia aos americanos para porem termo à guerra do Vietname e reatarem as negociações de paz de Paris.

GIAP: o homem que dirige a ofensiva

SAIGÃO, 12 (Por Alan Dawson, da UPI-ANI) — O general Vo Nguyen Giap, ministro da Defesa do Vietname do Norte, perdeu mais batalhas do que ganhou, nos últimos 27 anos. Contudo nunca perdeu uma guerra.

E este homem baixo e atarracado — que comandou no primeiro combate uma força militar norte-vietnamita, de 34 homens, na véspera do Natal de 1944 — quem dirige agora o exército regular de 150 mil homens do seu gabinete de Hanói.

Em 27 anos, aceitou o auxílio americano para a luta de guerrilhas contra os japoneses, o auxílio chinês para derrotar os franceses e, agora, o auxílio russo contra o exército sul-vietnamita, apoiado pelos americanos.

Segundo os seus amigos afirmam e ele escreve, preocupa-se pouco com os seus homens ou com cada batalha.

«Morrem por minuto milhares de pessoas em todo o mundo. A vida ou a morte de uma centena ou de um milhar ou de milhares de seres humanos, mesmo que sejam nossos compatriotas, representa realmente muito pouco» — afirmou uma vez.

Esta maneira de pensar tem desconcertado os oficiais ocidentais, surpreendidos com as vagas humanas dos ataques norte-vietnamitas, que deixam centenas de mortos sem ganharem qualquer objectivo.

Giap nem se deteve a pensar, quando um jornalista ocidental lhe perguntou, em 1968, se achava que estavam correctas as informações aliadas sobre a morte de 650 mil soldados comunistas, desde 1961: «Está quase certa» respondeu.

Desde esta entrevista, o número de vietcongs e norte-vietnamitas mortos subiu para oitocentos mil, segundo as estatísticas aliadas.

Giap expôs as suas teorias nos livros que escreveu e pô-las em prática nas batalhas contra os japoneses, os franceses e os chineses.

São conhecidos alguns elementos, preciosos, sobre a personalidade de Giap. Um dos traços dominantes do seu carácter é o génio. E conhecido como o «vulcão de capacete branco»; embora seja muito provável que este nome só seja usado nas suas costas.

Giap, como a maior parte dos dirigentes dos dois Vietnames, é natural da região central, politicamente mais evoluída. O seu nome, em vietnamita significa «armadura».

Frequentou o liceu francês de Hué, em que estudaram também Ho Chi Minh e Ngo Dinh Diem, primeiros presidentes do Vietname do Norte e do Vietname do Sul, respectivamente. Participou mais tarde em manifestações contra os franceses e passou algum tempo na prisão — o que tem sido uma condição prévia dos dirigentes no Vietname do Norte.

A subida de Giap começou com a inscrição no Partido Comunista da Indochina, de Ho, formado em 1933.

Depois de se ter licenciado em Direito e Economia política na Universidade de Hanói, em 1937, Giap participou na insurreição de 1939, que terminou com a fuga dos filiados do Partido para Kwangsi, na China.

Quando da formação da liga Vietminh para a independência do Vietname, em 1941, em Tsin Tsi, Giap foi encarregado de formar a força militar que iria derrotar os japoneses e os franceses e levar os comunistas ao poder.

A sua «Brigada armada de propaganda», constituída por 34 homens, foi formada a 22 de Dezembro de 1944, e Giap entregou aos voluntários armas apreendidas e de fabrico rudimentar. Duas noites mais tarde, dirigiu pessoalmente os ataques a dois campos do Exército francês, perto da fronteira chinesa, matando sem piedade os soldados franceses, apanhados de surpresa.

Aconselhados pelos norte-americanos, os voluntários desceram de páraquedas atrás das linhas japonesas e a força de guerrilheiros de Giap entrou em luta com o Exército imperial. Todavia; era com os franceses que Giap estava preocupado.

Os seus receios concretizaram-se em 1945, quando o Governo francês enviou tropas para Hanói, embora tivesse sido proclamada a República Democrática do Vietname e Ho e os seus partidários se tivessem instalado ali.

GIAP: o general que nunca perdeu uma guerra

Quando começou a luta, em Dezembro de 1946, Ho, Giap, e os vietminhs fugiram para as florestas e foram precisos oito anos de luta de guerrilhas, que se foi intensificando até às forças de assalto, para se derrotarem as forças francesas apoiadas pelos americanos.

Depois da vitória comunista em Dien Bien Phu, o Vietminh ficou com metade do Vietname, como foi decidido na conferência de Genebra de 1954.

Quando se tornou evidente que os Estados Unidos e Diem não autorizariam a realização de eleições, em 1956, que dariam o Vietname do Sul ao Vietminh, Giap agora vice-chefe do Governo, ministro da Defesa e comandante-chefe do Vietname do Norte — começou a pensar numa nova guerra.

Combatentes do Vietminh «reagrupados» infiltraram-se no Sul, a fim de recrutarem homens para uma nova luta de guerrilhas, em 1965, soldados regulares norte-vietnamitas chegaram ao Vietname do Sul.

Em 1968, Giap estava pronto para a terceira fase do seu bem conhecido plano de guerra — a guerra convencional. O resultado foi a ofensiva do Tei — um malogro militar, mas um êxito político.

A actual ofensiva pode vir a ser a mais importante de todas. Um exército norte-vietnamita maior, mais bem preparado e equipado tem aparentemente como objectivo a vitória total.

Giap, o homem que perde batalhas e ganha guerras, dirige a ofensiva de Hanói.

APOLO
8 OU 15 DIAS DE FÉRIAS
VIAGENS
PALMA DE MAIORCA
Partidas às segundas-feiras, de 3/7 a 11/9 em avião a jacto Boeing 727.
PREÇOS DESDE 3.090$ (TUDO INCLUÍDO)
TORREMOLINOS
EM AVIÃO — Partidas às quartas-feiras, de 5/7 a 13/9 em avião a jacto Boeing 727.
PREÇOS DESDE 2.980$ (TUDO INCLUÍDO)
EM AUTOPULLMAN — Partidas aos Domingos, de 4/6 a 24/9
PREÇOS DESDE 2.230$ (TUDO INCLUÍDO)
abreu
LISBOA — Av. Liberdade, 160
PORTO — Av. Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sota, 2

DL/ESTRANGEIRO

UPI · R · FP · ANI · TELIMPREN

NOVA ARMA — Jipes americanos, nas ruas de Pleiku, equipados com a nova arma que dispara mísseis teleguiados. Os Estados Unidos projectam utilizá-la nos ameaçados planaltos centrais do Vietname do Sul, contra os tanques de fabrico soviético das forças de libertação. (Telfoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Centenas de manifestantes presos nos EUA

NOVA YORK, 12 (FP e R) — O presidente de uma universidade e um astro do basquetebol encontravam-se entre centenas de pessoas presas ontem ao ocorrerem pelo terceiro dia consecutivo manifestações em todo o país contra a colocação de minas pelos americanos em portos norte-vietnamitas.

A polícia interveio em vários pontos do país para acabar com manifestações.

Em Nova York, 17 manifestantes contra a guerra acorrentaram-se a lugares no Conselho de Segurança das Nações Unidas e ali permaneceram durante várias horas. Quinze outros do mesmo grupo saltaram uma vedação do edifício da ONU e envolveram-se em luta com guardas das Nações Unidas.

Em Viena, na Europa, manifestantes de um movimento dissidente das juventudes comunistas tentaram erguer um "bloqueio" simbólico em volta da embaixada dos Estados Unidos, utilizando arame farpado. Num panfleto, os manifestantes acusam o presidente Nixon de "cometer genocídio na Indochina e de brincar com a terceira guerra mundial".

Em Nova Delhi, uma centena de membros do conselho geral dos sindicatos pro-comunistas manifestaram-se ontem diante da embaixada dos Estados Unidos na capital indiana, onde entregaram um memorando. Em seguida, dirigiram-se para a embaixada norte-vietnamita, para exprimirem solidariedade ao povo do Vietname na sua "luta contra o imperialismo americano".

A POLÍCIA INTERVEM — Um manifestante é arrastado para uma «ramona» em Los Angeles. (Telefoto/UPI/Telimprensa/«DL»).

Em Perth, Austrália, a Polícia interveio para dispersar manifestantes, que se tinham sentado diante do consulado dos Estados Unidos. Foram presas nove pessoas, depois de violentos recontros. Anteriormente, tinham desfilado pela cidade 500 manifestantes.

Em Frankfort, foi cometido um atentado à bomba contra uma messe de oficiais americanos, provocando a morte de um coronel, treze empregados da mesma messe ficaram gravemente feridos. Segundo testemunhas, o coronel foi atingido por uma estilhaço que lhe cortou a carotida.

Em Paris, os serviços de segurança do aeroporto de Orly receberam ontem um telefonema anónimo, anunciando que tinha sido colocada uma bomba a bordo do avião da companhia americana TWA, que devia descolar para Nova York. Depois de uma busca sem resultado, o avião acabou por partir, com mais de uma hora de atraso.

Em Marselha, as montras do Bank of America e da agência Ford foram partidas à pedrada. Numa parede próxima do banco, havia a inscrição "Guerra a Nixon"

Ontem à noite, perto de um milhar de militantes da extrema esquerda desfilaram no mesmo porto acabando por dispersar, sem incidentes

A CASA BRANC "encantada" com a moderação rus

NOVA YORQUE, 12 (F.P.) — Na Casa Branca, estão «encantados» com o tom da nota diplomática de Moscovo acerca dda crise vietnamita — escreve esta manhã James Reston no «New York Times». O comentarista qualifica essa nota de «obra prima de hipocrisia, defendendo os princípios de direito internacional que eles (os soviéticos) violam quando isso é do seu interesse».

Os dirigentes soviéticos, no ver do comentarista, actuam como amigos consternados pela conduta de uma criança despreocupada e falha de juízo».

Ao analisar os motivos da moderação soviética, Reston escreve: «Os soviéticos) compreen problemas do pre nos Estados Unido estrangeiro. Quere acordo em Berlim, acordos com os Unidos sobre o con o contrôle das arm cleares. Querem um de segurança europe ra que Washingtor todas ou uma parte pas estacionadas Rhur e o Elba. O V não os inquieta dem Pensam que lá ganh.

«Moscovo dá a são de estar bastant feito com a situação mo se apresenta» clui Reston.

CASTIGO — O estado em que ficou o rosto de Elizabeth Hylands uma irlandesa católica de 15 anos, sequestrada durante cinco dias e espancada por elementos do IRA, que a acusaram de servir de espia dos ingleses e ter levado à prisão diversos republicanos (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Sunhine custou a vida a 91 mineiros

KELLOG (IDAHO), 12 (R) — Brigadas de socorro encontraram a noite passada os corpos dos últimos sete mineiros desaparecidos na mina de prata Sunshine, devastada por um incêndio, o que elevou o balanço trágico do desastre para 91 mortos.

Apenas dois homens, salvos na terça-feira, sobreviveram ao fogo que se registou na mina ha 10 dias, a 1600 metros de profundidade.

A mina de prata e a maior e a mais rica dos Estados Unidos.

Quase todos os 44 cadáveres descobertos ontem — as brigadas de socorro acharam 37 mineiros mortos antes, durante o dia — encontravam-se amontoados à volta da galeria do monta-cargas ou elevador — o ponto de concentração para evacuação em caso de incêndio.

Os dois homens que sobreviveram à catástrofe desobedeceram as instruções no caso de um incêndio e afastaram-se da galeria do monta-cargas, escapando à morte por sufocamento pelo fumo e gás de monóxido de carbono. Os dois sobreviventes aguardaram durante sete dias na escuridão, numa «bolsa» de ar fresco, conseguiram manter-se comendo as sanduíches dos seus colegas mortos.

A empresa da mina comunicara originalmente que 82 mineiros estavam soterrados, debaixo do solo, mas, no domingo, anunciou que, após uma verificação, o total exacto era de 9?

HENRIQUE PEDRO DA SILVA

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Albertina Aurora Alves da Silva, Armando Henrique Alves da Silva, sua mulher Maria Cândida Tardio do Espírito Santo Alves da Silva e filhos, Maria Tereza da Silva Rodrigues Salgado Miranda, seu marido e filhos e mais família participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença, o seu querido marido, pai, sogro, avô, bisavô, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 11 horas, da Igreja do Santo Condestável, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres. Às 10.30 horas, será rezada Missa de corpo presente.

AGÊNCIA BARATA

Necrologia

JOÃO MOITAS DINIS

A Corporação dos Transportes e Turismo, com muito pesar, participa o falecimento de seu Director, Senhor João Moitas Dinis, ocorrido em Genebra.

HENRIQUE PEDRO DA SILVA

Faleceu o sr. Henrique Pedro da Silva, de 87 anos, fundador e sócio gerente de HENRIQUE PEDRO DA SILVA, Lda natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Albertina Aurora Alves da Silva, pai do sr. Armando Henrique Alves da Silva e avô da sr.ª D. Maria Teresa da Silva Rodrigues Salgado Miranda e do sr. Rui da Silva Rodrigues Salgado.

Amanhã, dia 13 às 10 e 30 horas na Igreja do Santo Condestável, será rezada Missa de corpo presente, realizando-se o funeral pelas 11 horas, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Barata.

"DL"/NACIONAL

TAUROMAQUIA: inauguração da praça da Malveira

Na Malveira foi ontem inaugurada uma alegre praça de touros, pertencente ao sr. Florêncio José Canas e reunindo todas as condições para nela se realizarem espectáculos nos dias do mercado semanal e noutras datas.

Foram lidados cinco touros de Calheiros Lopes e um de David Teles, este, cavaleiro a duo bem combinado com Fernando Salgueiro; Mestre Baptista, que nada pôde fazer com um manso; José Maldonado Cortes muito bem, mas, devido ao mau estado do piso, sofrendo uma queda que poderia ter graves consequências se não fora a rápida intervenção do seu peão Manuel dos Santos; David Teles, a sós e muito bem; Fernando Salgueiro ao som da música e grande êxito; e Cortes e Baptista a duo num belo touro de David Teles.

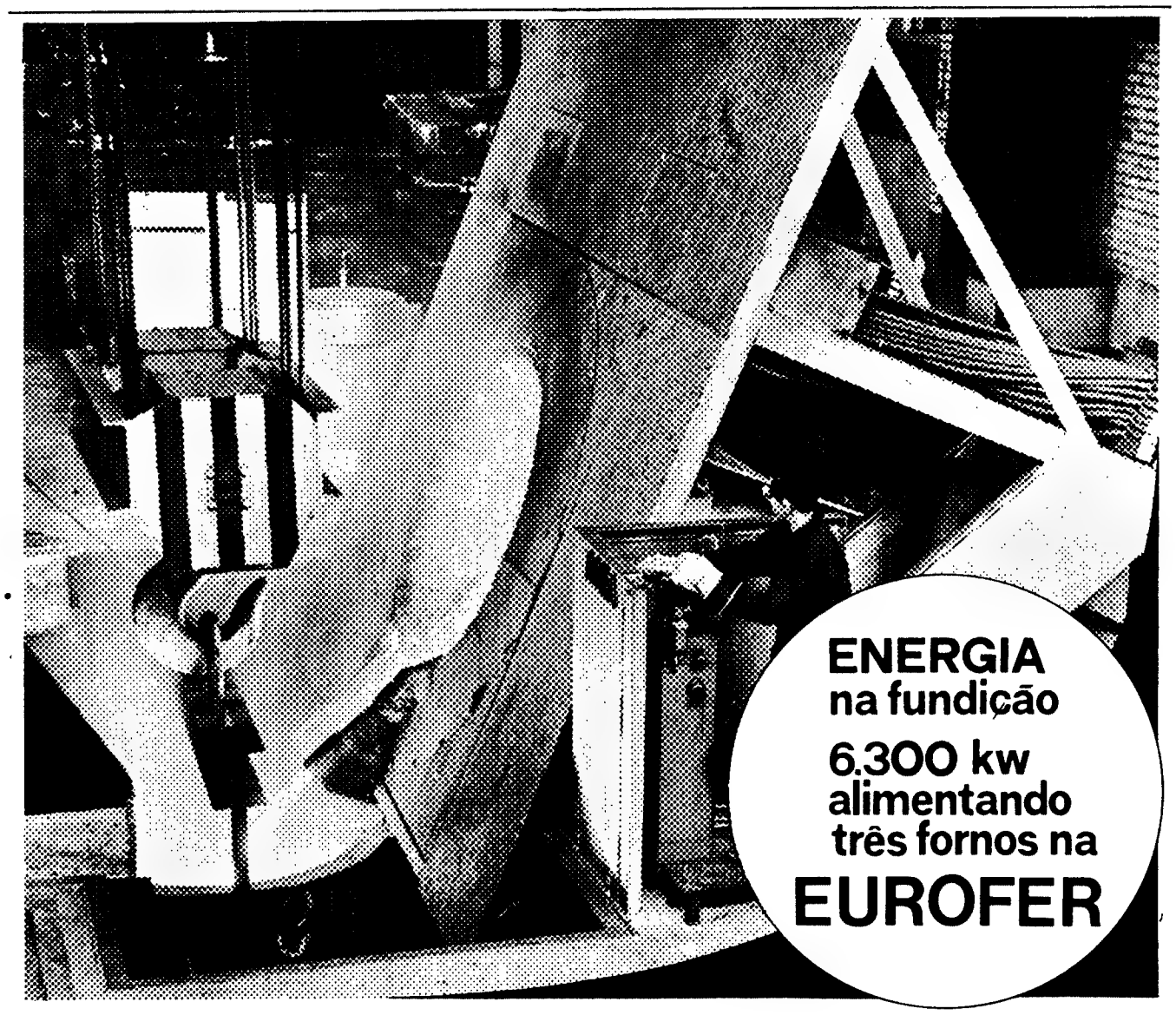
Pegaram os seis touros os valentes Amadores de Montemor, que deram voltas à arena com os cavaleiros.

Assim se confirmaram as possibilidades de que vimos escrevendo, e até a da morte a rojão, sem necessidade de picadores nem a espera do matadouro, porque estamos de novo no reinado da nobre cavalaria.

Câmara Municipal de Lisboa

O presidente do Município, eng. Santos e Castro, confere posse no dia 15, às 12 horas, ao novo director dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Eduardo Melo de Oliveira.

Na mesma altura, tomam posse, o eng.º Artur de Moura Viegas, como chefe da Divisão de Arruamentos e Esgotos, e o arquitecto Joaquim Higino de Sousa, como chefe da Repartição de Edificações Urbanas.



ENERGIA

ASEA ELÉCTRICA
colaborou num novo e importante empreendimento, ao fornecer e instalar nesta moderna fundição do nosso País:
* DOIS FORNOS ELÉCTRICOS DE INDUÇÃO DE 8 TONELADAS CADA, TIPO LFD-8
* UM FORNO DE CANAL DE 30 TONELADAS TIPO LFR-30
participando assim uma vez mais no desenvolvimento da indústria nacional

ASEA ELÉCTRICA LDA
Estrada do Prior Velho Tel. 2521101 (5 linhas) · Sacavém
Rua do Campo Alegre, 144 Tel. 67239 · Porto

PEQUENOS CONCERTOS

Lídia de Carvalho
Violino

Helena Matos
Piano

Brahms
Fernando Lopes Graça
Prokofieff

DOMINGO
14 DE MAIO
ÀS 18 HORAS
GRUPO A M/6 ANOS

BILHETES DESDE 10$00

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz — ARAZEDE

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

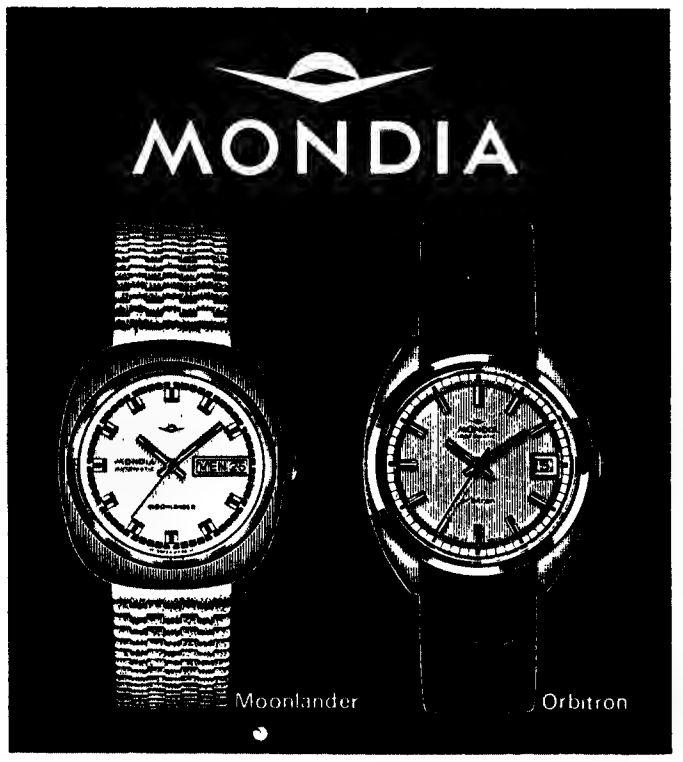
Sede: Av. Elias Garcia, n.º 123 2.º — Telf. 765023/24
Centro Social: R. da Palma, n.º 278-2.º — Telef. 860034
LISBOA

RECTIFICAÇÃO
CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL

Para conhecimento de todos os sócios informamos que a Assembleia Geral Extraordinária convocada para o próximo dia 12 do corrente, pelas 20,30 horas, se realiza, com a ordem de trabalhos já anunciada (Apreciação e aprovação do Projecto de revisão do C.T.T. dos Armadores da Marinha Mercante), na Sociedade de Intrução e Beneficência A Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa.

Lisboa, 9 de Maio de 1972

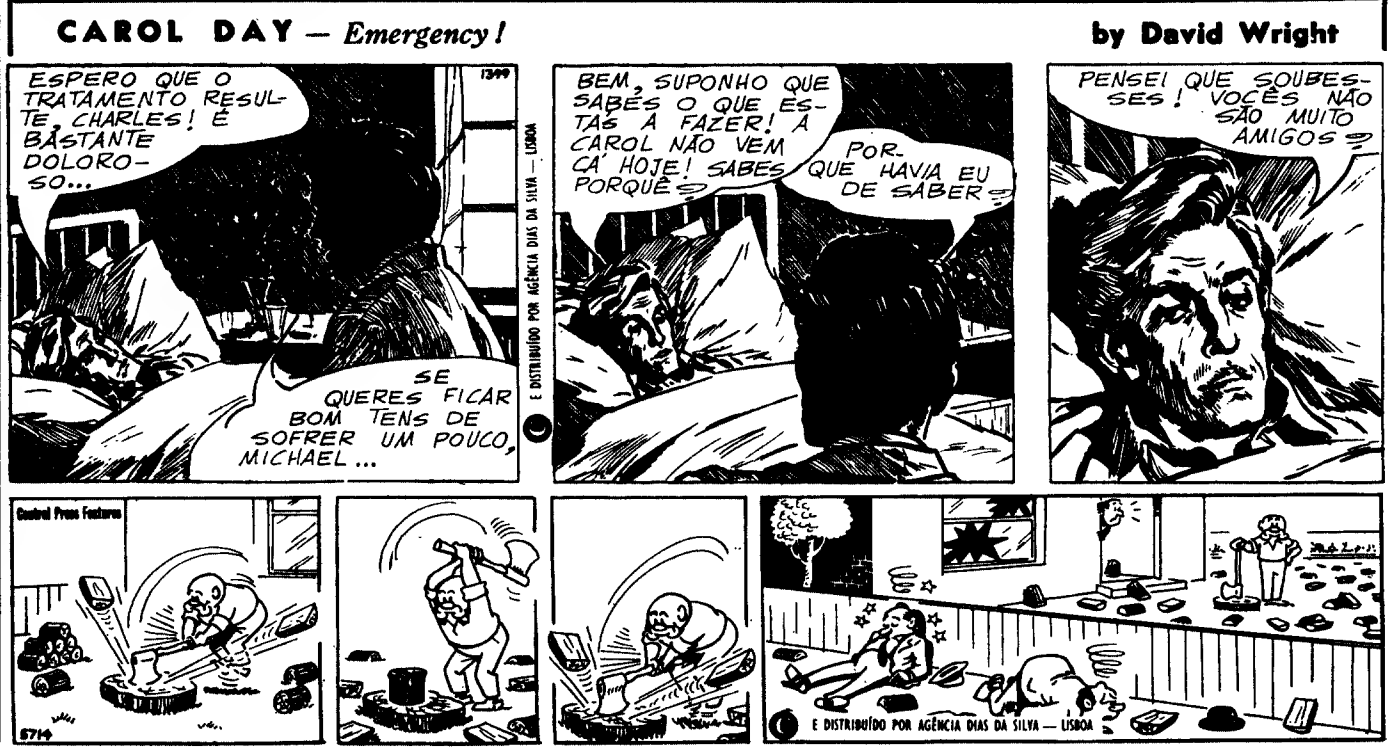
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, (a) **Ernesto Gil de Oliveira**



SÍMBOLO DA HORA EXACTA
MOVADO — ZENITH — MONDIA
Holding Horloger S. A.
À venda nas boas ourivesarias e relojoarias

PRISÃO SEM GRADES

O arquitecto Sidney Foise acredita que as prisões já não devem ter grades, para melhor recuperação dos internados. Na telefoto UPI-Telimprensa/ «DL» vê-se o pátio da nova penintenciária de Nova Orleans, por ele desenhada, onde cada preso tem um quarto e cada andar uma sala de convívio.



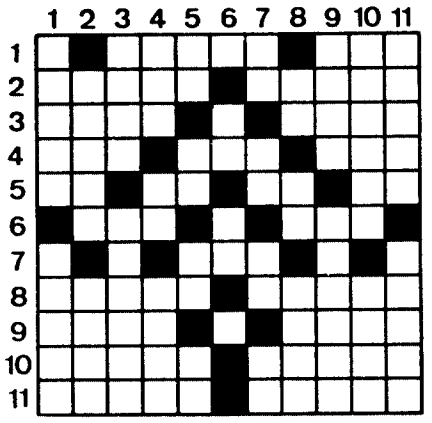
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10086

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Bom senso. Abismo (fig).
2 Porco. Género de insectos coleópteros.
3 Macaco (ant). Passados.
4 Pseudónimo literário de Carlos Lopes. Nome do primeiro homem da mitologia escandinava. Medida grega, de comprimento.
5 O lado do vento. Espera deferimento (abrev). Aparência (fig) Niquel (s.q)
6 Preposição. Cidade do estado de Minas Gerais.
7 Medicina.
8 Acerto. Dinheiro, ou prata (ant).
9 Alvo. Paqueno barco de recreio.
10 Liça. Bati.
11 Medida de 20 litros (Porv. trans). Fruto silvestre.



VERTICAIS:

1 Peixe das costas do Algarve. Gastar com o uso.
2 Gritos lamentosos dos cães. Lista.
3 Fértil. O que há de melhor na sociedade (pl).
4 Espaço de doze meses Preposição. O mesmo que anona.
5 Pintor francês aluno de Couture e autor de «O Cego de Toledo». Preposição latina que designa movimento Pedra de moinho. Preposição e artigo definido.
6 Sua Santidade. Ferro (s.q). Artigo definido.
7 Alternativa. Kiloampere (abrev). Contracção da preposiçao de com o artigo definido a. Miriare.
8 Vi. Ruténio (s.q). Zombem.
9 Receio. Resíduo dos frutos que foram espremidos para se lhes extrair o suco.
10 Enfeita. As regiões superiores da atmosfera.
11 Nivelai. Divide ao meio.

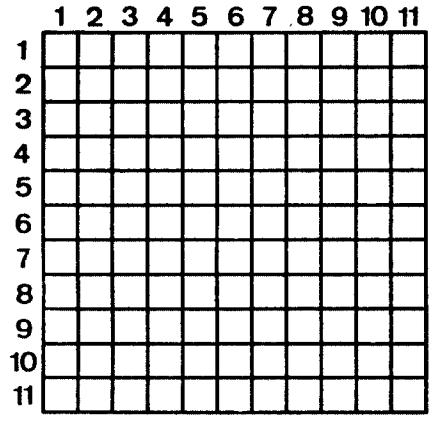
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6244

HORIZONTAIS:

1 Muito digno (abrev). Cidade de Itália. Mil e cem em romano.
2 Confrontara.
3 Condição de réu. Velhice (fig).
4 Interjeição que exprime dor ou aflição e usada pelos pescadores da cosra estremenha. Sinal (ant).
5 O mesmo que três. Capitão (abrev). Nome de mulher.
6 Causa amuo a. Primeiro alvor da manhã.
7 Arsenal.
8 Letra grega. Freguesia do concelho de Coimbra. Nesse lugar.
9 Rio da Rússia. Porção de lã aberta.
10 Espécie de uva branca dos Açores e Estremadura. Lugar da freguesia da Glória concelho de Estremoz.
11 Cantigas. Logro (fig).



VERTICAIS:

1 Cidade da Suiça. Selvagem.
2 Mamífero pertencente ao género cuguardo. Pregar.
3 Arrebentação do mar na costa. Genro de Maomé.
4 Bosque. Nome de insectos dípteros.
5 Rezo. Nome genérico das divindades do Japão. Campeão.
6 Nordeste (abrev). Para (abrev). Anel.
7 Nome de dois rios da Mesopotâmia, afluentes do Tigre. Preposição. Cálcio (s.q).
8 Argolas. O mesmo que alistar.
9 Combinava. Ligue
10 Ira (fig). Região da Africa oriental, entre a Etiópia, o mar Vermelho e o golfo de Adem.
11 Diadema. O mesmo que guitarra (peixe Bras).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10085

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 S.T.J. NÃO. Sud.	1 SS. Chãs Afã.
2 SE. Mioma. N.E.	2 Teu. Acab. Ob.
3 Unes. Argos	3 Na. Alarga.
4 Aloirar.	4 Melo. Ruem.
5 Ha. Pi.	5 Niso. Atam.
6 Aca. Apá. Gen.	6 Ao. Impomos.
7 Sal. Toscano	7 Omar. Asor
8 Baramoana.	8 Araã. Caetê.
9 Rumores.	9 Gr. Gansos.
10 FOGE. Tona.	10 Uno. Pena. N.S.
11 Abama Cesso	11 DESTINO. Fão

Provérbio: NÃO SE FOGE AO DESTINO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6243

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Mitla. Mobed.	1 Moca. Mobile
2 Orei. Saia.	2 Irão. Açoram.
3 Cai. Aba. Ir.	3 Teiró. Arada.
4 Aoros Islão.	4 Li. Oso. Dial.
5 Ossário.	5 Assuma. Sã.
6 Ma. Ourém. Am	6 N.B. Are
7 Oca. Mel. Amo.	7 Airela. Cá
8 Borda. Airar	8 Os. Sim. Içar
9 Irai Casa.	9 Bailo. Ara.
10 Ladas. C.ª. Ti.	10 Eira. Amaste
11 Emala Arões.	11 Dá Morais

__ Tenho a impressão que essa sua jogada foi um bocado violenta e que provàvelmente terei que expulsá-lo.

__ Uma vez que já chegámos a este ponto, acho que poderiamos ver exactamente qual é o seu peso EXACTO.

__ Turma, posso ir lá fora?

TRIBUNAIS MILITARES:

O SERVIÇO MILITAR MANTÉM-SE ATÉ AO CUMPRIMENTO DA PENA

Um decreto-lei do Ministro da Defesa, agora publicado no «Diário do Governo», vem remover dúvidas quanto à delimitação da competência dos tribunais militares a propósito do pessoal passado à disponibilidade, estabelecndo, desde logo, que «os militares continuam sujeitos ao foro militar depois de passados à disponibilidade relativamente aos crimes cometidos durante a prestação de serviço efectivo».

Mais estabelece que «os militares com processo de crime de foro militar que esteja pendente serão mantidos na efectividade do serviço enquanto não for proferida decisão e cumprida a pena que lhes vier a ser imposta, salvo se lhes competir a passagem à situação de reserva dentro do quadro permanente ou à de reforma».

Contudo, ao militar que haja cumprido o tempo de serviço a que estava obrigado, mas tenha pendente processo de crime do foro militar, pode ser concedida licença registada, por períodos prorrogáveis justificados, autorizar-se a sua deslocação entre as províncias ultramarinas ou entre estas e a metrópole.

"Temos de criar hábitos de liberdade com responsabilidade"

- afirmou Marcello Caetano

Na orgânica do Ultramar, Estatuto da Imprensa, situação da população rural, relações com o Brasil — foram os tópicos da «conversa em família» ontem à noite proferida por Marcello Caetano e de que a seguir transcrevemos os trechos mais significativos.

LEI ORGÂNICA DO ULTRAMAR

«Mas a autonomia de uma região não implica o divórcio desta região dos órgãos de governo da Nação. Traça-se uma linha de separação entre o que pode ser tratado localmente e o que tem de ser decidido no plano nacional pelos órgãos de soberania».

«A manutenção da intervenção do Governo central em determinados domínios da administração interna das províncias, a nomeação dos governadores de modo a conferir-lhes independência em relação aos interesses locais, são garantias indispensáveis contra o domínio das oligarquias e de protecção das camadas populacionais mais fracas.»

ESTATUTO DA IMPRENSA

«O Estatuto limita-se a desenvolver as bases constantes da lei votada pela Assembleia Nacional e que há muito são conhecidas. Nas suas disposições transitórias, e ainda de harmonia com a lei, sujeita a imprensa periódica, enquanto durarem no Ultramar as circunstâncias actuais, a exame prévio dos textos a publicar. Para ajuizar destas disposições transitórias, que há muito se tinha dito que viriam a ser incluídas no Estatuto é preciso ter presentes dois factos: um, o de durante quase meio século a Imprensa periódica portuguesa ter estado sujeita ao regime de censura prévia donde tem de sair por uma transição gradual; o outro, o estarmos em fase delicada da vida da Nação portuguesa, com características de tempo de guerra, em que somos forçados a manter importantes efectivos militares em luta no Ultramar e a fazer frente a poderosos inimigos externos.

«Ora neste momento temos de criar hábitos de liberdade com responsabilidade. Chamo a atenção para este ponto e não me cansarei de insistir: a responsabilidade é inseparável da liberdade.

«O meu desejo teria sido o de suprimir a censura logo que cheguei ao Poder. Mas pelas razões apontadas, de se achar o País envolvido numa luta em que o moral da retaguarda é tão importante como o vigor combativo das tropas, e em que há forças poderosas do estrangeiro, empenhadas em minar a nossa resistência, isso não é possível.

SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL

«Temos de dar atenção muito particular à gente dos nossos campos. E dentro dessa política o Governo continuará a incrementar os melhoramentos rurais e a electrificação do País. Deve dizer-se que hoje a principal dificuldade com que lutamos não é tanto de dinheiro, como de técnicos, empreiteiros e mão-de-obra — quer para projectar, quer para realizar.

RELAÇÕES COM O BRASIL

«O senhor Ptesidente da República na sua visita, feita a convite do Governo brasileiro para corresponder a um desejo formulado em nome de todo o povo por ocasião da celebração da independência, abriu novos caminhos ao intercâmbio das duas Nações.»

...Aos 20 anos, seu filho lhe dirá:

obrigado, papá!

Prepare hoje o futuro do seu filho comprando-lhe um andar em **Miraflores-Lux**! Dentro de 20 anos encontrará as mesmas razões que o levaram agora a fazer essa compra:

- a situação previlegiada de **Miraflores-Lux**, sem paralelo nos arredores de Lisboa,
- o meio ambiente social,
- a alta qualidade dos materiais de construção.
- 3, 4, 5, 6 e 7 assoalhadas
- Confortáveis condições de pagamento

Visite **Miraflores-Lux** e adquira o andar das gerações futuras!
Piscinas, Garagens privativas, Centro comercial, Escolas, Jardins... Equipamento Completo.

MIRAFLORES LUX *merece a sua visita*

ADVOGADOS	6%
ALTOS FUNCIONÁRIOS	6%
COMERCIANTES	9%
DIRECTORES EMPRESAS	7%
DIPLOMATAS	3%
ECONOMISTAS	3%
ENGENHEIROS E ARQUITECTOS	9%
GERENTES COMERCIAIS	7%
INDUSTRIAIS	6%
INVESTIDORES	12%
MÉDICOS	8%
PROFESSORES	2%
PROPRIETÁRIOS	7%
INVESTIDORES ESTRANGEIROS	4%
DIRECTORES BANCÁRIOS	2%
DIVERSOS	9%
	100%

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas Avenida das Tulipas - Lote 10 — Algés
Telefs 215756-216749-216768

MHP 12/72

"DL"/DESPORTOS

Aveiro em guerra contra o Leite

Aveiro em pé de guerra: Fernando Leite nunca mais na vida pode passar lá pelas ruas. E a arbitragem ao jogo Beira-Mar-Sporting não esquecerá tão cedo.

De facto, a Federação de Futebol, agindo sòmente em face do relatório do árbitro, castigou o clube com a interdição do seu campo de jogos por dois encontros. E ninguém, lá na terra, ficou satisfeito: sob o ponto de vista de milhares, o juiz Leite foi tremendamente desastroso e prejudicou, de fio a pavio, o «team» que é a menina dos olhos das gentes aveirenses.

Durante a tarde de ontem, centenas de pessoas passaram pela sede do Beira-Mar a lavrarem seu protesto contra a deliberação federativa. O apoio a todos os actos que a direcção aveirense resolver fazer agora é unanime Divulguemos o comunicado que a direcção do Beira-Mar redigiu para a Imprensa esta madrugada:

«A direcção do Sport Clube Beira Mar, na sua reunião desta data, e atentas as circunstâncias que rodearam o encontro de futebol com o Sporting Clube de Portugal, e baseando-se nas notícias dos jornais sobre o castigo de interdição do Estádio Mário Duarte, deliberou:

a) Apresentar à Federação Portuguesa de Futebol e seu órgão disciplinar um circunstanciado relatório, devidamente documentado, sobre a pretensa agressão a um elemento da equipa de arbitragem:

b) Repudiar firmemente as declarações maldosas e desprovidas de honestidade, e ainda a conduta do árbitro Fernando Leite, durante o referido encontro:

c) Solicitar à Federação Portuguesa de Futebol um rigoroso inquérito sobre os antecedentes do árbitro Fernando Leite e à sua actuação no jogo em causa.

Deliberou, ainda, recorrer a todos os meios ao seu alcance no sentido de lhe ser prestada a devida justiça, para que casos análogos, que em nada dignificam o desporto, se não repitam.

Aveiro e Sport Clube Beira Mar. 11 de Maio de 1972.
A Direcção.»

Depois disto, foi recebida na sede do Beira-Mar uma carta da Associação de Futebol de Aveiro a colocar-se incondicionalmente ao lado do seu clube mais representativo. E também membros da Comissão Central de Árbitros (que, por acaso viram o jogo contra o Sporting, no «Mário Duarte») estão dispostos a verberar pùblicamente Fernando Leite.

Como se vê, a coisa está assanhada.

Hoje na Imprensa

Couto e Santos entrevista hoje Jimmy Hagan nas colunas do «Mundo Desportivo». Um pequeno trecho das declarações do técnico britânico:

— Não... Não me preocupa a crítica. Nem me importo que me critiquem nisto ou naquilo ou que digam que errei aqui ou ali. Eu estou numa posição que me sujeita à crítica. Sou treinador de uma equipa e isso é sempre um terreno propício à crítica. Os jogadores que sobem ao campo e que são profissionais têm o dever de aceitar as críticas do público, que paga e dos jornalistas que hão-de contar ao público que não foi ao jogo, os acontecimentos. Então, a mesma crítica está no seu pleno direito de criticar o treinador. Eu não gosto de ser criticado, é uma verdade. Mas tenho de o aceitar.

Depois:

— Sim, eu leio português, leio todos os jornais desportivos e até mesmo os que falam mal de mim. Mas nunca modifico as minhas opiniões ou a minha forma de trabalhar baseado nas sugestões ou nas censuras dos críticos. É a mim que o clube paga para dirigir a equipa. Se as opiniões alheias fossem mais úteis ao clube, este teria de pagar aos jornalistas e não a mim.

E, logo a seguir, Hagan reafirmou:

— Os críticos têm um trabalho a fazer e fazem-no. São pagos para isso. Eu faço o meu trabalho aqui e faço-o o melhor que posso e sei, como os jornalistas fazem o seu para os jornais onde trabalham, pondo nos seus escritos o melhor da sua habilidade. Aceito a crítica, mas não tenho de a criticar.

Palmas para Hagan, incontestàvelmente um técnico muito criticado mas, também e sobretudo, um profissional que demonstra excelente espírito desportivo. E a compreensão exacta do que é o trabalho dos jornalistas não enfeudados a outra entidade patronal que não seja o público que lê os seus jornais.

ESTRATÉGIA

por

Alm.te Castro e Silva

Um livro de grande interesse e actualidade no meio militar e político-guerra clássica, subversiva e nuclear.

AJAX LIMPA TUDO

O nosso bem conhecido Ajax, que já tinha ganho o campeonato holandês, acaba de conquistar também a «Taça da Holanda», ao derrotar o Haia, em Roterdão (por 3-2, golos de Cruyff, Muehren e Keizer). Os «ajaxes» parecem lançados para a limpeza final, marcada para o fim do mês, com a colaboração do Inter de Milão. Final da «Taça dos Campeões Europeus» — assim se chama a operação de limpeza a que nos referimos.

FUTEBOL

BENFICA: FAIXAS NO BERÇO

Virtual vencedor da maratona maior do futebol português, a equipa «encarnada» receberá no próximo domingo, em Guimarães, as fitinhas da glória. Belo gesto dos directores do Vitória minhoto.

RELVA COM CHAMPANHE

Lançada a semente à terra no Estádio do Bessa, em cerimónia revestida de extraordinário entusiasmo: bem comprovada, aliás, pelo saltar das rolhas da espumante alegria dos adeptos do Boavista.

SMITH: INGLÊS NA DÚVIDA

O treinador do Atlético já escolheu a equipa que vai receber o Barreirense, em jogo para aquecer a relva da Tapadinha. A incerteza de Ted está na camisa número 11: Vieira ou Raimundo. Há um que não joga.

MÚSCULOS EM APUROS

O defesa cufista Manuel Rodrigues voltou a ressentir-se da lesão que o afastou da equipa principal do seu clube. Assim, tem diagnóstico certo: é operado dentro de dias à perna que não corresponde:

TOCA A PAGAR

O Boavista, condenado pela Comissão de Primeira Instância, vai indemnizar o suplente de Damas. Não ficaram as continhas certas quando Rui Paulino deixou o Bessa. Acertam agora.

DESFALQUE NA LUZ

Humberto, Vítor Baptista e Artur Jorge, pisaram mal o «pelado» de Nicósia. Por tal não deverão jogar em Guimarães: a não ser que, com uma preparação especial... Não se sabe bem do que é capaz o trabalhador Hagan.

S.R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S.Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de ALCÁCER DO SAL em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, SARL para o estabelecimento nas freguesias de Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo) e Alcácer do Sal (Santiago), concelho de Alcácer do Sal, de uma linha aérea a 30 kv com 5566 m, do poste n.º 82, da linha L130-9, Alcácer-Sines, ao posto de transformação P.T.C.7, passando pelo posto de transformação e seccionamento P.T. C.I., pertencente ambos à Sociedade Agrícola de Estudos de Gestão e Investimento (S.A.E.G.I.) e situados na Herdade da Asseiceira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Maio de 1972.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcochete, de uma linha mista a 6 kv, com o comprimento total de 460 m (parte aérea com 440 m, e parte subterrânea com 20 m), do apoio n.º 6 da linha RA 06-37-4 Campo de Tiro de Alcochete ao posto de transformação de Jacinto da Silva Russo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria recção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Maio de 1972

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

HENRIQUE PEDRO DA SILVA

FALECEU

HENRIQUE PEDRO DA SILVA, L.da, participa com o mais profundo pesar o falecimento do seu saudoso sócio gerente e fundador, e que o funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 11 horas, da Igreja do Santo Condestável, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres, sendo às 10,30 horas, celebrada Missa de corpo presente.

HENRIQUE PEDRO DA SILVA

FALECEU

OS EMPREGADOS DE HENRIQUEPEDRODASILVA, L.da, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento do seu saudoso chefe e bom Amigo, o que amanhã, dia 13 pelas 10,30 horas, na Igreja do Santo Condestável, será rezada Missa de corpo presente, realizando-se o funeral às 11 horas, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M 15 anos)

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO Telef 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO FORNO À PADEIRO
LANCHES DE CASAMENTO

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA ESMERADO SERVIÇO DE MESA QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
NÃO TEM SUCURSAIS
ABERTO AOS DOMINGOS

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

EMPRESA HIDROELÉCTRICA DO COURA

S A R L.

SEDE: Rua de Aveiro, 61 — VIANA DO CASTELO

Capital: 40 000 000$00
Elevação do capital a 80 000 000$00

Nos termos da respectiva decisão do Conselho de Administração, tomada mediante prévia autorização da Assembleia Geral e parecer favorável do Conselho Fiscal, é elevado o capital social a 80 000 contos, mediante a emissão de 400 000 novas acções, nominativas ou ao portador, do valor nominal de 100$00 cada uma, nas seguintes condições:

1) As 400 000 novas acções são reservadas firmes aos actuais senhores accionistas, ao preço de 100$00, sendo atribuídas a cada senhor accionista em número igual aos das acções antigas que possuirem.

2) O valor das acções subscritas será pago integralmente no acto da subscrição, fazendo-se esta mediante boletim preenchido pelos senhores accionistas e simultânea apresentação e carimbagem dos títulos que derem direito à subscrição.

3) A subscrição deverá ser feita no Banco Pinto Sotto Mayor (Lisboa ou Porto ou Viana do Castelo) ou nos escritórios da Empresa, em Viana do Castelo, de 15 a 18 do mês de Maio corrente.

4) O dividendo de 1972, referente às novas acções subscritas, se houver, será igual a 7/12 do dividendo a atribuir às acções já existentes.

5) No caso de não serem tomadas as 400 000 acções oferecidas à subscrição reservada aos senhores accionistas será feito rateio entre os subscritores que tiverem declarado desejarem comparticipar do mesmo respectivo boletim de subscrição, devendo o pagamento ter lugar imediatamente após o competente aviso.

Viana do Castelo, 10 de Maio de 1972
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

NÃO QUEREM MÁS FIGURAS

Meteram as mãos á consciência e perguntaram. que vamos lá fazer, se nem a estes ganhamos? Explicando: a Comissão Olímpica Brasileira decidiu retirar a representação de polo aquático das competições de Munique. Motivo: os brasileiros meteram muita água no polo que jogaram, para treinar, com os espanhóis. E, segundo eles, aqui os nossos vizinhos até são jogadores de segunda categoria. Portanto, — pensaram — o melhor é nem sequer aparecer frente às excelentes equipas dos países socialistas. Aliás, o Brasil não estará nada mal representado nas Olimpíadas. Vai competir em remo, ciclismo, pugilismo, natação, atletismo, hipismo, voleibol, futebol, vela, tiro e judo. Pelo menos.

Checoslováquia vence a Rússia

A mesa de ping-pong, os checoslovacos não têm problemas com os russos e ganham: 5-2 foi o resultado do encontro entre as equipas dos dois países. Com este triunfo, a Checoslováquia venceu, pela primeira vez, o Campeonato da Liga Europeia de Ténis de Mesa. A Rússia ficou em segundo lugar e a Hungria em terceiro.

DERROTADO PELO SOBROLHO

Tomaso Galli continua campeão europeu dos «leves». O seu último adversário, o espanhol Luis Marin, chegou até ao 11.º «assalto». Nessa altura, teve de abandonar. Galli acertou-lhe em cheio no sobrolho direito e o espanhol ficou arrumado.

LÁ NA VILA DE CAMBADOS, UM CASO ACONTECEU

Estava o grupo de futebol da Vila de Cambados (ali junto a Pontevedra, no norte de Espanha) a ganhar 3-1 à equipa de uma terra vizinha, sua rival predilecta, quando a autoridade resolveu mostrar a sua autoridade. **El señor alcalde** de Cambados mandou interromper o jogo, porque um distinto membro da vereação local fora insultado, ofendido nos seus brios (de homem e vereador) pelos jogadores.

Mas o árbitro do encontro resolveu demonstrar que também ele é autoridade e não ligou nenhuma à ordem do alcaide. Assim, o jogo prosseguiu até final do tempo regulamentar. Se lhes interessa, até podemos informar que o resultado foi de 4-2 para os visitantes.

A história, porém não termina aqui: o alcaide lá estava, e quem pagou as favas foi o árbitro: toca para a prisão por falta de respeito às autoridades. Vá lá, que foram só umas horitas. Entretanto, os árbitros da região juraram vingança: nunca mais apitarão na vila de Cambados, onde o caso aconteceu.

AO TABULEIRO, EM JOANESBURGO

Está a decorrer em Joanesburgo (África do Sul) o 4.º Campeonato aberto de Xadrez. Concorrem dois portugueses: Francisco Marino (campeão de Lourenço Marques) e Rogério de Carvalho. Se o prémio fosse uma minazita de ouro, mais lá iriam, certamente. Apostava-se.

É BONITA E SABE

Muito humilde, muito modesto, bastante barato (a condizer com a sua maneira de ser, o ténis de mesa (mantenha-se ping-pong) também merece o espaço de um retrato. Deste, em particular, porque ela é jovem, bonita e (vá lá) sabe jogar...Chama-se Judith Magos e pertence á equipa nacional da Hungria.

PAOLA BATE «RECORD»

Correr os três mil metros no tempo de 9 minutos, 9 segundos e 2 décimos foi a proeza conseguida pela atleta italiana Paola Pigni, durante uma reunião de atletismo em Formia. Com aquele tempo, Paola bateu o «record» mundial da prova.

NÃO É A BRINCAR

Toda a gente sabe como treinam duro os atletas alemães. Os futebolistas não fogem á regra. Nem sequer os da segunda divisão, como estes, do Offenbach, uma equipa que acaba de bater um «record» sensacional: não percebeu nenhum dos últimos 25 jogos que disputou. Treinam duro, os homens do Offenbach. Mas, talvez por influência do nome do clube, não perdem o bom humor.

SORRISOS TEXANOS

Á esquerda, Nancy Richey, que venceu em Dallas um torneio de ténis. Á direita, a filha da senhora que deu a «Taça». Bela fotografia para mostrar lá em casa.

QUER GANHAR TUDO

O norte-americano Harold Salomon ainda não perdeu, nos Capeonatos de Ténis da Bélgica. No último jogo, derrotou o belga Bernard Mignot e passou aos quatros de final. Entre os que ainda podem tirar-lhe o prazer e o proveito da vitória final (720 contos em prémios), estão os espanhóis Adriano Panatta e Juan Gisbert.

PORTUGAL NÃO CONSTA

Foi divulgada a lista dos países que a selecção brasileira de futebol visitará em 1973, durante a campanha de preparação para o «Mundial» do ano seguinte, a realizar na Alemanha Federal. S'ão: Marrocos, Tunísia, Itália, Áustria, Alemanha Federal, União Soviética, Suécia, Escócia, Inglaterra, Suiça e França.

O TRAÇO DE PARGANA

"DL"/DESPORTOS COLECTIVIDADES POPULARES E INFORMAÇÃO

DESPORTIVO DAS FONTAINHAS: CASA PRÓPRIA SÓ MAIS LOGO

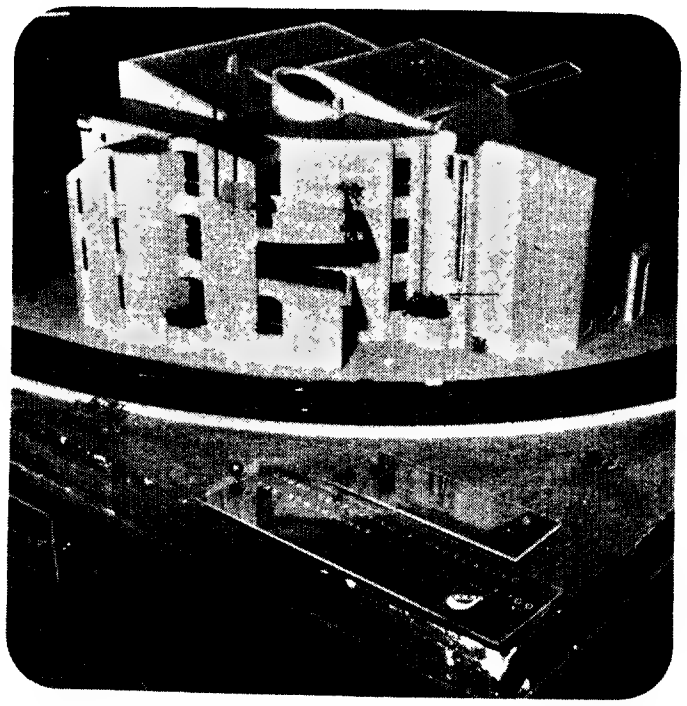
Direcção de clube popular: os mouros do trabalho.

Linda-a-Velha, Linda-a-Pastora, Porto Salvo, Sassoeiros, Cacém, Queijas, Valejas, Parede, Oeiras e Cascais. as dez localidades que a reportagem «DL» já percorreu, em busca de agremiações desportivas com problemas. Sede social, campo de futebol, piscina e pavilhão gimnodesportivo: os quatro grandes anseios, fontes de canseiras, motivações para as enormes dificuldades que aceleram a lenta morte por asfixia das colectividades populares.

Sigamos em frente. A dois quilómetros do centro de Cascais, paredes meias com Alvide, fica o Bairro das Fontaínhas. Aí se criou (num dos primeiros anos da década de 50) uma associação «clandestina» a que puseram o nome de Grupo Recreativo do Bairro Marechal Carmona. Mais tarde a sede da colectividade. Frequência apreciável, a distribuir-se pelas várias dependências: salas de ténis de mesa, de bilhar, de matraquilhos, de jogos de cartas, de televisão, de bufete e de troféus. É nesta última que nos recebe a direcção do clube. O seu presidente, João Patinha, começa por dizer.

Texto de ALEXANDRE PAIS

«Embora a nossa massa associativa seja bastante flutuante, conseguimos manter um mínimo de quatro centenas de sócios. A quota é de 7$50, mas há quem pague mais.»



A maqueta da futura sede: mil sócios irão utilizar as novas instalações.

quando pretenderam legalizar a existência do clube, tiveram os seus impulsionadores de lhe alterar a fachada. em 6 de Janeiro de 1956 nasceu o Grupo Desportivo e Recreativo das Fontainhas.

Numa cave alugada (por 1.250 escudos) está instalada

«Quais as modalidades em que o Fontainhas se faz representar oficialmente?

«Futebol (no Campeonato de Amadores de que fomos finalistas na época passada), ténis de mesa (na 3.ª Divisão Distrital) e pesca. Para estas actividades dispomos de cerca de 60 praticantes.»

O grande «quebra-cabeças» dos membros do corpo directivo é, neste momento (e não se safam tão depressa, podem contar) a construção da nova sede em casa própria. Orçado em quantia superior ao milhar de contos, o projecto do edifício é-nos apresentado numa maqueta de bela traça a que não faltam (sequer) as viaturas e os transeuntes. Ora, para começar, foi necessário o terreno. Como se arranjou?

«A Câmara Municipal de Cascais, cedeu-nos um lote de 362 metros quadrados excelentemente situado e onde já iniciámos a construção. Temos paredes levantadas, mas vimo-nos forçados a parar com a obra por falta de material. Sabe, ele compra-se com dinheiro...»

Pois claro. E como se orientaram para suportar a despesa do que já está feito?

«Contámos com a colaboração de um grupo de associados que se organizaram na constituição duma «comissão pró-sede». Assim, conseguimos arranjar mais de 100 contos, que foram integralmente gastos no que está à vista. Se quisesse podíamos lá dar um salto...»

Já lá vamos. e com muito gosto podem crer. Agora, gostávamos de saber qual a posição da Câmara perante o caso. Registe-se. **«Temos a promessa de um subsídio. Até estamos a contar com a oferta da placa geral, cujo preço deve rondar os 70 ou 80 contos.**

Também contactámos a Junta de Turismo da Costa do Sol: que não concede subsídios para estes fins. Só se organizarmos uma prova ou um torneio desportivo é que poderemos contar com a ajuda desse organismo.»

Vamos então ao tal torneio. que o sr. Serra e Moura não faltará com o seu apoio. Voltando um pouco atrás, parece-nos curioso fazer uma continha. 362 metros quadrados a dois mil escudos cada, dá verba que ultrapassa os 700 contos. O Grupo Desportivo das Fontaínhas tem de corresponder ao privilégio:

«Vamos aproveitar o terreno limitado pelas paredes que já se levantaram para lá levarmos a efeito os festejos dos santos populares. Arranjámos uns dinheiritos e pode ser que as pessoas da terra se comecem a interessar mais por isto...»

Vantagens da nova sede. serão por aí além?

«Está visto. Com um ginásio e com um salão de festas começaremos logo por criar classes de ginástica e um grupo cénico. Muita gente aqui das Fontainhas só está à espera da sede nova para entrar para a «família». Pode ter a certeza que chegaremos fàcilmente aos mil associados.»

Se, como nos dizem, o vosso clube é «o mais pobre da zona de Cascais» a que se deverá essa situação?

«A indolência e a desinteresse das direcções, tanto desta colectividade como de outras, são os grandes culpados pelas dificuldades que surgem. As pessoas não estão para se sacrificar.»

Amadores e finalistas: bem se chuta nas Fontainhas.

Alí, a dois passos, ficam as obras (paradas) da nova sede. Para lá nos dirigimos, acompanhado pelos directores da agremiação. Durante algum tempo percorremos aquela promessa (agora triste e desalentadora) de dias de mais calor. Alguém terá de dar a mão aos homens das Fontainhas. A sede social do Grupo não servirá o interesse de meia dúzia. Há uma povoação inteira à espera dum local de convívio, de uma possibilidade de promoção, de um modo eficaz de se tornar solidária. E como assim é, penso que deve competir às entidades oficiais a resolução do problema. Escusado será dizer estou pronto a desfazer-me em desculpas no caso de estar enganado. O que é pouco provável.

INFORMAÇÃO

MENINAS JOGAM BASQUETE

No Pavilhão da Sanjoanense, a partir das 17 horas de amanhã, começa a fase final do «Nacional» feminino de basquetebol da 1.ª Divisão. Jogam C.I.F.-Académica e Académico-Sporting. Domingo, defrontam-se (entre si) vencidos e vencedores da jornada da véspera.

RODÉSIA NADA EM LISBOA

A selecção de natação rodesiana actuará hoje, pelas 21 horas, na Piscina Municipal do Areeiro.

GOSTA DE BOXE?

A Alunos de Apolo, promove esta noite, mais uma sessão de pugilismo. Sete combates. Em «consagrados», um outro Belarmino (Malheiro), do Tarujense, defronta o sportinguista Alcides Silva.

SÓCIO TEM DE PAGAR

O União Atlético Povoense considera «dia de clube» o próximo domingo. Joga contra o Desportivo de Vialonga. Pois o sócio terá de pagar o respectivo bilhetinho. E é se quer ir ver a «joga».

ASSOCIAÇÃO PROCURA-se

Pretende a Federação de Boxe reorganizar a Associação de Pugilismo do Sul. Manda um convite aos clubes para indicarem os seus possíveis representantes. Eia! Quem quer meter-se em trabalhos?

BILHETE DE IDENTIDADE

Se precisa de obter ou renovar o seu bilhete de identidade antes de Outubro, faça-o desde já. Nos meses de Verão, a afluência de público costuma ser tão grande que é impossível evitar bichas com as consequentes incomodidades para as pessoas.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Beiral das Andorinhas» Chaves Neto, Ld.ª R. Pedro Alvares Cabral, 15 MONTEGORDO ALGARVE

CONHEÇA O ULTRAMAR CRUZEIRO AÉREO A ANGOLA

Promovido e subsidiado pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pela PROVÍNCIA DE ANGOLA.

14 a 29 de Agosto—11 500$00 ou 8 500$00

Inscreva-se IMEDIATAMENTE

INFORMAÇÕES: AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

Av. Ilha da Madeira — Lisboa

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	435$		435$
Cons. 3 %	452$	–	452$
Cons. 3 1/2	–	557$	–
Centenários	1.285$	1.285$	–
Tes. 5 % 57	1.000$	1.000$	–
Tes. 5 % 59	–	1.000$	–
Exter. 1.ª s.	–	610$	–
Extern. 1.ª c	–	610$	–
Extern. 3.ª s.	–	800$	840$
Extern. 3.ª c.	–	830$	–
Caut. 3.ª s.	–	170$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 %	–	955$	970$
C. M. L. 5 3/	980$	980$	985$
C. P. 5,5 % — 67	–	–	–
C. P. 5,5 % — 68	930$	925$	930$
C. P. 5,5 % — 69	–	–	–
Corr. 5 3/4 %	935$	930$	940$
Metr. 5 3/4 %	–	–	–
Tur. 5 3/4 %	–	1.005$	–
C. P. 63/4	–	1.005$	1.015$

ELÉCTRICAS

G., 5 % — 58	–	–	–
G., 5 % — 59	790$	–	–
G., 5 % — 62	–	967$	–
G., 5 % — 63	–	967$	–
G., 5 % — 64	–	967$	–
G., 5 % — 65	–	965$	–
G., 6 % — 67	–	–	980$
G., 6 % — 69	–	–	940$
G., 7% — 71	1.004$	1.004$	1.006$
H. E. C. 5 %	795$	–	795$
H. E. C. 6 %	–	940$	950$
H. E. D. 5 %	–	–	–
H. E. D. 6 %	–	–	970$
H. E. N. P. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 5 %	–	930$	–
H. E. S. E. 6 %	–	–	–
H. E. Z. 5 % — 57	–	–	–
H. E. Zêz. 6 %	–	–	960$
N. Elc. 5 %	–	–	–
N. Elec. 6 %	–	–	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U. E. P. 5 % — 60	–	–	–
U. E. P. 5 % — 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	–	975$

DIVERSAS

A. P. T. 5 % — 56	–	–	–
A. P. T. 5 % — 58	–	–	870$
Lisnave 6 %	–	950$	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	885$
Sacor 7%	1.002$	1.001$	1.005$
Sacor 5 % — 54	–	930$	–
Sacor 5 % — 60	–	860$	–
Sid. 5 % — 2.ª	790$	–	795$
Sid. 5 % — 3.ª	790$	–	790$
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	925$	–
U. Fabril 67	–	–	940$
U. Fabril 68	–	–	–

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59/60	–	450$	510$
Moçamb. 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.400$	3.370$	3.400$
Alentejo	1.400$	1.397$	1.400$
Angola	3.520$	3.520$	3.525$
Cred. Predial	6.330$	6.330$	6.340$
Esp. Santo	9.460$	9.460$	9.490$
Fomento	4.700$	4.700$	4.750$
F. & Burnay	–	–	37.000$
N. Ultr. m:	–	5.500$	–
N. Ultr. c.	6.100$	6.080$	6.150$
Portugal n.	–	4.600$	4.800$
Portugal p.	6.000$	5.900$	6.100$
P. Atlântico	12.000$	12.000$	12.100$
Totta & Açores	6.100$	6.090$	6.100$
Algarve	2.250$	2.230$	2.250$
Borges & Irmão	–	8.160$	8.240$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	5-5-72	11-5-72	12-5-72
GERAL	189,0	192,0	192,4
METROPOL	190,9	194,3	194,7
ULTRAM	175,1	175,4	175,9

De Seguros

Alentejo	150$	150$	151$
Bonança	–	15.000$	–
Império	–	–	20.000$
Mundial	1.400$	1.400$	1.405$
Soberana	1.850$	1.850$	1.880$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C. P. E. p.	1.118$	1.117$	1.120$
C. P. E. n	1.118$	1.117$	1.120$
E. Beiras	1.800$	1.790$	1.800$
G. Elec. c.	348$	348$	349$
H. E. A.A	191$	191$	192$
H. E. N. P.	235$	–	2.35$
H. E. S. E.	–	1.850$	–
U. E. P.	192$	191$	192$

Ultramarinas

Ag. Cassequel	1.175$	1.175$	1.180$
Ag. Incomáti	–	–	2.700$
Ag. S. T. e P.	–	–	–
Aç. Angola	–	–	990$
Alg. Angola	–	–	235$
Ang. Agric.	–	–	700$
Boror	125$	–	125$
Boror Com.	–	–	–
Buzi	86$5	86$	87$
Cabinda	141$	141$	–
Com. Lobito	–	830$	850$
D. A. — T. 100	–	1.900$	2.000$
H. E. Revué	–	–	590$
I. do Princ.	–	450$	–
Moçambique	165$	162$	170$
Sonefe n.	–	–	–
Sonefe p.	–	378$	390$
Zambézia	66$	65$	–

Diversas

Ag. Lx. ant.	–	405$	–
Ag. Lx. — 34	–	430$	–
Ag. Lx. — 36	–	400$	–
Cel. Guadiana	–	5.150$	5.600$
C. Leiria p.	6.300$	6.200$	6.300$
C. Tejo p.	–	14.000$	14.400$
F. Ramada	–	–	1.410$
Fornos Eléct.	–	–	3.980$
P. Celulose	–	4.550$	4.600$
Siderurgia p.	–	3.000$	3.050$
Siderurgia n.	–	3.750$	–
Socel	6.880$	6.850$	6.900$
Cidla	3.010$	3.000$	3.040$
C. U. F.	545$	540$	545$
Intar	–	–	1.200$
Nitratos	1.090$	1.090$	1.100$
Petroquímica	–	3.000$	3.050$
Sacor	–	1.850$	2.100$
Tab. Portugal	–	–	7.600$
Tabaqueira	–	–	850$
U. F. Azoto	–	–	7.600$
Empor	–	–	850$
Ind. Aliança	–	–	300$
I. P. Colón.	–	–	–
Nac. Naveg.	990$	–	1.000$
Naveg. (Col.)	7.400$	7.400$	7.450$
P. Pesca	–	–	2.350$
Matur	–	–	–
R. Marconi	–	–	–
TAP	1.200$	1.890$	1.910$
Compal	1.245$	1.240$	1.250$
Salvor	–	–	–
Penina	–	–	1.500$
Grão-Pará	–	900$	1.00$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F. I. D. E. S.	–	–	–

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	31$50	34$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
América	26$20	26$90
Dollars de 1 a 2	26$50	27$30
Dollars de 5 a 20	26$60	27$40
Dollars de 50 a 1000	1$80	2$80
Argentina - Peso Novo	1$17	1$22
Austria - Schiling	$60	$63
Bélgica - Franco	3$70	4$70
Brasil - Cruzeiro	26$70	27$50
Canadá - Dólar	3$75	4$05
Dinamarca - Coroa	$41	$43
Espanha - Peseta	5$35	5$65
França - Franco	8$25	8$55
Holanda - Florim	70$00	72$00
Inglaterra - Libra	$04.45	$04.75
Itália - Lira	5$00	5$50
Marrocos - Dirhan	5$45	5$75
Noruega - Coroa	6$93	7$18
Suécia - Coroa	3$95	4$25
Suiça - Franco		
Ouro		
Inglaterra - Libra Isabel	370$00	390$00
Inglaterra - 1/2 Libra	315$00	335$00
Ouro fino Barra	47$00	49$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇOES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 18 Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Um poeta .. um livro ..
20.00 Ponto de vista
20.25 Auditório musical
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Série do Oeste «Lancer»
23.00 Fátima — transmissão directa da Procissão das Velas
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 Vária
21.00 Filme da série «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de ópera «As Bodas de Figaro» 2.ª parte
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

10.30 Transmissão directa das cerimónias da Cova da Iria
13.00 O caso da semana
13.15 «Viver no Campo»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó lá si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV
15.35 Tv educativa
15.55 Eurovisão-Futebol, transmissão directa do jogo Alemanha-Inglaterra para a Taça das Nações.
17.20 Teledesporto
18.15 Programa feminino
18.45 .. E a vida continua
19.00 Skipi
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Skippy
20.15 Dimensão
19.45 13.º Congresso Mundial da União Internacional dos Transportes Rodoviários.
20.15 Ensaio
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os caminhos de Noele
22.30 Variedades «Tom Jones»
23.30 Telejornal — ultimas notícias
23.40 Meditação

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 «Viver no Campo»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.30 «Dr. Marcus Welby»
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Jose	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado ou encoberto no litoral a norte do Tejo e pouco nublado nas restantes regiões; o vento era fraco ou moderado predominando do Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	13.º
P. DOURADAS	2.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	12.º
LISBOA	14.º
FARO	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas
Máxima **28,0º**

Montalegre
Mínima **2,5º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,7.º
Atmosfera 14,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.02	**4,0 m.**	8.49	**0,6 m.**
15.28	**4,0 m.**	21.15	**0,5 m.**

Dia 13

3.53	**4,0 m.**	9.34	**0,5 m.**
16.16	**4,1 m.**	22.01	**0,5 m.**

Dia 14

4.44	**4,0 m.**	10.18	**0,6 m.**
17.04	**4,1 m.**	22.48	**0,6 m.**

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado nas regiões do litoral a norte do Tejo e pouco nublado nas restantes; o vento era fraco ou moderado predominando de Noroeste.

AMANHÃ

Nascer às 6.27
Ocaso às 20.40

Dia 13 Dia 20 Dia 28 Dia 4

radio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio, programa da Juventude
18.05 Ao encontro da melodia com orquestras ligeiras
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Publica da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 O pianista Nick Nichols
20.30 28.º episódio do folhetim «O Colar da rainha»
20.50 O organista Maurice Montez
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa, pelo dr. Ribeiro dos Santos
21.40 Vidas notáveis: Garcia de Orta
22.00 Música da Europa
23.05 Tramsmissão de Fátima, das cerimónias do terço, procissão eucarística e hora santa
00.15 Música religiosa
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano
16.45 Música de vanguarda
17.09 O compositor do mês: 2.º acto da ópera «O diabo e Catarina».
19.00 Música e músicos portugueses, por Nuno Barreiros
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de arco
20.30 Concerto pelo grupo vocal feminino Harmonia, dir. por Friedrich Wilhelm
20.50 Solo de flauta transversal por Hans-Martin Linde: peças anónimas.
21.00 Concerto sinfónico I Parte
21.58 Concerto sinfónico: II Parte
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Emissão estereofónica MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de câmara
23.05 Vários instrumentos e solistas
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.00 Programa C. D. C.
18.00 Programa Movimento
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Banda de som
23.30 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.45 Tempo de fado
00.02 P. B. X.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vertice
21.02 Boa noite em fim
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.00 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.04 Programa C. D. C.
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matiné teatral
19.03 Miscelânea
19.17 Conjunto
19.30 Estúdio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-rádio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.02 Em destaque
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

Rádio Renascença

16.00 Radiorama
18.00 Música portuguesa
18.20 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
21.00 Meditando
21.03 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça
das 6 ás 10 e das 14.30 ás 17

Rádio Peninsular
das 10 ás 12 e das 19.30 ás 22

Clube Radiofónico de Portugal
das 12 ás 14.30

Rádio Voz de Lisboa
das 17 ás 19.30 e das 22 ás 2

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (tel. 633288); **Boa Hora**, Rua dos Quarteis, 25 (tel. 637777)

ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (tele 863940)

ALTO DO PINA'
Zional, Rua Morais Soares, 56-C (tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. Afonso III) (tel. 843439)

ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (tel. 712070); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (tel. 774682); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (tel. 710131; **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465); **Ideal**, Av. Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803); **Onilda**, Av João XXI, 13-A (tel. 726848)

ANJOS
S. José, Rua dos Anjos, 41-A (tel. 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (tel. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (tel. 40592), **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (tel. 770776); **Cardeira**, Av. Duque de Avila, 32-C (à esquina da Av. da Republica) (tel. 43495); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (tel 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (tel. 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (tel 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (tel. 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (tel. 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 86 (tel. 321211); **Unifa**, Rua da Vitória, 21 (tel. 323793)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532), **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)

CAMPILIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (tel. 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (tel. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel. 650760), **Porfirio**, Rua Francisco Metrass, 59 (tel. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel 780181), **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (tel 702532)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (Tel. 533411)

ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo Antonio, 98 (tel. 665196)

LAPA
Silva, Rua S João da Mata, 72 (tel 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790942); **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (tel. 381612)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua Jose Campos, lote 823 (à Estrada de Moscavide). Olivais Sul (tel. 310711); **Higiene**, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (tel. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tels. 720703-728395)

POÇO DO BISPO **Marvila**, Rua Direita de Marvila, 25 (tel 381612).

PONTINHA
Pontinha, Estrada de Santo Elói, Lote SE. 4 (tel. 990220).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (tel 951841)

SACAVÉM
Soares (tel. 2518025)

PALHAVÃ
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel 761035)

PAMPULHA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (tel 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (tels. 728395-720703)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (tel. 612248).

SANTO AMARO
Dilema, Rua Aliança Operaria, 49-A (tel. 636620), **Costa**, Rua dos Lusiadas, 30 (tel. 636704)

REGO
Partes Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel 773728)

RESTELO
Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (tel. 610256), **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (tel. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (tel. 637020)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poais de S. Bento 73 (Tel. 679673)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politecnica, 82-B (Telef 660280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luis Bivar, 69 (tel. 47213)

SOCORRO
Tavares, Rua da Palma, 194 (tel 863350)

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (tel 383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Central R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE
Brandão Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)

ESTORIL
Parque Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS
Misericórdia R. Regimento 19.41 (Tel. 280141); **Cascais** R. Conde de Monte Real-Bairro Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589); **Campos** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel** R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)

DAMAIA
Confiança Est. Militar Lote D (Tel. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol

QUELUZ
André Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 258 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Nuno Álvares Av. D. Nuno Alvares Pereirá, 39 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Pimenta R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Montepio R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Leão Av. Salazar (Tel. 229471)

SETUBAL
Norma do Sul P. do Bocage (Tel. 22216)

SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Alves Moreira, Av. Rodrigues Freitas, 167; **Clérigos (dos)**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz (da)**, Rua Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte Burgos, 802;

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Ped. Teot. Perei. 227; **Vilarinha (da)**, Rua da Vilarinha, 161.

COIMBRA

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal**, Pr.ª 8 de Maio, 35 (tel. 23733); **Adriana**, Pr.ª da Republica, 20 - 22 (tel. 23609)

cinemas ● cinemas ● cinemas

LYZ (Tel. 48560)
15.00-21.00
Grupo D - 18 anos)
«MORRER DE AMAR» um filme de André Cayatte e o «AVÔZINHO CONGELADO»

S. JORGE (Tel 54153)
15 15-18-15-21 30
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana «SIGA AQUELE CAMELO»! A comédia da Arábias, com os cómicos ingleses ao ataque

CONDES (Tel. 322523)
14.15-16.30-18.45-21 45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
O QUINTO DEDO com Franco Nero e Poluela Silvia

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45 (Estreia)
(Grupo D-18 anos)
«VIAGEM ENTRE MULHERES» com Sylva Koscina e Maurice Ronet. Às 15.14 (18 anos) última de «OS HOMENS DE AMANHÃ»

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (M. 18 anos)
Peter Fonda, Vuna Blom e Warren Bates. «O REGRESSO» Este sim! Mesmo colorido. Av.ª Frei Miguel Contreiras

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
6.ª Semana triunfal com Gene Hackman e Roy Seheidr em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga).

ROYAL (Tel. 885037)
15.00-21,00
(Grupo D-18 anos)
«SELVA MULHERES E MACACOS» com Sidney James e Frankie Howerd. «NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE» com Rod Taylor, Lili Palmer e Daliah Lavi.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
5.ª Semana «UMA ABELHA NA CHUVA» um filme de Fernando Lopes, baseado no Romance de Carlos de Oliveira, com Laura Soveral e João Guedes

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15,15-21,30
(Grupo D-18 anos)
«LOLITA» com James Mason, Sheley Winters, Peter Sellers e Sue Lin. Hoje às 18,30 (10 anos) «JEFF» com Alain Delon e Mireille Darc.

IMPERIAL (Tel 821933)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
«DUAS MULHERES... UM DESTINO» com Debbie Reynolds e Shelley Winters «CAMARADA MINI-SAIA» com Elke Sommer e Bob Crane.

EUROPA (Tel. 651016)
21,30
(Grupo D-18 anos)
«VIDAS CRUZADAS» com Rod Taylor e Carol White. Às 15,15 (18 anos) última de «TRAFICANTES DE SONHOS». Sábado e Domingo às 18,15 (6 anos) «O PEQUENO DON QUIXOTE»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D-18 anos)
(12.ª Semana de êxito com Renato Rascel. G. Granata e G. Giuffre «A TRANSPLANTAÇÃO». Hoje às 0,30 (Adultos) «O MONSTRO». Amanhã «O SEPULTADO VIVO». Domingo às 11 h. (6 anos) «SUPER-FESTIVAL DE TOM E JERRY»

APOLO 70 (Tel. 763319)
14,30-16-45-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente). Hoje às 0,30 (Adultos) «O VALE DO FUGITIVO» com Robert Redford e Katherine Ross.
às 0,30 (Adultos) «O PERFUME DO DINHEIRO» com Rex Harrison e Capucine.

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15-21.30
Grupo C (14 anos)
13.ª Semana
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

EDEN (Tel. 320768)
21.45 (Estreia)
(Grupo D-18 anos)
«CONCERTO PARA UMA PISTOLA SULISTA» com Anna Moffo. Às 15.30-18,30 (18 anos) últimas de «QUANDO ELAS TINHAM CAUDA».

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15,15-21,30
Grupo D-18 anos)
«QUEM É HARRY KELLERMAN?» com Dustin Hoffman
Hoje às 24,15 (10 anos)
no palco «CARLOS DO CARMO» em convívio com «DALIDA» duas grandes vedetas da canção.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«LOTAÇÃO ESGOTADA» com Artur Semedo, Luisa Neto e Miguel Franco.

AVIZ (Tel. 47173)
15,30-21,45
(Grupo B-10 anos)
«TRINITÁ-COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer (O Western do ano já em 16.ª Semana

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18,15-21,30
(Grupo C-14 anos)
«A NOITE DAS 8 BADALADAS» com Anthony Hopkins, Nathalie Delon, Robert Morley e Jack Hawkins.

LIDO
21,30
(Grupo D-18 anos)
«A DECADA PRODIGIOSA» com Orson Welles, Marlene Jobert e Anthony Perkins.

TIVOLI (Tel. 50595)
15,15 e 21,45
Grupo D-18 anos)
«OS IMPOSTORES» com Anna Moffo e Olivia de Havilland.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
3.ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Hoje às 0,15 (Adultos) um filme de Jean Renoir «PASSEIO AO CAMPO (Já em 2.ª Semana)

CASINO ESTORIL (Tel. 264546)
17.00-21,30
(Grupo D-18 anos)
«O CAIXÃO» com Vincente Price e Chistopher Lec.

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21-45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana
«TRISTANA» com Catherine Deneuve. Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUÑUEL. Cinema-Snak-bar-Pub «The Flag» Faça três coisas num sitio só

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30-21.45
Grupo D (18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS» com Dominique Sanda e Helmut Berger em 4.ª Semana (O filme que ganhou o Óscar da Academia). Amanhã às 0,30 (Adultos), «A MINHA FILHA É UM PROBLEMA»

outros espectáculos

LISBOA, Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (M. 18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

VILLARET
21 00 - 23 00 (18 anos)
«O Tartufo»

LAURA ALVES
20.45 e 23 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

A. B. C.
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Viva a Pamdilha»

MARIA VITÓRIA
20 45 e 23 (18 anos)
«Pronto a despir»

TIVOLI
18.30 (18 anos)
«A curva do Alto Mar»

CASA DA COMÉDIA
22 00 (18 anos)
«Dança da morte» em 12 assaltos

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Ivone Princesa de Borgonha»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«O Malandro»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Explendor na relva»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«O Rio da violência»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Malandro»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Ben-Hur»

PROMOTORA
21 00 (10 anos)
«Hércules contra os Mongóis»

OLYMPIA
21 00 (10 anos)
«O Zorro de Monterrey»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 - 10 anos
«O Catedrático»

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 - 18 anos
«O Caixão»

PALÁCIO
21.30 - 14 anos
«O Barão vermelho»

CASCAIS
S. José
21.30 - 10 anos
«Água azul morte branca»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«A Década prodigiosa»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 - 14 anos
«Shango»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 - 18 anos
«Tepepa»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 - 10 anos
«Jovens guerreiros

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Ora bolas para o pagode»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (14 anos)
«Fim de festa»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21 30 (M. 10 anos)
«Tarzan e os piratas»

COLISEU
21 30 (18 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º?»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Organização»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Clute»

TRINDADE
21 30 (18 anos)
«Cluste»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Dulcima»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá Cow-boy insolente»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Dringo» e «O Sinal de Alarme»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A última fuga»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«História de uma rapariga loira»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«A Virgem e o cigano»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Isadora»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Golpe»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.00 (6 anos)
«Os Reis da Gargalhada»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

TAMILA Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes. Tocam Jorge Fontes e Júlio Gomes e os Arautos. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira Encerra às 2.as feiras **Rua da Barroca 133. Tel. 369760.**

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef 48384**

• O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

ANDARES

NA ESTRADA POÇO DO CHÃO, LOTE 1494
(BENFICA — JUNTO AO ELÉCTRICO)

Em prédio de óptima construção, habitaç. de 4 e 5 c/ soalh., coz.ª, despensa, roupeiros, hall, 2 casas de banho. Madeiras exóticas, loiças e azulej. em cor. Casas pintadas ao gosto do cliente. PREÇO DESDE 510 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292-1.º — Telefs. 369384 5/6 — 328232/3 — 361756

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2 ºE-4 º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Murville evoca De Gaulle

É esta noite, pelas 22 horas, que Maurice Couve de Murville proferirá, no Grémio Literário, a sua anunciada evocação do general De Gaulle, de que foi primeiro ministro e directo colaborador. «Venho desta vez a Lisboa como simples cidadão, pois não desempenho como se sabe qualquer função oficial ou parlamentar» — declarou o político francês ao chegar, ontem à tarde, ao aeroporto de Lisboa (na foto)

Milhares de peregrinos caminham para Fátima

O recinto da Cova da Iria torna-se, um formigueiro humano, progressivamente aumentado com a chegada de novos peregrinos que, vindos dos mais distantes pontos do país, aqui afluem para assistir às cerimónias religiosas ou pagar promessas.

Trata-se, na maior parte dos casos, de gente simples — rostos de sofrimento iluminado pela fé — que vêm cair aos pés de Nossa Senhora de Fátima, enchendo o santuário com o fervor das suas orações e a luz trémula das suas velas, em luta constante com o vento. Uma brigada de médicos e enfermeiros encontra-se à sua disposição e não tem mãos a medir no tratamento dos pés que não resistiram à dureza da caminhada, através de estradas e aterros.

Também começam a aparecer numerosos grupos de estrangeiros, atraídos, quer pela fé, alheia às fronteiras dos países, quer pelo cartaz turístico. Os hotéis, pensões, pousadas, casas religiosas e particulares são escassos para albergar a multidão. A maior parte mantém-se no recinto durante a noite. Muitos grupos dormem ao relento debaixo das árvores das proximidades ou descansam nas camionetas que os transportaram.

Esta manhã, milhares de fiéis participaram na procissão da capela das Aparições para o Calvário, a que presidiu o bispo de Leiria e assistiram à missa celebrada na capela de Santo Estêvão. Durante a Via Sacra, as meditações foram feitas em várias línguas.

Cerca das 18.30, realiza-se uma grandiosa Via Sacra, presidida pelo bispo auxiliar de Leiria, com celebração por vários sacerdotes. À noite, pelas 22 horas, efectua-se a reza do terço, seguida de procissão de velas, com a imagem de Nossa Senhora pelo recinto. As cerimónias de hoje terminam com a oração ao Santíssimo Sacramento, incluindo pregação.

Já se encontram em Fátima quase todos os bispos do Continente e várias autoridades eclesiásticas estrangeiras, entre as quais o cardeal Rufino Santos, que se deslocou das Filipinas propositadamente para vir assistir às comemorações da aparição de Nossa Senhora. Esta tarde, chega o patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, que presidirá às cerimónias de amanhã entre as quais se inclui a tradicional benção dos doentes.

EM CIMA DA HORA

A CRUZ VERMELHA ACUSA ISRAEL

GENEBRA, 12 — (R) — A Cruz Vermelha Internacional acusou hoje as autoridades israelitas de terem cometido um abuso de confiança em relação aos seus delegados em Tel-Aviv quando soldados israelitas disfarçados de civis tomaram de assalto o avião belga que se encontrava no aeroporto em poder de quatro guerrilheiros árabes.

Os representantes da Cruz Vermelha estavam a entabular negociações com os guerrilheiros sobre a libertação dos passageiros em troca de palestinianos presos em Israel quando os soldados israelitas assaltaram o avião e mataram dois dos raptores ferindo ainda outro e uma passageira.

PUBLICADO O ACORDO INTERALEMÃO

BONA, 12 — (FP) — O acordo sobre a circulação e os transportes entre a República Democrática Alemã e a República Federal foi rubricado hoje ao meio-dia, em Bonn. É o «primeiro acordo de Estado» concluido entre os dois Estados alemães.

SPIRO AGNEW EM TÓQUIO

TÓQUIO, 12 — (FP) — O vice-presidente Spiro Agnew, chegou hoje a Tóquio, onde representará os Estados Unidos nas cerimónias que assinalam, na próxima segunda-feira, a restituição da base de Okinawa ao Japão.

Agnew foi recebido no aeroporto por Eisak Sato, primeiro-ministro nipónico.

CAMPO PEQUENO M/6 anos

Domingo, 14 de Maio às 17,30 Horas

A ARTE E A VALENTIA
"PAQUIRRI"
"CALATRAVEÑO"

CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
MALDONADO CORTES

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOIROS PORTO ALTO 8

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

JULIE CHRISTIE

«Doutor Jivago»...
«O Mensageiro»...

enchendo o écran
com a sua força
e a sua paixão!

A história ardente
de uma mulher
apaixonada...
e dos três homens
que a amaram!

ALAN BATES
PETER FINCH
TERENCE STAMP

LONGE DA MULTIDÃO
(FAR FROM THE MADDING CROWD)

Argumento de FREDERIC RAPHAEL
Baseado na novela de THOMAS HARDY
Realização de JOHN SCHLESINGER

GRUPO B - 10 anos

70 m/m PANAVISION® METROCOLOR

HOJE, SUPERIOR!

NO IMPACTO ESPLENDOROSO DOS 70 m/m

CONDES

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS

CASTOR

QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA

5 NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORÍFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

RAFAEL BURGUETE, LDª
Lisboa - Porto

as viagens da EUROPEIA

RÚSSIA

Viagens acompanhadas
11 dias — 10.950$00
18 dias — 12.350$00
Hotéis de 1.ª Ordem
Pensão completa
(Tudo compreendido)
Facilidades de pagamento

Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. DA LIBERDADE 220 • TEL 53 81 21 • LISBOA 2

PASSAPORTES
UM TELEFONEMA...
UMA ASSINATURA...
Agência de Viagens
CATUR

PARA ARPAD SZENES

"Deslumbrai-vos! Vamos, deslumbrai-vos!". gritaram-nos os impressionistas no final dos seus quadros

Desapareceram das nossas terras os grandes cavalos, as suaves medas, a primavera exacta.

Na sua bela lentidão, tal a ave no solo, retalhando as cores, falavam verdade.

Arpad Szenes é livre de pintar como o universo o é em se oferecer. E eu sou livre para partir de novo. Eu deslumbro-me e sei-o.

René Char
Trad. de António Ramos Rosa

SUPLEMENTO LITERÁRIO
Diário de Lisboa

Um texto de NUNO JUDICE

... O QUE ESCREVO. EU

1 Desde o princípio que tenho a intenção de escrever sobre mim. O que me assusta é escrever sempre, e não haver limites para o largo fluxo das palavras. Não sou, porém, nem um afluente nem um estuário, (1) mas o lugar privilegiado de uma passagem — o Transitório, algo que participa da permanência e do fim, de nada, sem que deixe de haver entretanto um ponto fixo (Eu, o Sujeito, a determinar as passagens e as recusas. E quem sou eu?) Quem sou? Sou uma folha de papel. Identifico-me totalmente com o meu próprio revelador; com o espaço em branco; com o branco; com o branco do espaço, e também a sua transparência (mas, devido a não sei que interdito de infância, ainda hoje me repugna aceitar a transparência; o que é transparente é branco; o que transparece é). Sobrevivo, pois no gozo do Raciocínio; que este me ultrapasse, e que o seu movimento implacável me assuste (2) — em 1.º lugar, porque ele existe (porque não faço nenhum esforço para o deter); em 2º lugar, porque eu próprio sou parte dele, participo da sua lógica ou dos seus disparates; eis o que (o meu envolvimento na Vertigem e o meu Terror) são motivos para que eu me apague, resulte o mero executante, e por fim adira à Executação Final - ao texto.

O texto, cuja existência recebe por alguns barulhos impressivos: posso enumerá-los, o barulho da máquina (as letras a imprimirem-se linearmente no papel disposto a recebê-las, agente passivo da minha própria disposição, ou meu duplo - imagem simultânea de mim, e digo aqui simultânea não por intenção pleonástica, mas porque enquanto poeta eu sou imagem, e a partir daqui repito-me em círculo vicioso); e o barulho da respiração, com que pontuo metódicamente o texto, que procuro obstinadamente (3) não romper, não perturbar (relação imediata entre o tecido da escrita e o tecido dos pulmões); os barulhos acessórios, da rua, das pessoas, de objectos que mexem, e a sua função dispersiva, ilógica (4) (se não posso escrever no silêncio absoluto escrevo contra ele, o que é a melhor prova da sua eficácia de Ideia determinante). Mas o mais inquietante é a expectativa (aqui, começo a representar - porque, enquanto escrevo, não sinto; mal intuo; quase sempre, não existe físicamente; reproduzo-me abstracto Algures, e desse estado fantasma e obsessivo apenas recebo as marcas materiais numa página que foi branca, habitação plena de Vazio, e agora contaminada, manchada, dotada do poder de transformar, de Modificar) - eu ia definir a expectativa como o resultado da minha ausência, a única forma que tenho de reagir ao meu excentrismo, de ser Interior não o sendo já (porque terei passado a sê-lo a outro nível.

2 A partir daqui (de uma divisão introduzida arbitrária e dissonantemente - segundo o hábito triádico teria de haver um terceiro parágrafo), posso eu próprio subdividir-me. Terei, para um lado, o ser escrito (variantes: que ser escrito?; de ser escrito), isto é, o texto, cuja existência etc. (vide 2º parágrafo de 1), o qual é por definição escrita (aqui, escrita pode ser adjectivo - o ser escrito é, por definição escrita, (o texto) ; ou nome predicativo de sujeito — o qual (texto) é, por definição escrita; não me decido por qualquer das duas hipóteses, pelo que mantenho a frase sem pontuação. (Nota: introduz-se aqui o conceito de leitor, na função passiva de juíz — o que julga a Frase, que existe apesar

Continua na pág. sete

DO OUTRO LADO DA TELA

&etc

●●● UM CASO, UM SISTEMA

Numa curta _ mas incisiva _ entrevista concedida ao suplemento «Literatura e Arte» do jornal «A Capital» (de 3 do corrente) a propósito da reedição, pela Estampa, do livro «A Condição da Mulher Portuguesa», Maria Isabel Barreno produziu algumas afirmações que pondo em causa o procedimento de uma casa editora acabam por reflectir um (mau) sistema de relação editor-autor, que urge ser devidamente regularizado.

Segundo Isabel Barreno, a editora não a informou de que iria fazer uma segunda edição do livro, limitando-se a enviar-lhe 5 exemplares algum tempo depois da distribuição pelas livrarias. Convidada, em Novembro de 1967, a participar num colóquio sobre a situação da mulher em Portugal (colóquio que se realizava com vista a uma posterior publicação), Maria Isabel Barreno de Faria Martins (e não Maria Isabel Barreno, a escritora, que na altura não tinha ainda livro publicado) acedeu, embora soubesse que receberia apenas, como pagamento, uma «quantia simbólica», dado a iniciativa partir de uma editora nova, com objectivos interessantes e pouco dinheiro. **«Pelos vistos** __ declara Isabel Barreno na citada entrevista __ **com o pagamento simbólico, a editora adquiriu todos os direitos sobre os textos, e pode fazer as reedições que entender, sem sequer perguntar a opinião dos autores»**, autores esses que, aqui entre nós, têm todo o direito de em 72 não subscreverem integralmente depoimentos produzidos em 67, para mais sobre um tema em constante mutação. Mais à frente, a escritora acrescenta: **«Quer dizer, um colóquio, em 1967, bem intencionado, transforma-se em propriedade de uma empresa editora, propriedade periódicamente rendosa, é só relançar cada vez que**

Isabel Barreno: da «quantia simbólica»

o tema da situação da mulher volta a estar em moda.»

Este caso relatado por Maria Isabel Barreno, como tantos outros que se vão praticando no segredo dos gabinetes editoriais, só é possível porque os escritores continuam sem um organismo que lhes defenda os legítimos direitos.

NOVIDADES LITERÁRIAS

Manuel Maria Barbosa du Bocage

OPERA OMNIA

IV volume

Poesia Anacreôntica
Poesia sobre Mote
Poesia Epigramática
Apólogos ou Fábulas Morais
Vária

O mais valioso subsídio para a compreensão do grande poeta

edição normal: 45$00
edição especial: 100$00

Colecção Ciências Sociais e Humanas

volume II

A SOCIOLOGIA

Paul Lazarsfeld

Uma visão panorâmica dos caminhos mais recentes duma disciplina que progride na pesquisa social em constante convulsão

35$00

Colecção Autores Portugueses

ESTRADA DE MORRER

Urbano Tavares Rodrigues

Palavras do Autor: «Falo do que compreendo, do que amo e do que detesto e é no exercício da escrita que o descubro e me descubro.»

45$00

Colecção Enciclopédia de Bolso Bertrand

HISTÓRIA MUNDIAL DA ARTE

Upjohn, Wingert e Mahler

volume I

Da Pré-História à Grécia Antiga
3.ª edição

As fases essenciais do movimento que fez evoluir as artes plásticas até chegar à Grécia da época clássica

ilustrado: 45$00

Colecção Autores Portugueses

A CIDADE DAS FLORES

Augusto Abelaira

4.ª edição

A juventude e os problemas da situação do homem livre e do homem alistado

60$00

LIVRARIA BERTRAND

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE-JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Café Oceano» Cortes Silva Vieira, Leonel R. Portas de Portugal __ LAGOS

EM CAIXA

ARPAD SZENES (pintura), Fundação Calouste Gulbenkian:
Retrospectiva de um importante pintor contemporâneo.

PINTURA FIGURATIVA PORTUGUESA (1918/1945), Sociedade Nacional de Belas Artes:
Segunda exposição promovida pela BP, inventariando colecções particulares.

ÂNGELO DE SOUSA (escultura), Galeria de Arte Moderna, S.N.B.A.:
Lâminas metálicas suspensas e em tensão: um espaço que, lùdicamente, se povoa de quase nada.

JEAN MIOTTE (pintura), Galeria Dinastia:
A estridência do gesto, numa pintura que não chega a **formar-se**.

NADIR AFONSO (pintura, 1948/70), Galeria Buchholz:
Uma linguagem que se estrutura na concepção geométrica.

GRAÇA ANTUNES (pintura), Galeria Opinião:
A geometria subvertida por uma nova figuração bem humorada e lírica.

CARGALEIRO (gravura), Galeria S. Francisco:
Pequena retrospectiva da obra gravada do autor.

MANUEL CASIMIRO (desenho, pintura), Galeria Judite Dacruz:
Delicadas construções gráficas em que o ponto gera a linha e em que a linha elabora tecidos rítmicos, ressonâncias musicais.

JOÃO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS (pintura) Galeria Ottolini:
Pintura abstracta, embora uma atmosfera paisagística. Pintor discreto na abertura de uma nova galeria.

NIKIAS SKAPINAKIS (pintura), Galeria 111:
Exposição de guachos em que o processo pictório absorve cenários reais, numa linha poética coerente na obra do autor.

POVOS E CULTURAS Galeria de Belém, S.E.I.T.:
Exposição de Arte Africana, Asiática e Sul-americana.

«GRAVURA» __ A Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, dentro do seu programa de divulgação das técnicas da gravura, está a realizar um curso de serigrafia orientada pelo artista belga Dacos, curso que prosseguirá até ao fim do corrente mês.

●●● Uma polémica, um comentário

Estão os leitores lembrados da polémica que, nas nossas colunas, opôs Eduarda Dionísio a Eduardo Prado Coelho, polémica que depois se alargou (é o termo) a Gastão Cruz, noutro tom e com outro nível de profundidade. Pois no semanário «Notícias da Amadora» (de 6 de Maio) lemos um comentário a ela referente (autor, José Subtil, in «Acerca da prática literária», alínea B), comentário que vamos transcrever para conhecimento dos leitores que eventualmente o não tenham lido no «Notícias da Amadora»:

«Ignorar o levantamento de questões a nível polémico, de diversos textos aparecidos no Suplemento Literário do DIÁRIO DE LISBOA, é desconhecer a grande e abissal diferença que separa os diferentes sectores mais avançados da crítica literária portuguesa. Há tempos HÉLDER LIMA SANTOS levantou uma série de questões à prática teórica de FERNANDO LUSO SOARES. Agora mesmo, EDUARDO PRADO COELHO tentou civilizar a «insignificante» prática de EDUARDA DIONÍSIO e alargar, em primeira mão, adequadamente a problemática de um magnífico trabalho de intervenção de GASTÃO CRUZ. Finalmente, e após longa ausência, EDUARDO PRADO COELHO vem servir a agudização do debate teórico das questões de método, as condições objectivas do saber.

CARO CO-LEITOR: Você estará certamente mal informado e viciado dentro do nosso pequeno espaço literário: por culpas da monotonia agonizante do acto e do fenómeno literário e das relações, a níveis diferentes, da força da literatura. O seu divórcio dói. Queira estabelecer-se no seguinte esquema: em fins do ano passado apareceu um jornal mensal __ CRÍTICA __ que se propunha, por seus processos de apresentação/programa/e conteúdo, identificar com o lugar para uma nova crítica em Portugal. Fazia acreditar num corte/roptura com as mecanicistas práticas conservadoras ou não. Ficámos à espera da felicidade. E sabe o que aconteceu? __ O modo de transformação foi claro e evidente. A elaboração artesanal de __ CRÍTICA __ era a manipulação arbitrária e sumária da actividade editorial e

artística do nosso atrofiado meio cultural.

Funcionando como árbitro, na escala de valores, atirou-nos com pequenos balancos onde ficaria, no fundo, a opinião de _ CRÍTICA __ e nada mais.

EDUARDA DIONÍSIO é editora e proprietária, o editor é JORGE SILVA MELO. O mal de EDUARDA DIONÍSIO foi convencer-se (quem a teria convencido e de quê?). A edição do jornal tornou-se assim na NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO. E, depois, meu caro co-leitor, EDUARDO PRADO COELHO, vem colocar num artigo de mérito as questões da mais alta importância sobre a complexidade do aparelho de produção de __ CRÍTICA __. EDUARDA DIONÍSIO não gostou como não gosta de polémicas (como e porquê) e descontrolada porque demasiada eufórica, atira-se prontamente ao ataque pessoal e à anarquia. Como sabe, o facto de EDUARDO PRADO COELHO estar em desacordo com EDUARDA DIONÍSIO, em nada lembra posições reaccionárias, retardatárias ou coisa que o valha (até lhe lembro as acesas polémicas entre estruturalistas franceses e marxólogos universais.) Mas o que aconteceu, aconteceu: a diferença entre um acto textual pornográfico e o pesadelo da prática teórica de peso. É isto que lhe queria dizer e talvez mais: a emasculação de valores (para mais e para menos); o espaço geométrico do saber __ VÉRTICE/TEMPO E MODO __ e o descalabro, aqui de __ CRÍTICA __ sem contudo, caro co-leitor, não passar pelo perigo grave de engolir tal produção como se tratasse de coisa nova, moderna. Aquilo que você sabe. Pois __ CRÍTICA __ e os epígonos não enganam ninguém.»

Compete agora ao jornal «Crítica» __ se entender que vale a pena __ comentar o comentário.

&etc

●●● UM INÉDITO DE HERBERTO HELDER

Pouca gente deu por isso: no catálogo da exposição de Maria Paulo (realizada em Fevereiro de 71 na Galeria de Arte Moderna da S.N.B.A.) a presença de três textos __ admiráveis __ de Herberto Helder. Já lá vai um ano e picos; mas agora o editor-**contraponto**-por-excelência (Luíz Pacheco) anda a espalhar, e muito bem, o tal catálogo (chancela da editora escrita à mão) a troco dos vinte da praxe. Não queremos estragar o negócio ao Pacheco, mas para aperitivo do leitor vamos transcrever um dos três inéditos (e vai daqui um abraço para Herberto-o-Africano):

Que tudo se espalhe num impulso curvamente
branco: a vista aberta com silêncio
fulgurante, a imagem
que agoniza, e logo o tempo caído
no espaço sem tempo: freme
a fonte algures simultânea. Que voz
perdoa, num sulco de sangue criminal?
O ritmo da sua morte é um pulmão
queimado. Nervos
pululando na lentidão da cabeça que se volta
em toda a parte, eternamente
se voltando: e animais sobre cuja
vibrante sonolência uma auréola selvagem
se suspende com febre, e pinhas
de ouro incrustadas
na inocência __ o perpassar atroz
de antigas noites saíndo para as luzes
frias. De alto a baixo os órgãos doces da terra fendem-se
pela faca milagrosa da loucura.
Gota a gota se destila a droga nesta coisa viva:
a dor de ter um rosto a tremer
no mundo, entre planos de noite e planos de luz parados
sobre a agonia.
Águas de Deus correm numa paisagem
geral e obsessiva. E no terror de uma brancura
explosiva,
a morte ao alto __ fixa.

●●● CINEMA ALEMÃO

Straub, no Instituto Alemão

Iniciativa da maior importância cultural é, sem favor, a do Instituto Alemão em programar uma semana dedicada à nova cinematografia germânica, pràticamente desconhecida entre nós graças às nossas senhoras distribuidoras.

Foram já exibidos, desde o passado dia 8, os filmes **«Metamorfoses» (notas sobre o jovem cinema alemão)**, **«Não reconciliados»** (1965), **«Machorka Muff»** (1963) **«O noivo, a comediante e o rufia»** (1968), todos de Jean-Marie Straub, **«A repentina riqueza dos pobres camponeses de Kombach»** (1971), de Volker Schlondorff, **«Porque corre o sr. R. Amok»** (1969), de Rainer Werner Fassbinder e **«Cenas de caça na baixa-Baviera»** (1968), de Peter Fleischmann.

Hoje, 6.ª feira, é projectado (às 18.30 e 21.30) o filme **«Um grande pássaro cinzazul»** (1971) de Thomas Schamoni, e amanhã, pelas mesmas horas, **«Os artistas sob a cúpula do circo: perplexos»** (1968), de Alexander Kluge diário conematográfico sobre a tentativa da directora de um circo para criar um «circo reformado». Sobre esta obra, internacionalmente muito cotada, escreveu o crítico da revista «Film»:

«O circo representa, naturalmente, toda a espécie de actividades artísticas, as possibilidades de se fazer arte (ainda) hoje em dia, e — se assim o quisermos encarar — as possibilidades do novo cinema alemão. A actividade do cineasta em si é reflectida e posta em questão; é exposta a sua perplexidade perante uma situação desumana. Kluge, personificado pela directora do circo, observa-se a si próprio, apresenta as suas próprias obrigações em face do «princípio de rendimento» que o leva a subir cada vez mais alto na cúpula do circo e deixa supor que também ele só tem uma resposta insuficiente, ainda que mais aperfeiçoada, uma resposta artística, para a modificada situação do mundo. O filme é radicalmente honesto; confessa não conhecer ainda, tal como a directora do circo, uma via de reconciliar a arte com a realidade, os artistas com o público, e de permitir que o trabalho artístico tenha efeito na sociedade».

Não nos ficará mal recomendar aos leitores os programas culturais do Instituto Alemão caracterizados, regra geral, por uma selecção altamente qualificada. As sessões são gratuitas, embora por convites. Só que V., leitor, poderá ser convidado: é convidar-se.

●●● OPINIÃO

Às zero horas do passado dia 5 teve início a primeira das «Sessões Opinião». Foi no Satélite. Gente das letras e das artes (mas não só) a assistir à projecção via «Animatógrafo» de «Une partie de campagne», de Jean Renoir, e do documentário realizado por Jacques Rivette sobre este extraordinário criador do filme.

Uma palavrinha sobre a iniciativa da «Opinião», que se alargará ao teatro, ao bailado, à música, às artes plásticas e a outras terras e outras gentes que não só Lisboa e a pequena élite intelectual: trata-se, em primeira análise, de uma inteligente forma de promoção comercial mas constitui, paralelamente, uma tentativa sincera de dinâmica cultural baseada na escolha criteriosa dos assuntos e, sobretudo, no apelo à discussão dos mesmos. Os responsáveis da iniciativa, num folheto distribuído na primeira das sessões, elucidam-nos do seu propósito:

«OPINIÃO é uma casa de cultura e convívio. Baseada no LIVRO, OPINIÃO ultrapassa a concepção da livraria tradicional. Num tempo em que o LIVRO se acessibiliza em colecções de bolso ou por intermédio de clubes, resta às antigas organizações livreiras reestudar a forma de atrair o público. Cada vez mais o mercado do livro tenta encontrar formas paralelas de comercialização similares às dos outros produtos. Às livrarias tradicionais ou seja, às que aguardam a entrada do cliente, estará destinado um tempo de asfixia se não modificarem quase radicalmente os seus modos de actuação.

OPINIÃO é, mais do que uma casa comercial, uma ideia, quiçá percursora, neste campo. Ao variar os seus focos de interesse e ao procurar fornecer ao público um serviço de assistência modelar, OPINIÃO rasga um futuro.

Mas OPINIÃO é também uma ideia de cultura que o seu próprio nome consubstância. Sendo assim, OPINIÃO não pode quedar-se adentro das suas portas.

A partir de agora OPINIÃO dá o primeiro salto no sentido de se diversificar e alargar.»

Desejamos boa viagem às «Sessões Opinião»!

●●● UM MÍNIMO DE AMOR

Carlos Botelho, respondendo ao inquérito «Os mamarrachos em questão», oportuna se bem que contestàvelmente (caso do prédio da Rua Braamcamp) organizado pelo «Diário Popular»:

«Não posso deixar de reconhecer que temos em Portugal um grupo de muito bons arquitectos. Mas estou convencido de que a maior parte dos prédios construídos na capital são da responsabilidade de construtores e não de arquitectos. Não se nota, na nossa construção, um mínimo de amor. É preciso é fazer barato e depressa, deitar abaixo o que está velho sem contemplação de qualquer espécie pelo passado. Estamos a construir casas não para as pessoas viverem, mas para as alojar. Isto é muito grave».

Carlos Botelho

E de facto grave. Será refreável?

●●● UM PROGRAMA INTERROMPIDO?

Encontra-se aberta ao público, no salão nobre da S.N.B.A., a segunda das «Exposições de Arte Portuguesa dos Séculos XIX e XX em Colecções Particulares» patrocinadas pela companhia dos petróleos BP. É sabido que o objectivo destas exposições era (sê-lo-á ainda?) o de **«servir de ponto de partida para a inventariação sistemática e progressivamente desenvolvida das obras de artistas portugueses em colecções particulares»**, portanto, **«um trabalho que iria proporcionar aos estudiosos e amadores de Arte um valioso instrumento de trabalho e contribuir para um mais perfeito conhecimento da Arte e dos Artistas Portugueses»**, segundo palavras dos patrocinadores.

A primeira das exposições teve lugar em Novembro de 1969 e o seu êxito pareceu **«garantir que o programa poderia ser cumprido»**.

Este quadro de Vieira da Silva vale 700 contos!

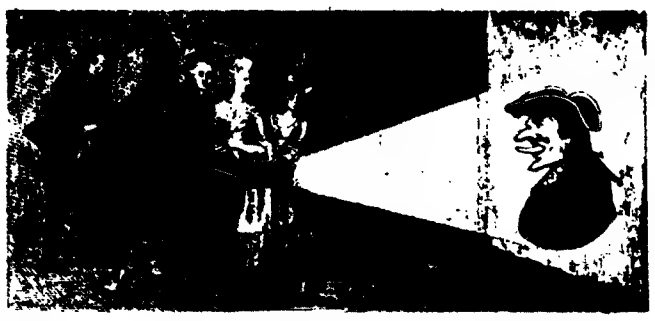
●●● OU, PELO MENOS

«Ontem na TV» secção assinada por Pedro Xavier Cid no «Diário de Notícias». Dia 6 do corrente, prosa sobre o «Frente a Frente» realizado na véspera entre José Mensurado e Fernando Lopes. Mas não vamos falar dela, apesar destas frases catitas («O filme **Abelha na Chuva** e, na realidade, um marco importante. Atesta-o o interesse despertado no público, **ultrapassando, igualmente, o sector da crítica da especialidade**,» sublinhado de responsabilidade nossa.

Curioso é o restante, que vamos transcrever:

«Dois reparos marginais: parece-nos que aos entrevistados não custa nada porém uma gravata ou, pelo menos, abotoarem o colarinho da camisa, até porque o mesmo é exigido a quem faz as entrevistas. O segundo diz respeito à caracterização demasiado visível nos grandes planos. É um pormenor menos agradável que um pouco mais de cuidado pode eliminar.»

Comentários? Não podemos: o calor vem aí.



DO OUTRO LADO DA TELA

QUEM É HARRY KELLERMAN?
Realização de Ulu Gosbard
Monumental

Visão desencantada do mundo dum cantor pop a braços com a popularidade e o vazio duma existência sem sentido.

Amargura mas também lentidões insuportáveis, aborrecimento sem fim num filme mal construído e mal contado. Registe-se a ideia fixa da evasão que fornece a mola real de toda a história.

OS IMPOSTORES
Realização de Lewis Gilbert
Tivoli

Tudo isto e Harold Robbins também. A grande sucatada do ano, com um «gigolô» a castigar as damas da alta, muita cena de grande efeito e um país da América do Sul sacudido por tragédias (todas: mortes, violações, fuzilamentos, tiranias, tipos da secreta e golpes de Estado) e em relação ao qual o filme sustenta a tese de que os Fidel se transformam sempre em Batistas.

Curioso notar, no entanto, como um cartaz de grandes vedetas ainda «funciona» junto dum certo público que acorre, em grande número, a consumir estes supremos pastelões.

O JARDIM EM QUE VIVEMOS
Realização de Vittorio de Sica
Estúdio 444

A presença duma actriz rara — Dominique Sanda — contribui para o sortilégio dum filme perdido no tempo e, em certo sentido, perdido dele próprio nos anos desaparecidos em que os jardins dos Finzi-Contini eram verdes e os fascistas se identificavam pela cor das camisas.

TRISTANA
Realização de Luís Buñuel
Londres

Toledo. Espanha. Antes de 1936 ou hoje? Por momentos não sabemos e aí está o fascínio dum Bañuel que joga sempre ao ataque. Os fantasmas de Castela são iguais aos dos outros países. Simplesmente duram um pouco mais.

A REGRA DO JOGO
UM PASSEIO NO CAMPO
Realizações de Jean Renoir
ENCONTRO COM RENOIR
Entrevista conduzida por Jacques Rivette
Satélite

Compre dois bilhetes e veja três filmes. Fundamental ser na mesma noite. Assiste à *Regra do Jogo,* na sessão das 24 e 15 ouve Renoir falar dela como só ele sabe fazer e termina com a visão de outra obra-prima: «Um Passeio no Campo». No Satélite está actualmente o melhor cartaz cinematográfico de Lisboa. «A Regra do Jogo», inquietante comédia de Jean Renoir, resumo de tudo e princípio de tudo, foi considerada, muito justamente, um dos dez melhores filmes do Mundo. E, no mesmo referendo de críticos, organizado pelo *Observer,* «Um Passeio no Campo» estava também brilhantemente classificado.

É um acontecimento importante e é de esperar que se tornem a dar as obras-primas a quem pertencem. Renoir e o cinema agradecem.

UMA ABELHA NA CHUVA
Realização de Fernando Lopes
Estúdio

Desconstruído a partir duma leitura do romance, um filme que rompe decisivamente com a discursividade do cinema de consumo assim, também com os preconceitos ideológicos e os vícios de leitura do espectador.

Simultâneamente, uma penetração lenta e grave pelo universo fantasmático de Carlos de Oliveira tão nosso!

Será necessário acrescentar que «uma Abelha na Chuva» é o mais percuriente desafio imposto pelo cinema em português?

V.S.T.

arpa

A obra de Arpad Szenes não é feita para amadores com pressa. Esquiva-se diante de quem se precipita, ou não revela senão paisagens alusivas. Receio pois que esta interpretação, com o apoio casual dos títulos, dê origem a um encanto com sabor a equívoco: já que o pintor não exige uma valorização da perspicácia do espectador, o espectador não é levado a pedir uma demonstração da habilidade do pintor! A alusão é problema de adivinha. Aqui, trata-se **de** algo completamente diferente. O contacto com esta obra exige, **entre ela e nós** — é a condição primeira uma atmosfera de **concordância e harmonia.**

EM PRIMEIRO PLANO, UMA MULHER PINTA

Em primeiro plano, uma mulher pinta. Está sentada numa cadeira de braços, tem um xaile sobre os ombros e curva-se para a frente, aplicando os olhos no trabalho minucioso do pincel. O quadro que a mulher pinta, à direita, num cavalete portátil, é parcialmente revelado: todo ele é feito de pequenos quadrados coloridos inscritos numa imensa teia de linhas pálidas. A mulher apoia o braço direito com a mão esquerda, cerra os lábios, borda aplicadamente a quadrícula infinita. À sua volta, por cima e atrás da sua cabeça, arrumados num arco de circulo aparente que une a cadeira de braços ao cavalete, vêem-se alguns móveis, dois «maiples», uma escrivaninha, uma cadeira, um divã, uma mesa. Objectos de decoração completam lacònicamente esta sala cujas paredes se prolongam em profundidade. Os tons quentes do mobiliário dão uma certa vida às superfícies neutras, imprimindo um conforto sensível a este mundo fechado, silencioso e recolhido.

É assim o quadro «Marie Heléne I» (1940), de Arpad Szenes. Mais do que um retrato de Vieira da Silva, esta pintura exprime a **tonalidade** e a **temperatura** de um comportamento, de um modo de estar na realidade. O pintor está muito perto da mulher que se aplica no trabalho, está de pé junto dela, reconhecendo o seu mundo e partilhando o seu recolhimento. Do exterior não chega nenhum ruído, nenhuma luz, nenhuma voz. O pintor participa desta relação entre o silêncio e as coisas próximas — um cavalete, um quadro, uma cadeira de braços, um divã, uma mulher que pinta com serenidade, pacientemente. O olhar do artista, aqui, é minucioso e repousado, descreve sem parcimónia o lugar e as coisas, descai sobre a mulher com uma atenção silenciosa e enternecida. É um olhar que se basta com a intimidade do lugar e do momento, um olhar interior, límpido e em certa medida obstinado, um olhar que se desprende da realidade objectiva para se ligar à essência dos sentimentos e ao significado mais secreto das coisas.

No quadro «Marie Heléne I», Arpad Szenes mostra-se (ainda) interessado na representação dos objectos, das aparências, do rosto da mulher. Mas não se trata de uma vontade de reprodução: as formas reais são um pretexto para exprimir um sentimento, uma atmosfera. Todo o trabalho do artista, mesmo nos casos em que a forma conserva um carácter representativo, é testemunho e é expressão de um mundo interior, é o resultado desse olhar que passa da realidade tangível para o segredo e a essência dela. A vida de Arpad é rica de circunstâncias estimulantes, está povoada de rostos e de vozes; mas ele situa-se sempre aquém e além dos factos, produzindo uma obra que é um lugar de tensão de sentimentos e apelos visuais. Esta obra denuncia o movimento da alma, na margem íntima em que o brilho sonoro da realidade se transforma na atmosfera de uma reflexão. As coisas são referências passageiras, estão obliquamente na pintura como elementos que servem de motor a um jogo mais subtil, a um pensamento mais profundo. O mundo físico que a pintura de Arpad Szenes revela, ainda em evidência nas suas primeiras telas, é apenas um mundo feito de coisas próximas, de objectos que estavam dentro do seu lugar de trabalho. Mas não é o significado ou a função real dos objectos que conta; o que conta é a sua utilidade como suporte e estímulo da actividade visual. Depois disso, no silêncio, o olhar desprende-se dos corpos tangíveis e o espírito toma para si o comando dos gestos. O artista procura então a intensidade e o significado desses gestos, construindo um tecido de relações que só no corpo específico da pintura se pode medir. A forma torna-se assim presentativa, explicando um trabalho em que os materiais e os instrumentos passam a suportar a carga mais forte das emoções experimentadas e ao mesmo tempo permitem a exploração de **paisagens** mais vastas.

Arpad Szenes não esteve sempre encerrado num quarto, pintando as três paredes visíveis, as coisas presentes, o rosto e o gesto da mulher — e pintando depois, interminàvelmente, as paisagens invisíveis que dentro desse mundo a memória e o sonho podem produzir, na margem do silêncio. Mas tudo se passa como se esse fosse o processo normal, como se o pintor conservasse no seu espírito a lembrança difusa de uma realidade ideal, trabalhando com obstinação a partir dos reflexos casuais e grosseiros dessa realidade perdida. Poucos são os momentos em que a vida exterior ao quarto se insinua pelas janelas fechadas,

Vieira da Silva e Arpad Szenes

contaminando a visão e a memória. As praias brancas, as cidades densas, as planíces luminosas, as terras revolvidas, tudo isso (em Arpad Szenes) parece sobretudo emergir da distância, de uma outra memória, sob o impulso da realização pictórica, quase nunca sob a premência de uma circunstância biogràficamente situada.

É então (e portanto) no quadro que tudo se condensa, a comunhão e o silêncio, o vazio e a matéria, a intenção da forma e o desejo de plenitude. Vemos Maria Helena debruçada sobre a sua teia de sinais, no recolhimento de um quarto, e percebemos que a realização da pintura pode garantir-se a esse nível de disponibilidade. Na obra de Arpad Szenes, o gesto não é tão preso nem tão medido, mas resulta de uma relação semelhante entre o **silêncio** e a realidade física dos meios de expressão. A maior parte das suas telas propõe ao nosso olhar um conjunto de transparências, de luminosidades, de distâncias. A matéria que se espalha pelas superficies, feita de sobreposições espontâneas, aparece com frequência sulcada por linhas cujo traçado denuncia amplamente o movimento da mão e o domínio sensível do instrumento. Atrás deste corpo aparente, explicando a sua génese sem o submeter a um «contrôle» prévio, há uma espécie de arquitectura invisível, uma relação orgânica das partes da composição, um equilíbrio que vem da serenidade e da consciência certa dos movimentos. Noutros casos, é o próprio material que sugere o movimento, que determina a textura, e o pintor **limita-se** a percorrer essa geografia física, as rugosidades, os caprichos da tinta, a geometria do acaso. Entre a perda e a paisagem, entre o muro e o céu límpido, entre o mar e a superfície ondulante das areias, Arpad Szenes constrói o mundo dos seus sentimentos, aproximando-se de uma realidade ideal que o visita enquanto a escrita se produz. A riqueza dos seus quadros não decorre de um conjunto restrito de alusões ao mundo real, antes resulta da multiplicidade de aspectos que a matéria toma. Esses são os contornos significantes desta pintura despojada e lírica, sem personagens, sem história, que se propõe ao nosso olhar em disponibilidade, pronta para ser vivida, para ser interpretada, para ser reinventada. Tomamos então consciência de que a face de uma pedra ou a superfície fracturada de um papel podem alcançar a importância de paisagens, a expressão demorada de sentimentos, o vazio de uma solidão que traz em si a ideia de um destino planetário.

Não importa quais são as coisas que estão à disposição do pintor. Uma cadeira? Uma jarra com flores? Um cavalete? Uma mulher que pinta? Os seus próprios pincéis, uma tela? Essa realidade só na aparência se encontra fechada sobre o seu significado. O pintor sabe que o seu olhar pode ver para além do visível, sabe que a sua obstinação pode revelar a vida secreta das coisas. Assim constrói a sua teia, assim percorre o espaço das suas visões. Objectos familiares, paisagens, rugosidades, fracturas, uma mulher que pinta: tudo recomeça onde a aparência da realidade se esgota.

ROCHA DE SOUSA

d szenes

O PINTOR: BIOGRAFIA E OBRA

1897 — Nasce, em Budapeste (Hungria), Arpad Szenes, filho de Charles e de Olga Heller. Adolescente ainda, perde seu pai. Sua família reune intelectuais, artistas e músicos conhecidos no país. Em casa de seu primo Arthur Bardos, encenador de grande renome, que mais tarde se fixa nos Estados Unidos, frequenta um ambiente diverso e cosmopolita. Aí encontra entre outros Maria Cuttoli que, mais tarde vai reencontrar em Paris, e os Pitoeff, então em tournée.
Bastante cedo mostra disposição para o desenho e para a pintura. Executa numerosos retratos, de traço muito puro e cheios de parecença.
Continuando os estudos, obtém o bacharelato.
O seu amigo e escultor Desider Bokros-Bierman, artista de talento e espírito curioso, abre-lhe os olhos para a arte contemporânea internacional.

1916 — Faz o serviço militar em cavalaria. Desmobilizado pelos fins de 1918, entra na Academia Livre de Budapeste, onde o ensino é avançado e liberal.
Arpad Szenes, aluno de Rippl Ronai, artista de qualidade, fez diversas estadias no estrangeiro, nomeadamente em França, onde se tornou amigo de Matisse, Maillol, Bonard, Uvillard, Marquet. Assim lhe são reveladas as pesquisas picturais de antes da guerra de 1914 em Paris.
Ao mesmo tempo, tem oportunidade de descobrir a nova música, muito particularmente Bartok e Kodaly, a arte de Kassak, pintor, escultor, escritor, já em relação com «Dada», por intermédio de Jean Arp, e os artistas que se preparam para criar a Bauhaus (1919), mas também descobre a poesia de Ady, admirável poeta mal conhecido na Europa.
É a revolução de Outubro na Hungria. O poder está nas mãos do Conde Karoly. Mas em 1919, Bela Kun, por seu lado, toma o poder. Por toda a cidade espalham-se cartazes: cubistas, futuristas, construtivistas. Budapeste é uma festa para os olhos; atravessando-a, Arpad Szenes descobre as expressões ambiciosas da sua época e elas ajudaram-no a ver mais claro e a melhor determinar a sua orientação.

1922 — Pela primeira vez, por ocasião de um concurso, Arpad Szenes expõe pintura abstracta no Museu Ernest em Budapeste, mostrando-se nesta época particularmente interessado na decomposição das complementares.

1924 — Decide fazer uma grande viagem às capitais artísticas. Em Berlim e Munique vê as obras de Klee e de Kandinsky. Em Itália, entusiasma-se pelos primitivos, particularmente pelos «Siennois» e por Giotto. Enfim, descobre com êxtase Piero Della Francesca.

Em 1925, chega a Paris; está tão certo da sua sorte, que conserva na algibeira o bilhete de volta. Paris é para ele o lugar privilegiado, ponto de «equilíbrio entre o passado e o novo». Durante os oito primeiros meses, para ganhar a vida, aproveita os seus dons de observador, a sua habilidade em conseguir ràpidamente uma parecença, e executa caricaturas nas cervejarias, cafés e nos «night-clubs» de Montmartre. Vive então uma vida insólita, nos meios populares da capital, instalando-se sucessivamente em Belle-ville, La Velette e Les Buttes-Chaumont. Esta actividade abre-lhe as portas da imprensa. Por falta de interesse, sobretudo preocupado com a sua própria liberdade, aproveita mal esta oportunidade, trazendo-lhe, contudo, a vantagem de prolongar a sua estadia em Paris.

1928 — Reencontra o escultor Anton Prinner, ao qual o ligava uma velha amizade desde o ano de 1921.

1929 — Na Academia de «La Grande Chaumière» encontra uma jovem que admira muito a qualidade dos seus desenhos. Trata-se de Vieira da Silva, com quem casa no ano seguinte.

1930 — Com a sua jovem mulher, instala-se numa pequena casa, na «Villa des Camelias», que já foi destruída. Tendo por vizinhos, em datas diferentes, Pascin, Varese, Kokoscka. Não muito longe, encontra nas cervejarias de Montparnasse Giacometti, Calder, Lipschitz, e ainda poetas, como Pierre Gueguen, cineastas, como Pierre Grandville, que na altura trabalhava com Renoir.
Nesta época realizou numerosos retratos de sua Mulher. Maria Helena é um tema ao qual volta constantemente. Grande retratos, apontamentos ou «croquis» sucedem-se e absorvem a obra do pintor. O casal reside na Hungria e, durante muitos meses, em Transilvânia, numa colónia de artistas, em Beja-mare, onde se encontram cinco etnias pitorescas e diferentes: ciganos camponeses romenos, burgueses húngaros, judeus ortodoxos e artistas. Pierre Charreau faz tapetes, segundo cartões seus.

1931 — Começa a trabalhar em gravura com Hayter, o animador do famoso «Atelier 17», onde vêm trabalhar numerosos artistas franceses e estrangeiros. É aqui que toma contacto com os surrealistas, principalmente com Miró e Max-Ernest. Até ao princípio da guerra ainda executa algumas gravuras, o mesmo acontecendo em 1941, mas abandona esta técnica para a retomar novamente na Suiça, a convite de Francoise Mermond, para o qual realiza uma água-tinta (1968(.
Com sua Mulher, participa nas reuniões do grupo «Amigos do Mundo». Reencontra o escultor Etienne Hadju, ao qual está ligado por uma antiga e grande amizade, e, mais tarde, Estève e Pignon. O escultor Enrique de Bettencourt será até à sua morte um dos seus melhores companheiros.
Desde 1931 até 1939, Arpad Szenes vem regularmente, e em geral no Verão, passar um mês de férias a Portugal, junta da família da sua mulher. Mercê das circunstâncias, descobre a arte do país e a sua província. Para ele, a novidade dos estilos o folclore as paredes de azulejo, são ao mesmo tempo motivo de admiração e objecto de reflexão. Mas, sobretudo, faz grandes passeios ao longo das praias da costa atlântica. Em frente desta paisagem luminosa, deste horizonte sem limite, sente um verdadeiro choque que, depois de uma lenta encantação, orienta toda a sua obra, mais acentuadamente a partir de 1955, quando Arpad Szenes aborda, através da sua memória, a evocação da paisagem e da imensidão.

1932 — Por disposição natural, Arpad Szenes prefere ao brilhantismo a doçura, à evidência a ambiguidade; como tal é natural que, descobrindo a obra de Odilon Redon, se sinta profundamente atraído pelo mistério da sua pintura. «O harmónio», pintado neste ano, prova-o nìtidamente. Em Tanguy, que admira, encontra uma secreta confirmação para o seu gosto pelos meios picturais austeros, em relação às experiências marítimas que tinha acabado de fazer.
Na sua pequena biblioteca-galeria da Rua de Cherche-Midi reencontra Jeanne Bucher. É para ele um facto importante, não só em virtude da forte personalidade desta mulher, como também porque junto dela conhece todos os artistas ao tempo desconhecidos, mas que em breve se tornariam célebres e que Jeanne Bucher defende com tenacidade.
É vivamente impressionado pela leitura de «Metamorphoses» de F. Kafka.

1933 — A Galeria «UP», dirigida por António Pedro, apresenta as suas gravuras e as de seus amigos Hayter e Julian Trevelyan.

1934 — A Senhora Apstein, também pintora, estando relacionada com artistas alemães e russos, organiza em sua casa reuniões, nas quais Arpad Szenes reencontra Sonia e Robert Delaunay. Este, sempre curioso pelo desenvolvimento da pintura, testemunha-lhe um interesse muito afável.

1935 — Para se consagrar á pintura Arpad Szenes e sua mulher instalam-se em Lisboa, onde ficam até ao mês de Outubro do ano seguinte. Expõe no Salão de Arte Moderna, entre outras obras, «Villa des Camelias».
Em sua opinião e na dos seus companheiros, a imprensa mostra-se pouco compreensiva.
O atelier, onde trabalham e decidem apresentar os resultados das suas pesquisas, é então um pequeno cenáculo, frequentado por artistas, escritores e poetas. João Gaspar Simões pronuncia uma conferência sobre pintura abstracta. António Botto recita os seus poemas, etc. Muitos jovens vêm conversar com Arpad Szenes e pedir-lhe conselhos. Observando os seus trabalhos, ajuda-os com a sua experiência.
Aproveita estas longas estadias para aumentar os seus conhecimentos acerca do país. Aprende a sua língua. De preferência, percorre a costa atlântica, irresistìvelmente atraído pelo sua luminosidade, a beleza das praias e a perpétua diversidade do mar.

Continua na página seguinte

BIOGRAFIA arpad szenes

Continuação da página anterior

193[illegible] Para a Senhora Cuttoli, que entretanto cria um atelier para tecelagem de tapeçaria, copia obras de Braque e Matisse.
Integração na equipa de Jean Lurçat, trabalha para o sector «Pour la Paix», da Exposição Internacional.
Realiza gravura para os poemas de Pierre Guéguen «La chasse au Faon Rose», editado pelos «Cahiers d'Art», dirigidos por Christian Zervos.
Não se integrando no grupo de pintores surrealistas, é contudo patente o carácter agressivo e inquieto da sua obra. A angústia da guerra que se aproxima inscreve-se nos quadros que pinta até 1939.

1938 — O casal abandona a «Villa des Camelias» e instala-se no Boulevard Saint-Jacques, num modesto mas soberbo atelier, cujo tecto, muito alto, é um verdadeiro carrossel de vigas.

1939 — Em virtude dos acontecimentos, Arpad Szenes e sua Mulher decidem ir viver para Portugal. Confiam o atelier e um grande número de obras à guarda de Jeanne Bucher, chegando a Lisboa em Setembro.

1940 — Antes da partida para o Brasil, no mês de Junho, expõe o resultado dos seus últimos meses de trabalho no Secretariado Nacional. Entre outros, «Fanfare» (1936), «Le dernier combat» e «Combat, II» (1938). Um conjunto de quadros recentes tendo por modelo Maria Helena e algumas gravuras, completam a exposição. Quando da sua chegada ao Brasil, instalam-se no Rio de Janeiro, em seguida em Santa Teresa, nas encostas do Corcovado. Organizam o seu atelier nalgumas das dependências ainda habitáveis de um luxuoso palacete, então em ruínas, cujo parque está repleto de uma vegetação exótica e exuberante. Uma admiração constante liga-os aos poetas Cecília Meireles e Murilo Mendes.

1942 — Este atelier, aberto à amizade e à discussão, torna-se ràpidamente um centro onde se reunem os jovens artistas, àvidos de conselhos.

1943 — Graças a Heitor Grillo, encarregado pelo Governo da Escola Nacional de Agronomia, «Kilométre 44», recebe a encomenda de uma quinzena de retratos de ilustres sábios, cujas descobertas transformaram a agricultura no decurso dos séculos.

1944 — Cada vez é maior o número de jovens artistas que desejam trabalhar com Arpad Szenes. A seu pedido, decide-se, a organizar um atelier de pintura. É em «Sylvestre» que se reunem, entre outros, Martin Gonçalves, Ruben Navarro, Carlos Sicliar, etc.
Diversos editores e directores de revistas reclamam os seus desenhos. Ilustra poemas de Murilo Mendes e de Cecília Meireles, e a sua tradução «Chant d'amour et de mort du Cornette Christophe Rilke.» de Rainer Marie-Rilke e igualmente obras de Mário de Andrade e Jorge Lima. Realiza para a colecção «Cantos do Mundo», da editorial Leitura, o retrato de numerosos escritores da literatura clássica internacional.

1947 — No seu regresso a França, Arpad Szenes volta ao seu atelier do Boulevard Saint-Jacques.
No fim do ano encontra-se em Lisboa, onde volta regularmente até 1957, data em que sua sogra se instala definitivamente em Paris; no decurso destas deslocações reencontra todos os seus melhores amigos de sempre, fazendo também novas amizades. Liga-se a jovens escritores, entre outros, Sofia Mello Breyner, Bessa Luis, Alberto de Lacerda, Mário Cesariny, assim como a jovens pintores.

1948 — Devido ao pedido insistente de um jovem canadiano para trabalhar com ele, Arpad, Szenes aceita dedicar dois dias por semana a novos alunos. Em 1955, acabará com esta actividade, não deixando contudo de dar a este ou àquele os seus amigáveis conselhos. É assim que segue de perto, durante muitos anos, os trabalhos dos jovens bolseiros da Fundação Gulbenkian.
Sentindo necessidade de submeter o espectáculo, o visível a uma geometria alternadamente subjacente ou aparente, Arpad Szenes, durante muitos anos, prossegue as suas pesquisas sobre o tema ou «Banquets», cuja ideia inicial remota ao tempo em que ilustrou o «Chant d'amour et de mort du Cornette Christophe Rilke».

1950 — Segue um caminho paralelo sobre os temas «Conservation», «Discussion», «Le peintre et son modéle» pesquisas em que se detém muitos anos. Mas, depois de ter imposto uma forte disciplina para a construção, reduzindo os seres e as coisas à geometria, de etapa em etapa, os temas elaboram-se e chegam à alusão e à sugestão.

1956 — Por decreto de 15 de Maio, Arpad Szenes é naturalizado francês.

1958 — No Outono Arpad Szenes está em Portugal. Com amigos, visita o sul de Espanha, Guarda da Serra Morena uma recordação muito agradável. Atravessa mais uma vez a velha Castela. A visão dos altos planaltos, os campos de trigo, incitam-no a retomar um tema que já lhe tinha sido sugerido por esta região e para o qual se volta em diversos momentos da sua obra como o testemunham «Paysage» (1956), «Espagne» (1959), «Labour» (1961), «Chaumes» (1968). As pequenas aldeias fortificadas, disseminadas por todo o território português, possibilitam-lhe novas construções severas e ritmadas. Aparecem na sua obra a partir de 1959 «La ville fortifiée», seguindo-se «Portalegre» (1962), «Castelo Branco» (1965), etc.

1962 — Nova viagem a Espanha, por ocasião do ano Velasquez. Consagra-se à visita do Prado, fazendo uma breve viagem a Cuenca, de onde regressa maravilhado.
Arpad Szenes é nomeado Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras.

1964 — Acompanhado de sua mulher, visita Turim. Depois de um périplo por diferentes cidades, visita Roma, em companhia de Murilo Mendes e Saudade Mendes.

1966 — Estadia em Nova Iorque. Depois visita o Arizona, até à fronteira com o México.
Arpad Szenes ilustra com cinquenta guaches um manuscrito de René Char, pertencente à colecção de Yvone Zervos.

1967 — Nomeado oficial da Ordem das Artes e das Letras.

1968 — De Lausana, onde tem lugar uma importante exposição de obras suas sob o título geral de «Paysages accordés», e passados cerca de 44 anos, após a primeira visita, volta a Veneza, que reencontra com uma profunda alegria.

1970 — Os Serviços de Inspecção dos Museus da Província do Louvre organizam a primeira retrospectiva da sua obra, nos Museus de Ruão, Rennes, Lille e Orléans.

1972 — Depois da grande exposição organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, a retrospectiva da obra de Arpad Szenes deverá ser apresentada noutras cidades de França.
O Museu de Belas Artes de Reims, entre outros, prepara-se para a receber.

(Texto, ligeiramente reduzido, inserto no Catálogo de Exposição patente na Fundação Gulbenkian)

arpad szenes

Vejo em Arpad Szenes um poeta que em lugar de palavras emprega, para exprimir-se, tintas e tela. Poeta tornado pintor, um pintor rigoroso, de resto.

Szenes reúne em si a sabedoria e as virtudes do racional ao dom de magia. Certo conhece o alfabeto das plantas, dos peixes, das pedras. É entendido em metamorfoses e mostra-se atento, seja aos sinais da matéria seja aos do mundo invisível.

Trata-se dum homem singular, cuja vida e obra se inscrevem nos antípodas da vulgaridade mecanicista do nosso tempo. Sua escritura paciente, sua predileção pelos tons brancos, por meio dos quais paradoxalmente consegue revelar o lado nocturno das coisas, as manchas bizarras, as transparências, bastam a situá-lo como um pesquisador isolado, em luta com sua linguagem pessoal que se opõe a qualquer retórica.

Distanciando-se das modas extremistas, obedece ao seu ritmo interior e prossegue uma obra notável pelo requinte e as ressonâncias musicais, onde as pausas mallarmianas de silêncio são sempre de rigor. Obra que nos ajuda a reencontrar o charme da vida, nossa nobreza original, nossa disponibilidade anti-lógica, nosso pudor, mais que nunca ameaçados pela fúria do século.

Murilo Mendes Roma 1970

(Texto inserto no catálogo da Exposição)

O RELOGIO DESPERTADOR
CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA
Mudança de data ultra-rapida
EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

NA PROTECÇÃO DE EMPENAS, CONTRA A HUMIDADE E O SALITRE,
CHAPAS GALVANIZADAS
PROTECÇÃO TOTAL
FABRICO DA
SIDERURGIA NACIONAL, S. A. R. L.
Contacte com o seu fornecedor habitual

Continuação da pagina um

... O QUE ESCREVO. EU

dele e que não existe sem ele. Mas esta segunda condição de exclusão verifica-se paralelamente em relação ao autor; e a evidência que (n) ela é manifesta volta-se contra si própria. Duvide-se da evidência, pois — a Frase existe Só ou a Frase só existe para outro lado, para o ser falado o que diz —o qual é por definição escrita — ; a linearidade destruída... O apocalípse das intenções... O fim da Idade Denotativa...
Repito: a partir daqui não é possível ignorar a existência real de uma ruptura. A morte de Sujeito introduz a Frase Substantiva — o Nome ; é a súbita descoberta da vocação taxinómica do poema. Por outras palavras: quanto mais digo, menos nomeio — mas o excesso do Dizer, o dito absoluto, contém o Nome. As escavações posteriores a esta hipótese permitiram configurá-lo; o recorte das entrelinhas assemelha-se ao recorte do litoral, de onde se avista o horizonte (a atitude do observador é, portanto, análoga — não se vê a esfera, mas o esférico, no litoral; não se vê o Nome, mas o substântivo, no texto).

3

E agora que entrei na Ordem (a 3.ª parte — que contém as anteriores e que é Outra ; a conclusão ou a síntese é a única possibilidade que um raciocínio tem de não se fechar sobre si próprio). Posso resumir(-me). No desenvolvimento do processo dialéctico da divisão de 1 em 2 , encontro (aqui, em 3) a demonstração de que três se divide em 4. Trata-se de um salto qualitativo (na progressão de auto-conhecimento que este texto constitui) — como posso verificar pela seguinte nota, tomada em 4 de Abril de 1970 por mim próprio.

«Escrever sobre aquilo que se escreve, de um modo geral, vem a dar em efeito que (sic) pouco mais do que uma perífrase —o escritor está viciado pela sua própria escrita, e eu próprio (procurando embora um máximo de alteridade) sofro o defeito de uma construção que é a dos meus poemas e que aqui se me vem oferecer em tentação. Acabar por não dizer nada é, pois, o limite destes textos, com os quais vou acedendo a um «estilo», isto é, a um estereótipo da própria escrita dos meus poemas — eles (os textos) são o que está por detrás de muitas das minhas imagens, são a explicação ou comentário da imagem, e é por isso que a evidência da imagem ou a sua capacidade de provocar admiração (levar a olhar) é consideràvelmente reduzida. Se não renuncio a eles, porém, em proveito do poema, é porque constituem instantes privilegiados na preparação (e elaboração) do poema. Por isso o seu aspecto transitório ou inacabado — porque eles estão no limite da passagem ao poema, e só este poderá eficazmente superar a sua insuficiência poética (prática)».
Para o fim posso, portanto, enumerar: 1.º:
sofre-se a nostalgia do poema 2.º parte-se para o poema 3.º não há limites possíveis neste movimento (só um continuum, escrever, marca as duas últimas partes, enquanto que a primeira põe a condição necessária para que elas se verifiquem: «se desde o princípio tenho a intenção de escrever, não há limites para o que escrevo») — a intenção perde-se antes ainda de se manifestar na realidade, e para todos os lados de mim tudo está escrito na minha morte, para todos os lados de mim tudo está por escrever, tudo está em branco no principio e nos limites do que escrevo.
28 de Fevereiro de 1972, Lisboa

NUNO JÚDICE

1) a água, o líquido envolvido numa relação com um Eu Recipiente, marginal (. é, formando as margens), adopta múltiplas (charcos, chuva, mar, rios, neve, névoa) nunca exaustivamente referidas, cuja passividade móvel, transformável, recobre e oculta a presença passiva, móvel e transformável do Sujeito (Eu) na escrita

2) o «susto» - referência bibliográfica, em principio; ao adquirir espessura converte-se em Terror (noção mais literária). A repetição (o que me assuste) introduz vocativamente o Terror.

3) obstinação apenas aparente; a segurança com que escrevo deve-se a um mecanismo «incurável». Em 23 de Janeiro de 1971 pude escrever que «a leve impressão de medo apaga-me. Alio-me à indiferença, a um fio de mutismo separa-me da morte» ; por reacção afirmava depois - «para além de mim é o Caos!» (num fragmento não datado).

4) «Toda a realidade se escoa entre o sonho e a realidade do sonho. Não poderei nunca afirmar a minha convicção do Acordar, e resumir-me-ei a constatar a vigília que as palavras contaminam de incerteza».

NOTA SOBRE O TEXTO

Ao reler o texto que escrevi sob o título (rematado de um poema) «...O que escrevo. Eu», tento adivinhar o percurso que segui até Ele (até mim, também posso dizer). Se, cíclicamente eu sou o que se repete e se sucede na minha obra, se procede por evoluções de mim, ponho a possibilidade de algum dia me escrever a mim próprio - é isto que designo por tendência autobiográfica do poema.

Por outro lado, duvido sempre do que escrevo sobre mim; é o que se passa já ao nível de uma ficção, e que fàcilmente se converte em jogo. À pergunta - «quem sou?» - segue-se inevitàvelmente o modo pelo qual eu justifico a minha não resposta (mas a ambiguidade, ou o por explicitar dessa não resposta, é entendida por mim como a escolha de um ser ambíguo, que é todo aquele que escreve).

Se, eu, portanto, ao escrever sobre mim me decidisse pela ficção, pondo em cena um sujeito e as relações múltiplas que o sustentam numa determinada existência, teria fàcilmente a solução para usar o ponto final autobiográfico. Não o fazendo, prolongo-me pelas razões (positivas) de uma recusa, as quais por sua vez se convertem em múltiplos fragmentos pouco utilizáveis (pouco «úteis») - tentei recuperá-los, desta vez, arrancando-os ao tempo em que os escrevi e de que eles se separam.

O que fica de mim são, neste sentido, esses documentos (palavra a que associo aqui uma entoação irónica) que, juntamente com a correspondência, ficam definitivamente póstumos.

Praticar sobre mim próprio esse trabalho de exumação é, pois o resultado de uma in-diferença que me atinge, enquanto escrevo, de um outro - o Autor - em relação ao qual procedo por movimentos de curiosidade, de leitor; mas aqui tenho já a distinguir dois ser(es) - o ser escrito ser lido, duplos de mim próprio duplos também em mim próprio.

A estabelecer, portanto, um corte, por auto-imposição de disciplina, eu passaria à organização do que foi escrito, à fixação do texto, ao livro; na cúmplice (e dúplice) personalidade de autor, não tenho nada a dizer porque estou morto. Até lá, terei acaso escrito o que escrevo? Eu, é o que isto quer dizer, poderá alguma vez juntar em si quem escreve e quem escreve e quem é escrito?

A Identidade mantém-se na zona obscura que se estabelece entre os meus olhos e o papel em que escrevo. A sua abstracta opacidade poupa-me a Resposta.

«Plût au ciel que le lecteur, enhardi et devenu momentanément féroce comme ce qu'il lit, trouve, sans se désorienter, son chemin...»

Para o que é escrito, e também para algures.

Nuno Júdice

&etc

Continuação da página três

prido rigorosamente».

Acontece que no catálogo desta segunda exposição os organizadores levantam reticências. Porquê? Sigamo-los:

«Não tardou, porém, que essas esperanças (as de se cumprir rigorosamente o programa) **fossem profundamente abaladas.**

O mercado nacional de obras de Arte, até aí tão calmo, conheceu um movimento imprevisto. Às tradicionais galerias e aos leilões frequentados por um restrito número de coleccionadores veio juntar-se numeroso grupo de intermediários. Algumas antigas colecções desmembraram-se e foram surgindo outras.

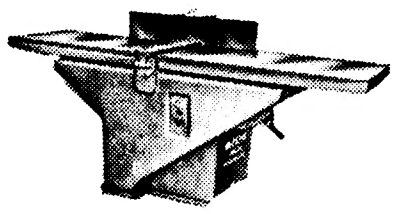
As transações sucedem-se em ritmo inusitado; iniciadas tantas vezes a partir de anónimos anúncios nos jornais, desconhecendo-se frequentemente tanto o comprador como o vencedor: A **equipa de inventariadores viu, assim, dificultados e naiguns casos até gorados muitos dos seus esforços para se desempenhar da missão que lhe fora confiada».**

Entretanto, num leilão realizado em Lisboa no passado dia 5, foram vendidos (a quem?) cinco quadros de Vieira da Silva, venda essa considerada pelos leiloeiros como **«uma pequena homenagem à sua estada em Portugal».** Verbas dispendidas: 180, 195, 275, 400 e 700 contos!

Legitimam-se as perguntas formuladas no catálogo da II exposição: **«Deveremos prosseguir na inventariação sistemática das obras de artistas portugueses em colecções particulares, apesar das enormes e, por vezes, invencíveis dificuldades encontradas? Deveremos continuar a realizar exposições periódicas, na sequência da que agora apresentamos, ou será preferível orientar os nossos esforços num sentido que melhor se coadune com a conjuntura que atravessamos e com outras necessidades mais prementes no campo cultural e social?»**

Dada a conjuntura, inclinamo-nos para a última hipótese. Se.

«MIDA»



Garlopa
Mod. GA

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

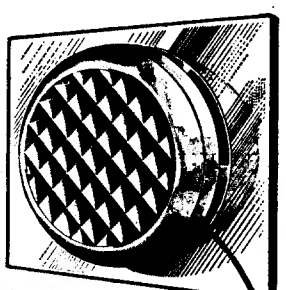
Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

VIAGENS ACOMPANHADAS
DE LISBOA A LISBOA
UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS A ITÁLIA ..... Esc. 6.970$00
Lisboa, Zurique, Milão, Veneza, Florença, Roma, Pisa, Génova, Milão, Zurique, Lisboa.
11 DIAS — CAPITAIS EUROPEIAS ..... Esc. 10.250$00
Lisboa, Paris Londres, Amesterdam, Bruxelas, Lisboa.
19 DIAS — PAÍSES DO LESTE EUROPEU Esc. 22.880$00
Lisboa, Bruxelas, Varsóvia, Moscovo, Leninegrado, Kiev, Budapeste, Praga, Zurique, Lisboa.
7 DIAS — UMA SEMANA EM PARIS ... Esc. 4.860$00
Lisboa, Paris, Lisboa.
15 DIAS — EUROPA ORIENTAL ..... Esc. 13.950$00
Lisboa, Bruxelas, Budapeste, Sofia, Bucareste, Beigrado, Praga, Zurique, Lisboa.
8 DIAS — TERRA SANTA ..... Esc. 10.890$00
Lisboa, Zurique, Tel Aviv, Tiberíades, Nazaré, Haifa, Cesarea, Jerusalém, Lugares Santos, Tel Aviv, Lisboa.
16 DIAS — BRASIL — DA AMAZÓNIA A S. PAULO ..... Esc. 33.780$00
Lisboa, Recife, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Quedas do Iguassu, S.Paulo, Lisboa
11 DIAS — NEW YORK ..... Esc. 11.400$00
Lisboa, New York, Lisboa.
16 DIAS — MÉXICO E NEW YORK ..... Esc. 28.990$00
Lisboa, México, Taxco, Acapulco, Mérida, Uxmal, New York, Lisboa.
29 DIAS — ÁFRICA ..... Esc. 36.950$00
Lisboa, Joanesburgo, Cidade do Cabo, Ondshoorn, Wilderness, Port Elisabeth, Durban, Lourenço Marques, Kruger Park, Beira, Parque da Gorongosa, Salisburia, Joanesburgo, Luanda, Lisboa.
Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada
Informações e reservas em:
Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

LIBERTE-SE DO AR VICIADO E CHEIROS DESAGRADÁVEIS



COM VENTILADORES

Vent-Axia

VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO AR CONDICIONADO

À VENDA EM TODO O PAÍS
AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.
PORTO-LISBOA

REVENDEDOR AUTORIZADO:
PROFOTO, LDA.
Rua de St.ª Justa, 25-1.º-LISBOA

literogramas

Título: **Écran 72**
Editor: **B and B éditions (Paris)**
Preço: **28$00**

TER OU NÃO TER

O **Ecran 72** surge duma cisão com **Cinéma 71** (hoje 72) e orgão oficial da Federação Francesa de Cineclubes. **Cinema 71** era das esquerdas e bem intencionado mas infelizmente só isso. A cisão dentro do corpo redactorial que deu origem à nova revista há-de parecer bizantina. Não se compreende aliás porque se lança uma nova publicação igualzinha à outra em conteúdo, reservando-se as modificações para o formato e para a paginação. Mas, enfim, destas pegas de esferográfica, destas guerrilhas vive a imprensa cinematográfica dos países que a têm.

E, no entanto, será de conhecer o papel importante que a imprensa, mais do que o livro da especialidade, representou na cultura cinematográfica, alimentando fogos sagrados, permitindo polémicas, estabelecendo justiças e injustiças, descobrindo autores, divulgando espectacularmente uma linguagem com infinitas possibilidades de renovação. Poder-se-á, hoje, falar em história do cinema sem falar em **Positif, Film Quarterly, Cahiers, Cinema Nuovo** e **Sight and Sound**? Sem tomar o pulso a influências, ódios, tomadas de posição, exegeses intermináveis. Nicholas Ray teria sido descoberto, mesmo pelos americanos (produtores inclùsive), se não tivesse sido apontado e enaltecido pela crítica europeia? E o trajecto estadunidense de Fritz Lang valorizado como foi quando os comentadores estalinistas escreviam que só tinha interesse o que ele realizara na Alemanha antes de Hitler? No caso de Lang parece-nos que, por exemplo, os **Cahiers** intervieram na altura própria, impedindo a consumação duma monstruosidade sectária.

A leitura da nova revista faz pensar, por outro lado, se não existirá vantagem em tornar mais acessível, mais clara a linguagem da cultura do cinema. Não nos parece que uma linguagem hermética, fechada sobre si próprio, traga vantagens mesmo na culta França onde as palhaçadas de Funes enchem as salas de exibição e, portanto, ainda existe todo um público a preparar.

Se considerarmos este aspecto, parece-nos que **Ecran 72** segue uma linha justa, desde que não faça coincidir simplicidade com mediocridade e clareza com falta de penetração crítica.

Concepção de cinema? Rui Nogueira afirma que é... «Gary Grant acendendo o último cigarro de Thomas Mitchell em **Only the Angels have Wings**; Alain Delon, o olhar perdido no vazio, ao volante do automóvel roubado em **Samouraï**; etc, etc.

E nós diríamos que essa concepção de cinema que aceitamos se prolonga a Sterling Hayden segurando inesperadamente um copo que rola pelo balcão em **Johnny Guitar**, a Jean-Pierre Léaud vendo a mãe beijar um tipo à saída do metro em **Os Quatrocentos Golpes**, às travessuras de Paula Prentiss em **O Desporto Favorito dos Homens**, à sesta indiana de **O Rio**, de Jean Renoir, ao carro que sùbitamente fica imóvel com o motorista fulminado no meio de outros que arrancam à luz verde em **Mabuse**, aos encadeados invasores de George Stevens em **Um Lugar ao Sol**, a J.P. Belmondo e Jean Seberg descendo os Campos Elíseos em **A Bout de Souffle**. O cinema é essa maneira de ver diferente, esse modo rápido de agarrar em movimento um pormenor significativo, a revoada lírica de Mizoguchi, o sopro épico de Sergei Eisenstein, Gene Kelly encadeando **A Rose is a Rose** em **Serenata à Chuva**, Orson Welles passando um cigarro a Rita Hayworth no carro de cavalos do Central Park em **A Dama de Xangai**.

E indispensável que as revistas teorizem, formem espectadores, protestem contra certas práticas inquietantes de produtores e também de distribuidores e exibidores, façam um trabalho de levantamento de autores e filmes injustamente esquecidos (as chamadas obras «malditas»). Mas também é preciso não perder de vista o maravilhamento — esta palavra existirá? — que o cinema pode e deve provocar na sensibilidade e que o faz diferente de tudo o resto.

Neste duplo sentido, uma publicação como **ECRAN 72** pode vir a ter a sua utilidade.

E nós? Quando teremos uma revista de cinema? Ainda recentemente, lendo o soberbo artigo de A.P. de Vasconcelos sobre **Tristana**, na **RT**, perguntávemos que maldição impedirá a saída duma revista, ou melhor o aparecimento duma revista que tanta falta faz...

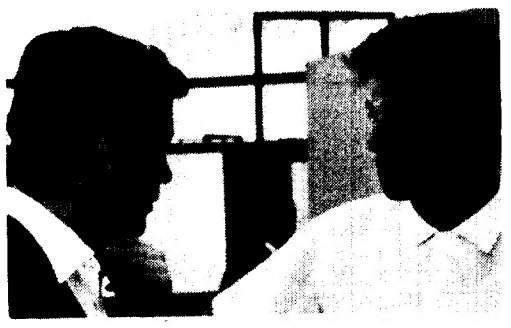
JVP

TÍTULO: **NIKIAS SKAPINAKIS**
AUTOR: **FERNANDO PERNES**
EDITOR: **ARTIS**
COLECÇÃO: **ARTE CONTEMPORÂNEA**
N.º PAGS.: **12, MAIS REPRODUÇÕES**
PREÇO: **70$00**

NIKIAS EM ANÁLISE

Este pequeno estudo sobre a obra de Nikias Skapinakis, integrado no décimo nono volume da colecção acima indicada, articula-se entre a análise interpretativa de alguns objectos fundamentais na produção do autor e o reconhecimento das fases mais nítidas que definem o sentido essencial dessa produção. Para Fernando Pernes, são três as fases referidas: a primeira seria caracterizada «por dominantes ingénuas e populistas» a segunda surgiria «com a consciencialização abstracta da superfície» e a terceira integraria a «sobreposição de figuras e formas a fundos opacos», bem como o «contraste entre o monocromático liso das superfícies e a vibração luminosa de amplas manchas recortadas».

Esta é, sem dúvida, uma divisão possível da evolução da forma plástica em Nikias Skapinakis. No entanto, não nos parece enunciada da melhor forma. Na verdade, a cada fase corresponde uma referência cuja substância não se baseia num critério de análise homogéneo. Em relação à primeira fase, o crítico partiu sobretudo de uma abordagem ao apelo temático; na segunda, o enunciado situa-se num problema de resolução definido em torno da realidade abstracta do plano;



Fernando Pernes com Rui Mário Gonçalves

e na terceira; o juízo aparece baseado na descrição do caracter morfologico da pintura. Nesta ordem de ideias, o estudo de Fernando Pernes, ao contrário de outros trabalhos de análise crítica que o autor tem produzido, não nos parece bem organizado do ponto de vista metodológico. Ele tem, no entanto, a vantagem de se articular, após a enunciação daquelas três fases, segundo uma linha cronológica que nos ajuda a perceber a profunda coerência da evolução do artista, apontando com suficiente clareza as suas principais motivações, a sua inserção num espaço social e cultural que é inequivocamente português, iluminando ao mesmo tempo um dos aspectos mais significativos da obra em questão: a sua capacidade de reflectir os valores temporais; ecoando «antigas vozes de tradição», sem deixar de se refazer, de se repensar, no plano estético. Para Fernando Pernes, a memória do passado, a consersação dos meios técnicos e a aprendizagem do tempo que habitamos são coordenadas definidoras, e fundamentais, do espírito que anima a obra pictórica de Nikias Skapinakis. A ela se aplicaria em parte o sentido de uma afirmação de Picasso — «a modernidade de um pintor vale o peso do passado que ele traz dentro de si».

Nesta perspectiva crítica, a obra em referência é abordada com base em duas verificações decisivas: por um lado, ela seria efectivamente portuguesa no seu compromisso temático e na sua formulação poética, e por outro seria produto de uma elaboração visual actualizada em torno de valores tradicionais cuja substância ajuda a esclarecer o sentido das nossas escolhas. Estruturando desta forma a sua análise, Fernando Pernes descreve os momentos agudos da produção de Skapinakis de acordo com o escalonamento das fases acima propostas, procurando estabelecer as relações entre a obra estudada e a perspectiva sócio-cultural em que ela sucessivamente se foi gerando. Para além disso, o trabalho crítico de Fernando Peres sublinha ainda os pontos de encontro mais significativos entre a pintura de Nikias Skapinakis e as correntes estéticas que na Europa se produziram entretanto, marcando algumas conexões possíveis com autores estrangeiros, sobretudo Morandi.

R.S.

TÍTULO: **O TEATRO POPULAR PORQUÊ?**
AUTOR: **EMILE COPFERMANN**
TRADUTOR: **MARIA HELENA CURADO E MELO**
COLECÇÃO: **TERCEIRA COLECÇÃO**
EDITOR: **PORTUCALENSE EDITORA**
PREÇO: **45$00**

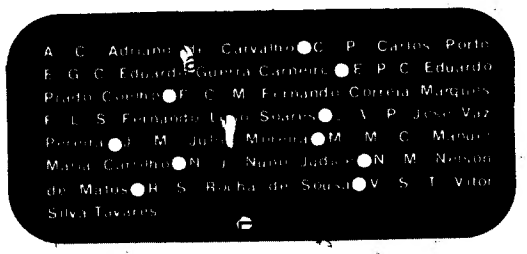
TEATRO DOS OUTROS

Agora que Georges Wilson foi afastado do Theâtre National Populaire — e assim se põe fim, um tanto inglòriamente, à fórmula criada por Jean Vilar — é altura de repensar o problema do teatro popular (em França, claro). Para isso, existe em português, e recentemente publicado, um texto fundamental; o livro em epígrafe. Emile Copfermann é uma testemunha preciosa pois esteve ìntimamente ligado a uma das experiências mais importantes originadas na proposta do T.N.P.: a de Roger Planchon com o «Théatre de la Cité», em Villeurbane (Lyon).

Teatro popular. Teatro para o povo. Que teatro? Parafraseando uma passagem deste livro, poderá dizer-se que a fórmula teatro popular enferma de um mal de raíz: para ser popular terá que ser livre, **livre dentro de um quadro repressivo.** Foi essa contradição fundamental que Jean Vilar tentou vencer mas quando o fundador do T.N.P. pediu a demissão sabia-se que tinha perdido a aposta: tal facto, porém, não nos deve fazer esquecer o que houve de belo e de exaltante na sua obra e na sua luta.

Outras iniciativas surgiram. A de Roger Planchon, uma das mais brilhantemente realizadas, nasceu, ao mesmo tempo, de Vilar e de Brecht. Junho de 1954, O Berliner Ensemble, dirigido por Bertold Brecht, apresenta-se em Paris. Trata-se de uma data essencial na evolução do teatro ocidental. Em 8 de Julho, Roland Barthes escreve no «France-Observateur» que finalmente descobria um teatro à altura da história, à altura do nosso tempo.

Ler «O Teatro Popular Porquê?» é percorrer o itinerário de um processo insuficientemente exemplar, é compreender o mecanismo de uma sociedade que não pode aceitar a existência de um teatro, de facto, teatro, de um teatro popular, de facto popular. Redactor de «Partisans», ex-crítico das «Lettres Françaises», colaborador de Roger Planchon, director de «Travail Théatral», Copfermann pergunta e responde, servindo-se para isso de outros exemplos, como os de Piscator e de Brecht. O seu livro fala ainda dos críticos e da crítica, do teatro de amadores, do futuro. Vale a pena mesmo para aqueles que não se interessam muito pelo teatro pela simples razão de que o teatro surge sempre ligado aos problemas mais importantes de homem em sociedade.

Tradução frequentemente de má leitura.

C.P.